

SERÕES

REVISTA MENSAL
ILLUSTRADA



SUMMARIO

A ARCHITECTURA DA RENASCENÇA EM PORTUGAL — UM COSMOGRAPHO DO SECULO XV. — VINTE DIAS NA RUSSIA — UM SONHO D'OURO — A VIDA DOS METAES — DIALOGO MUNDANO — PROLOQUIOS GLOSADOS — O SOLO D'UM PAIZ OU SADAMENTE BROCADO — O COLLAR DE RUBIS — MODAS — VARIEDADES.

VOL. IV

OUTUBRO — 1903

NUM. 22

Administração: 7, Calçada do Cabra, Lisboa

Preço 200 réis

SUMMARIO

	Pag.
OFFERTA Á ESTATUA DO AMOR. — <i>Quadro de A. ROSLIN</i>	186
A ARCHITECTURA DA RENASCENÇA EM PORTUGAL. — (<i>Continuação</i>) — <i>Por ALBRECHT HAUPT.</i> — <i>Com 8 illustrações</i>	187
UM COSMOGRAPHO DO SEculo XV. — <i>Por ANTONIO FERREIRA DE SERPA</i> — <i>Com 5 illustrações</i>	195
FIM DO ESTIO. — <i>Quadro decorativo de R. COLLIN</i>	204
VINTE DIAS NA RUSSIA. — <i>Por Z. CONSIGLIERI PEDROZO</i> — <i>Com 7 illustrações</i>	205
UM SONHO D'OURO. — <i>Exploração do rio Tibre</i> — <i>Com 3 illustrações</i>	222
A VIDA DOS METAES. — <i>Segundo KUMAR GHOSH</i> — <i>Com 6 illustrações</i>	225
DIALOGO MUNDANO. — <i>Das memorias de SIMPLICIO SAMPAIO</i> — <i>Com 3 illustrações</i>	231
PROLOQUIOS GLOSADOS. — <i>Por COSME</i>	236
O SOLO D'UM PAIZ OUSADAMENTE BROCADO. — <i>Com 5 illustrações</i>	237
O COLLAR DE RUBIS. — <i>Romance com 2 illustrações</i>	240
MODAS. — <i>Com 2 illustrações</i>	247
VARIEDADES. — MEMENTO ENCYCLOPEDICO. — NECROLOGIA. — CONHECIMENTOS UTEIS — PROBLEMAS. — DAMAS E XADREZ.....	25

43 GRAVURAS

AVISO. — N'esta administração vendem-se pelo preço de 400 réis, cada uma, capas em percalina, propriedade dos SERÕES, segundo a lei, destinadas ao I, ao II e ao III volumes da Revista. Por cada encadernação, de que tambem se encarrega, acresce mais 100 réis, e nas remessas de volumes pelo correio acresce ainda 100 réis de porte.

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

Os senhores assignantes de **Lisboa** e do **Porto** podem satisfazer o preço do numero no acto da entrega ou pagar adiantadamente **uma serie de 12 numeros**, tendo n'este caso a redução do preço a **2\$200 réis**, o que equivale a receber *gratuitamente* um numero da serie.

Os senhores assignantes de qualquer outra **terra do paiz, ilhas e possessões portuguezas** poderão inscrever-se (pagamento adiantado) por :

Series de	{	3 numeros	600
		6 numeros	1\$200
		12 numeros	2\$200

Para os paizes da **União Postal**, por **serie de 12 numeros** (pagamento adiantado), **3\$000 réis**, moeda portugueza. Para o **Brazil** (moeda brasileira), **18\$000 réis** por serie de 12 numeros, pagamento adiantado.—Numero avulso **1\$500 réis** (moeda brasileira).

Assigna-se em todas as livrarias do paiz, e em todas as estações postaes; vende-se avulso em todos os lugares do costume e na

Administração dos SERÕES, em Lisbôa, Calçada do Cabra, 7

Os **SERÕES** teem publicado as seguintes **MUSICAS PARA PIANO**

- Gavota**, por AUGUSTO MACHADO. — **Numero 1.**
A Resurreição de Christo, *Oratoria*, por D. LORENZO PEROSI. — **Num. 2.**
Rachel, *Valsa*, por LAURA ESCRICH. — **Num. 3.**
Folha d'Album, por OSCAR DA SILVA. — **Num. 4.**
Feiticeira, *Valsa*, por EDUARDO BOEYÉ DE PASCAL. — **Num. 5.**
O que dizem as ondas, *Valsa*, por IZABEL DE CAMPOS PIDWELL. — **Num. 6.**
Meditação, *Mazurka*, por VISCONDESSA DE FARIA PINHO. — **Num. 7.**
Romanza, por A. BRINITA, (*D. Maria Bravo*). — **Num. 8.**
O Tição Negro, *Serenada do 1.º acto*, por AUGUSTO MACHADO. — **Num. 10.**
Dansons! *Pos-de-quatze*, por M. JULIA LOUREIRO DE MACEDO. — **Num. 11.**
Rapsodia d'Agueda, (*Musica popular*). — **Num. 12.**
Le Ballet du Roy, *Gavota*, por LULLY. — **Num. 13.**
Gipsy, *Valsa*, por C. L. — **Num. 14.**
Maria da Gloria, *Valsa*, por CARLOS PINTO COELHO. — **Num. 15.**
Minuete, por J. P. RAMEAU — **Num. 16.**
Luisette, *Valsa*, por F. DE BORJA ARAUJO. — **Num. 17.**
Minuete, por J. B. LOLLY — **Num. 18.**
Descantes, por AUGUSTO MACHADO. — *Versos de J. de Souza Monteiro*. — **Num. 19**
Absorta, versos por JOSÉ DE SOUZA MONTEIRO, musica de M. GRISALDE. — **Num. 20.**
Ballada Portugueza por JOSÉ D'AGUEDA. — Composta para piano e canto, por D. Franco; — **Num. 21.**

NUNES & NUNES
 CAMBIO E PAPEIS DE CREDITO
 95, Rua do Ouro, 97

"A MODA"
 João José Martins
 MODAS E CONFECÇÕES
 172, Rua do Ouro, 174
 LISBOA



Acaba de apparecer:

CARTA CHOROGRAPHICA DE PORTUGAL

CONTENDO A
 DIVISÃO ADMINISTRATIVA POR CONCELHOS
 E
 O ESTADO DA REDE FERRO-VIARIA
 E DAS ESTRADAS ORDINARIAS NO FIM DO ANNO DE 1901
 COORDENADA POR
JOSÉ A. F. DE MADUREIRA BEÇA
Engenheiro civil, chefe do serviço do recenseamento geral da população de Portugal
 NA ESCALA DE 1 × 500.000

1 folha medindo 1 ^m ,30 × 0 ^m ,90, impressa a 12 cores em magnifico papel velino	Reis 1:000
Collada em tella, envernizada e reguas, para pendurar	» 2:000
» » » e dobrada, em pasta de 0,19 × 0,14.	» 1:800

Este mappa mural o mais perfeito, nitido, exacto e completo que se tem publicado, vem preencher uma lacuna que de ha muito se sentia já nas **Escolas**, já nos **Escriptorios e Repartições publicas**, já na **habitação** de cada um.

A's indicações inherentes as melhores cartas, como **Limites dos concelhos, districtos e provincias, serras, rios, bispados e arcebispos, fortificações, sede das divisões militares**, etc., etc., juntou-se ainda:

O **traçado das estradas em 31 de dezembro de 1901** — indicação utilissima que pela primeira vez se publica n'esta escala d'uma forma tão completa.

Um **quadro chorographico e detalhado da Metropole portuguesa**.

A **lista dos concelhos por districtos e provincias** indicando o numero de **freguezias e de habitantes** que as constituem, referido a **1 de dezembro de 1900** (resultado do ultimo censo).

TODOS OS PEDIDOS SÃO IMMEDIATAMENTE SATISFEITOS DIRIGINDO-SE A
MANUEL GOMES, LIVREIRO EDITOR
 RUA GARRETT (CHIADO), 61 — LISBOA

LOPES, LOURENÇO & C.^{TA}

Proprietarios da CASA AMIEIRO

Confecções
para
homem
e
senhoras



Sortimento
completo
de
tecidos
de
novidade

45, Rua Ivens, 47, 1.^o

ESPARTILHOS

Novos modelos

Exclusivo da CASA DE MODAS

LOPES DE SEQUEIRA

ANTONIO JOSÉ CORREIA

Retratos em todos os tamanhos

PHOTOGRAPHIA UNIÃO

Toma-se conta de todos os trabalhos photographicos

Rua do Limoeiro, 10 e 10-A, LISBOA

Os **SERÕES** teem publicado os seguintes

MYSTERIOS DA HISTORIA

Narrativas dramaticas de casos, incompletamente sabidos, que deixam entrever enigmas crueis do coração humano, motivos de psychologia complexa que desenham caprichosos entrelaçamentos de paixões e de interesses.

Tragedia em Napoles (Joanna, rainha de Jerusalem e da Sicilia). — **Num. 2.**

O collar da Rainha (Maria Antonietta e o cardeal de Rohan). — **Num. 3.**

Tragicos destinos (Maria Stuart e David Rizzio). — **Num. 4.**

Predicção historica (Assassinio de Henrique IV). — **Num. 5.**

O cabaz de pecegos (Morte do papa Alexandre VI). — **Num. 6.**

Vingança de Rival (Filippe II de Hespanha e a morte de Escovedo). — **Num. 7.**

A torre de Londres (Jayme I de Inglaterra, e o conde de Somerset) **Num. 8.**

Tragica historia d'um csar (O aventureiro Demetrio). — **Num. 9.**

Romance d'um principe (Filippe II de Hespanha, e seu filho D. Carlos). — **Num. 10.**

Curiosa confissão d'um rei (Carlos IX e o assassinio de Coigny). — **Num. 11.**

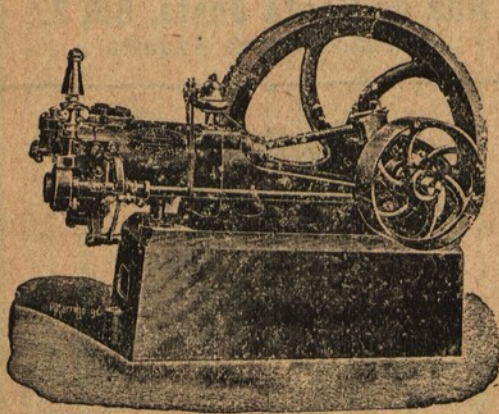
Fatal entrevista (A morte de Francisco Borgia, duque de Gandia). — **Num. 12.**

O serralheiro do rei (Luiz XVI e Gamain). — **Num. 14.**

Carlos Corrêa da Silva

RUA SERPA PINTO, 24 = LISBOA

DEPOSITO DE MACHINAS INDUSTRIAES



MOTORES A GAZ

CROSSLEY

TINTAS DE IMPRENSA

DE

CH. LORILLEUX & C.^a

Materiaes para typographia e lithographia

Le Tricot Russe

ELASTICO

Hygienico

E

Elegante



—Quem falla?...
—.....

—Se estou satisfeita com o **TRICOT RUSSE?**
Estou maravilhada e não usarei d'outro, fique certo.

REMY, BAULEY & C.^{ie}, Troyes

Representante em Lisboa, *Alfredo Ramos*, Rua da Conceição (vulgo dos Retrozeiros), 70, 2.^o
A' venda em todas as casas de novidades.

PASTILHAS PERFUMADAS

MARCA «SANO»

FABRÍCO APERFEIÇOADO

Réis 180, cada caixa de seis pastilhas

A VENDA SÓ NA

ANTIGA DROGARIA BARREIRA

105, RUA DE S. ROQUE, 107

LISBOA

MOBILIAS Vendem-se de salas, quartos e casas de jantar.

PREÇO BARATO

82, Rua Nova da Trindade, 82

TYPOGRAPHIA ↗

EDUARDO ROZA

2^a, Rua da Magdalena, 31 (Em frente da Rua dos Bacalhoeiros)

Impressos para o commercio, bancos, companhias e associações. Preços os mais resumidos de Lisboa. Execução rápida é nitida.

Colchoaria e moveis de ferro

10, Largo do Rato, 11
ESTEVAO DA SILVA

LOPES DE SEQUEIRA

CASA DE MODAS
Rua Ouro, 285 a 293, Lisboa

João Nunes de Carvalho

**COLCHOARIA
E MOVEIS DE FERRO**
62, Rua do Loreto, 64 — Lisboa
(Esquina da Rua da Atalaya)

SATURIO PAIVA Cirurgião dentista, pela Escola de Paris. Doenças da bocca. Collocação de dentes.

Rua de Santa Justa, 60, 2.º
(Esquina da rua Augusta)

ASPHALTO NACIONAL

DE
MARQUES & DOMINGUES
Encarrega-se de trabalhos em Lisboa e provincias
TRABALHOS GARANTIDOS
33, POÇO DO BORRATTEM, LISBOA

M. A. BRANCO & C.ª

PAPELARIA PROGRESSO
LISBOA — 151, RUA DO OURO, 155
OFFICINAS A VAPOR: *Rua do Crucifixo, 60 a 66*
Gravura heraldica e commercial — Carimbos de borra-
cha — Typographia e lithographia — Bilhetes de visita.

Medalha de ouro, Paris, 1900.
Diploma de honra, Exposição de pomologia,
Lisboa, 1900

CASA FUNDADA EM 1792

JERONIMO MARTINS & FILHO

FORNECEDORES DA CASA REAL

LOJA DE CHÁ

CHIADO, 17 E 19

ARMAZEM DE VIVERES

CHIADO, 13 E 15

Fornecedores de mantimentos para navios
Deposito de latas, caixas com fructas para exportação
Numero telephonicó 221
Endereço telegraphico **Viveres LISBOA**



SELLAS

De todas as colonias, antigos e modernos, pagam-se por altos preços na antiga casa de Faustino A. Martins, Praça Luiz de Camões, 35, Lisboa.

N'esta mesma casa ha a colleção mais importante de bilhetes postaes illustrados, de Portugal, ao preço de 200 réis a duzia ou 17500 réis o cento.

Livraria do Telegrapho

Unica no districto da Horta

Recebe publicações á consignação. Faz propaganda de livros offerecidos, pois é editora do unico jornal diario do districto com larga circulação.

Dão-se referencias

MOBILIAS E ESTOFOS

MENDES & C.ª

221 a 227, RUA DA PRATA, loja e 1.º andar
LISBOA

Mobílias em diferentes generos.—Papeis pintados.—Estofos, cortinas, stores, galerias, espelhos, tapetes, oleados e todos os artigos para adornar casas.



OFFERTA Á ESTATUA DO AMOR. — QUADRO DE A. ROSLIN. (Conhecido pelo nome de «O Vestido de Setim»)

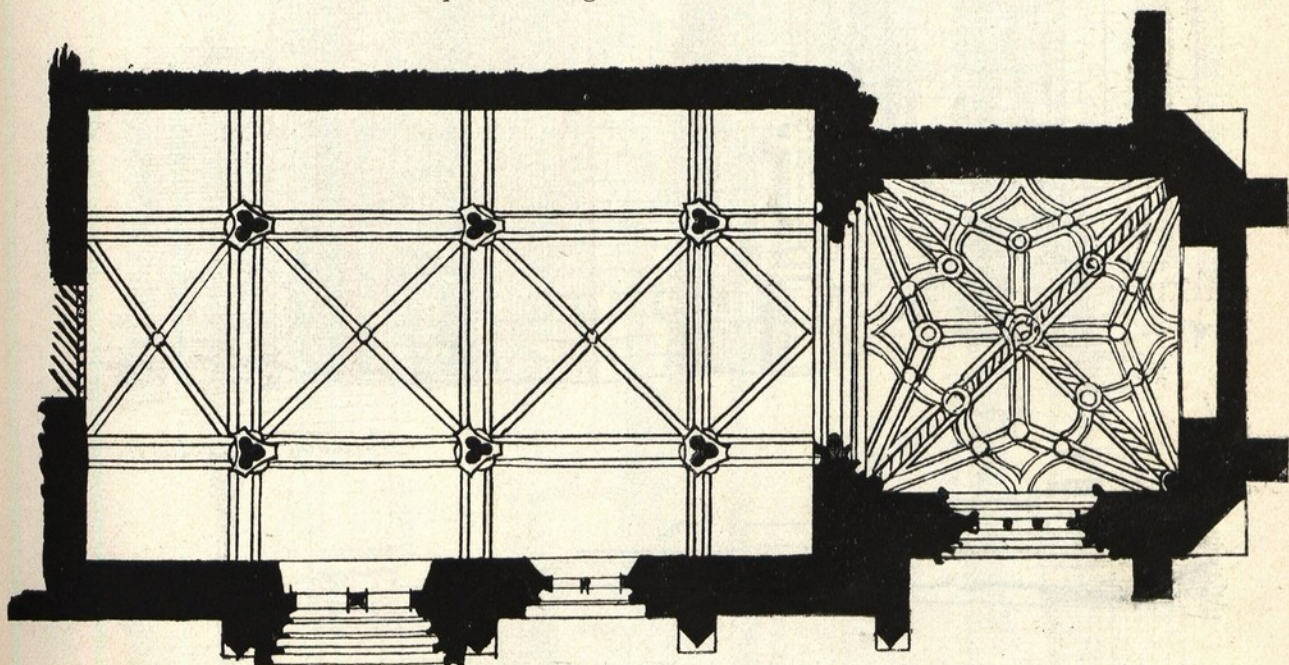
A Architectura da Renascença em Portugal

POR ALBRECHT HAUPT

MONUMENTOS DE SETUBAL, DE ALEMQUER E DE SANTAREM

ENTRE as cidades proximas de Lisboa algumas podem ser citadas, como tendo em seus monumentos uma certa dependencia com os da capital. Com razão se pôde dizer isto de Setubal, cidade que dista algu-

de um trabalho de Boutaca e o mais antigo do novo estylo. Foi fundado em 1490 por Justa Rodrigues, ama d'el-rei D. Manuel. Ajudava D. João II a construcção e d'aqui derivou seu incremento, como tambem o fa-



Planta da Igreja de Christo em Setubal

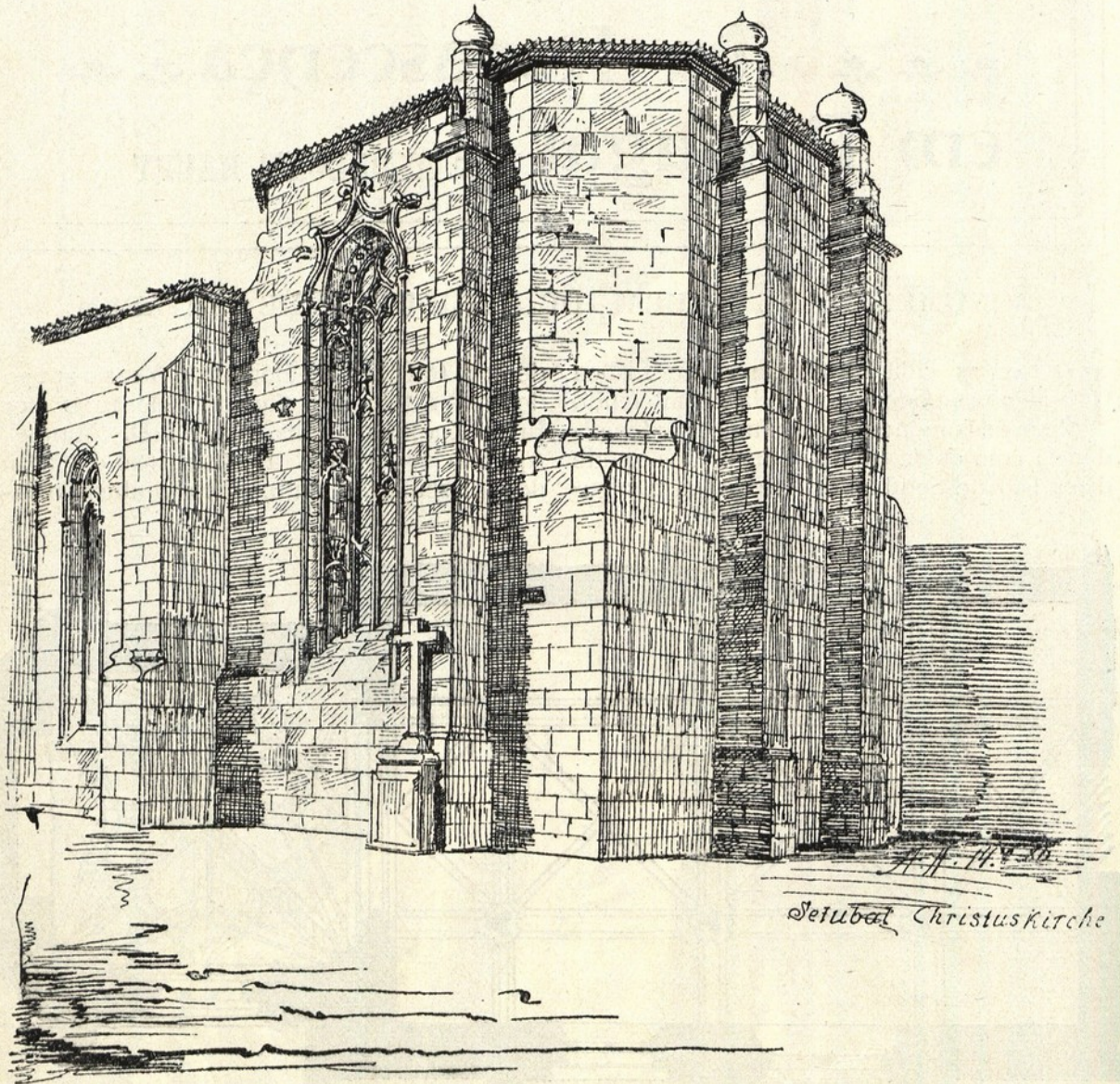
mas leguas ao sul de Lisboa, e foi, sobretudo no reinado de D. João II, diversas vezes residencia da côrte. O terremoto fez ali ainda maiores estragos que em Lisboa, de maneira que quasi nada ficou dos esplendidos edificios da antiga cidade e porto de mar. Apenas escapou da ruina o mosteiro de Christo, para nós muito importante como afirmação

brico d'um modelo em madeira. Em 1495 a capella-mór estava acabada, a obra da igreja finalizou no reinado de D. Manuel. A sacristia e a sala do Capitulo foram construidos no tempo de Filippe II.

De todo o edificio poude o autor apenas vêr a igreja, a qual é muito pequena e graciosa, mas de planta muito original e curiosa

na fôrma; é uma igreja de tres naves, em abobadas, e capella-mór quadrada, fôrma esta que apenas tem igual a de Belem. A nave compõe-se de tres vãos e meio, estando

apresenta no todo bôas e felizes proporções, apesar do desageitado feiço da construcção. A capella-mór recebe luz por meio de uma grande janella do topo, cujos entrados são



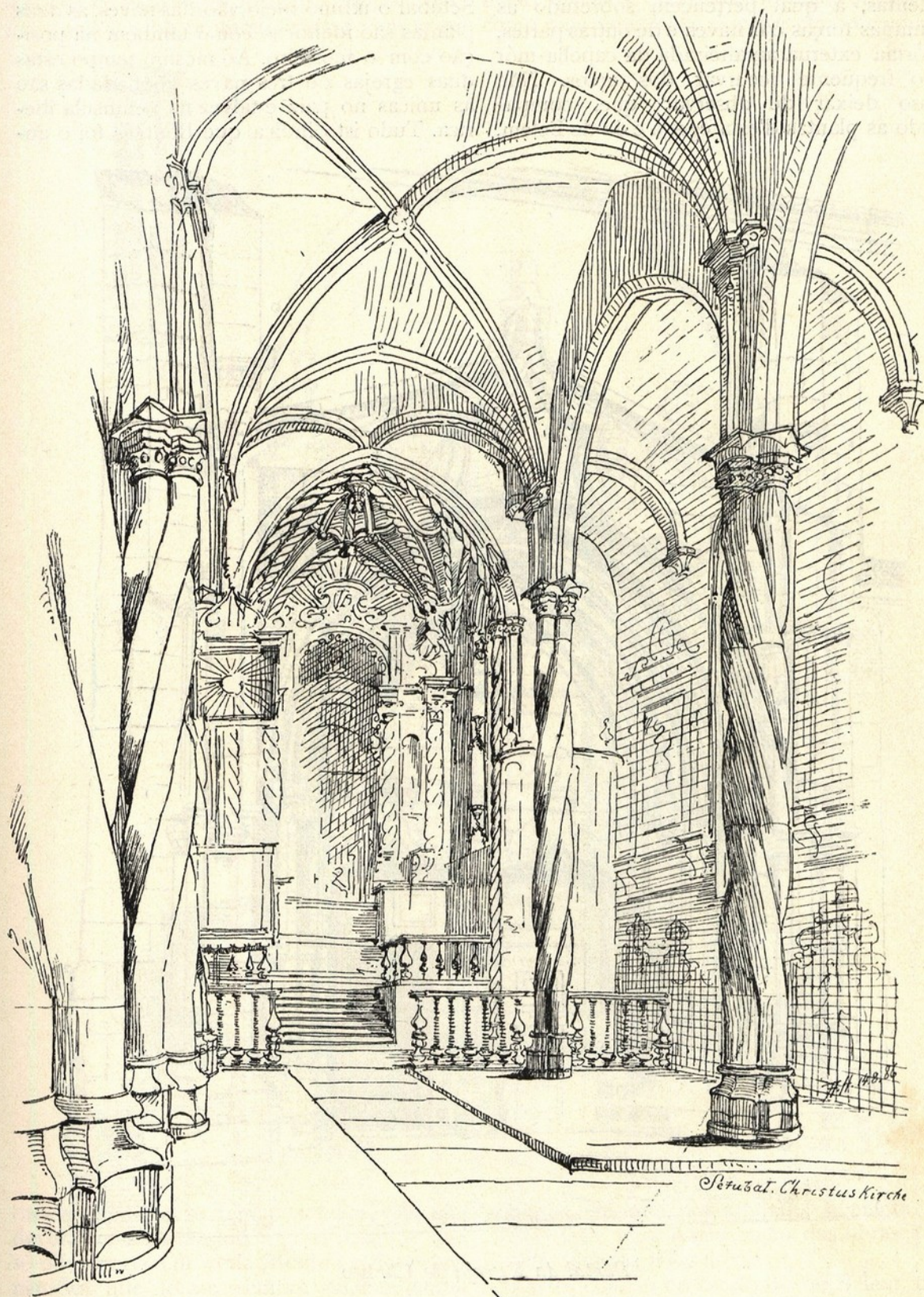
Exterior da Capella-Mór da Igreja de Christo

este do lado do arco da capella-mór; a nave central é coberta de simples abobada, as lateraes por uma especie de meios toneis a subir para a nave central. A capella-mór, mais alta, pouca ligação tem exteriormente com a nave de maneira que parece uma construcção separada com cupula independente. Os pilares da nave são compostos de columnas em tres quartos, que se torcem até ao capitel simples, fôrma muito original mas parecendo pouco firme. A sumptuosa abobada da capella-mór faz grande effeito com as suas nervuras caneladas e reforçadas por uma moldura torça. O espaço interior

adornados de molduras, baldaquinos e consolas; porém a nave recebe luz menor e mais modesta. O côro das freiras abre-se do lado occidental e é externo. O mais bello adorno da igreja reside nos doze grandes quadros que recobrem as paredes da capella-mór e das naves; são do habil pincel d'um mestre dos primeiros annos do reinado de D. João III e estão mettidos em molduras do seculo XVII ricamente entalhadas e douradas. O luxuoso altar-mór data tambem d'este seculo.

O exterior do edificio é de effeito pouco harmonioso, por causa do contraste entre as

naves e a capella-mór; esta ultima ainda vão das naves, entre pilares de reforço mos-
acresce mais o seu caracter independente tra ainda fórmas do gothico dos ultimos

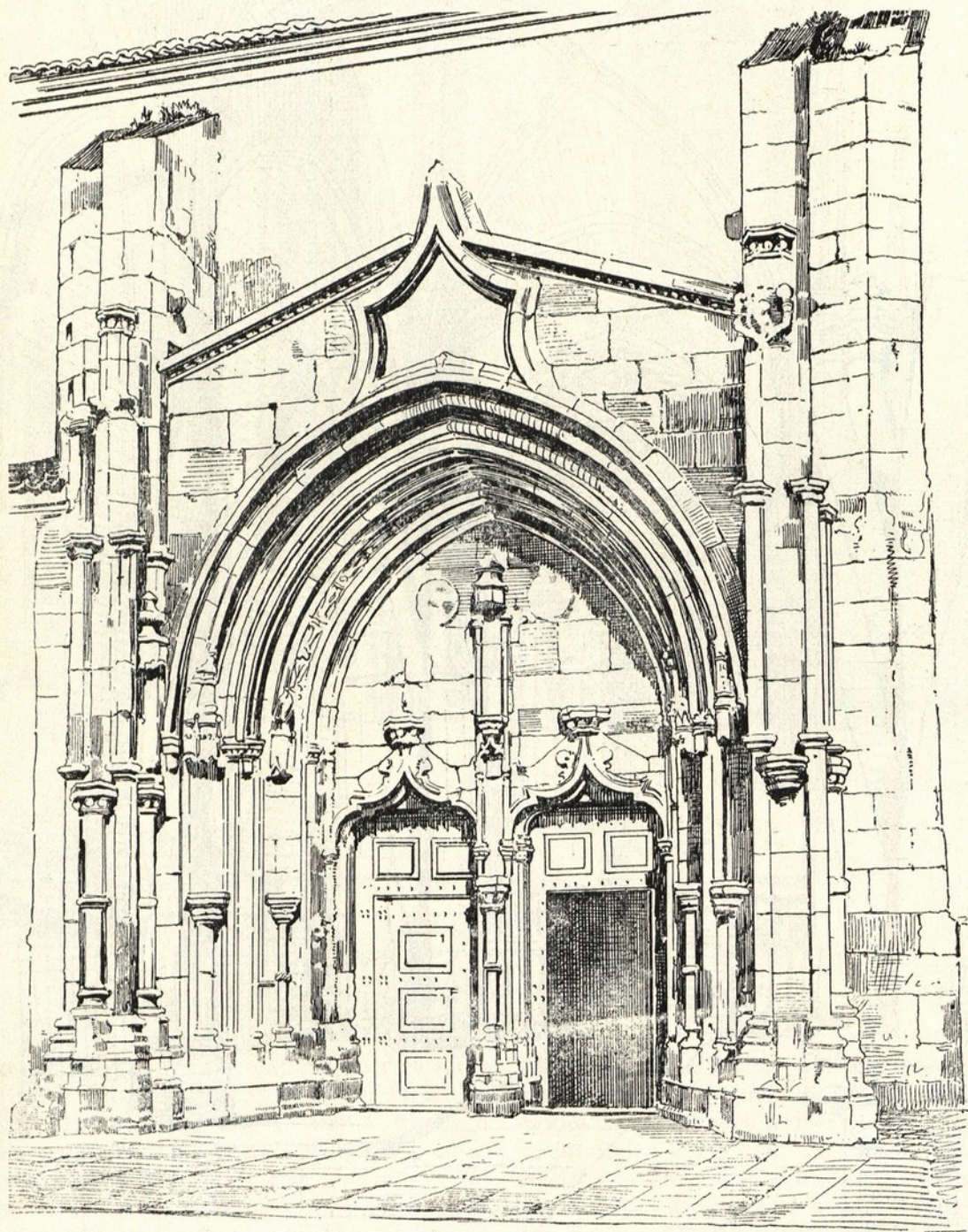


Interior da Egreja de Christo

pelos gigantes e pelos angulos cortados. O tempo. Comtudo temos aqui uma obra bem bello portal, rasgado em frente do segundo differente do estylo gothico vulgar, uma obra

em que se vê aflôr uma nova tendencia de effeito muito pitoresco e por vezes de fórmias violentas, á qual pertencem sobretudo as columnas torças das naves e de outras partes, a fórmula externa amaneirada da capella-mór e o frequente recurvar dos arcos. Não póssó deixar de observar que, comparando as plantas d'esta egreja e da de Belem,

como encontrámos em Setubal, e se pozermos de parte em Belem a nave transversal e em Setubal o ultimo meio vão das naves, as duas plantas são idênticas como também na posição com o mosteiro. Ao mesmo tempo estas duas egrejas de tres naves abobadadas são as unicas no paiz e talvez na península ibérica. Tudo isto indica que Boutaca foi o au-



Portal da Igreja de Christo

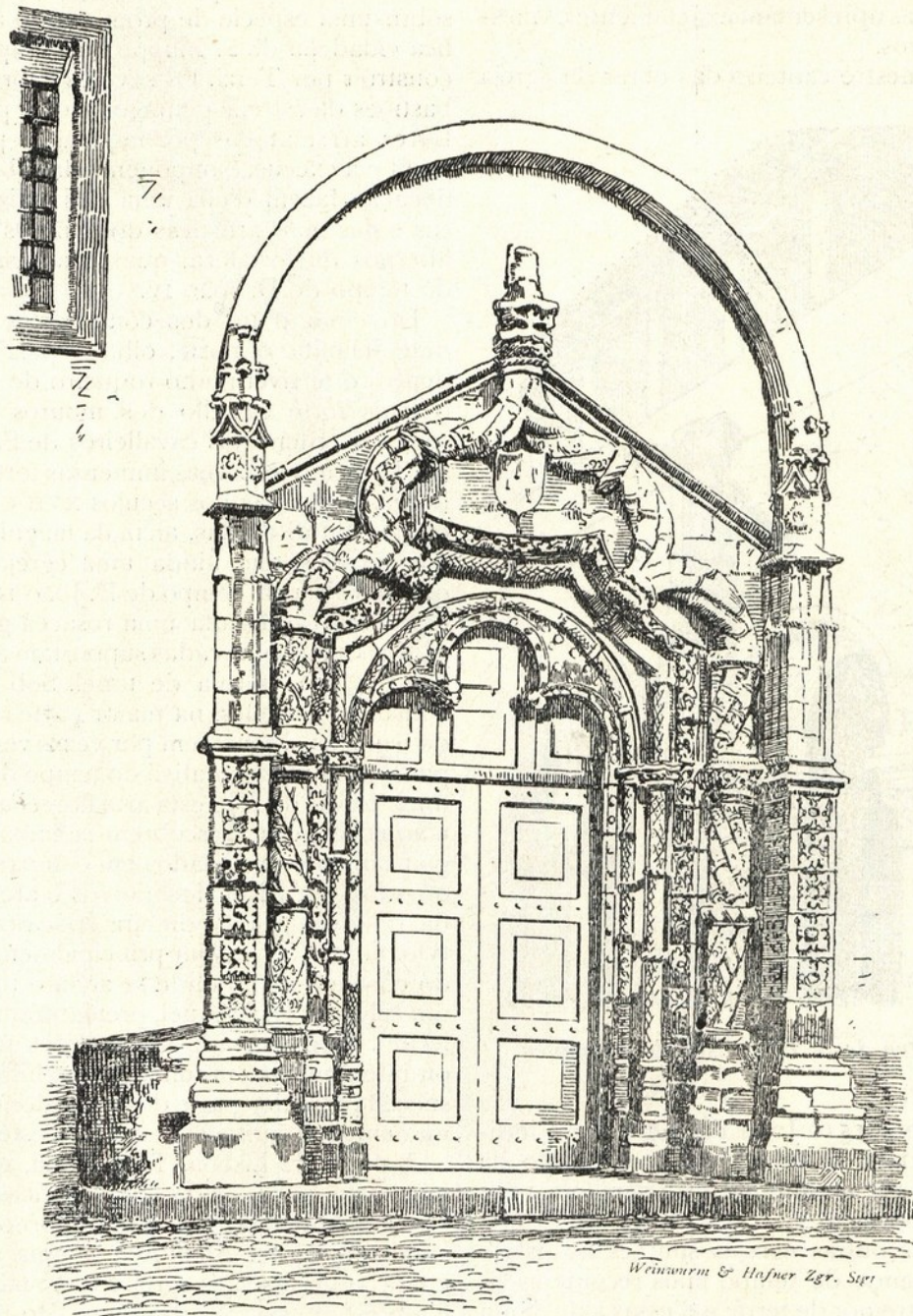
muitos indícios confirmam uma íntima analogia entre ambas. Se imaginarmos a nova capella-mór de Belem substituída por um quadrado com grandes pilares de reforço,

tor da planta e do primeiro desenho do mosteiro de Belem.

Que a igreja de Setubal póde ser attribuída ao mestre está confirmado por diversas ma-

neiras. Como sabemos das noticias a seu respeito, elle gozou de uma grande consideração e em 1511 foi creado cavalleiro da casa real; em 1498 foi-lhe promettida uma pensão se

Arzilla, Ceuta, Tanger, de levantar plantas e de traçar projectos etc. Occupado de tantos e tão diversos trabalhos, devemos suppô-lo como uma especie de director geral de cons-



Portal de S. Julião de Setubal

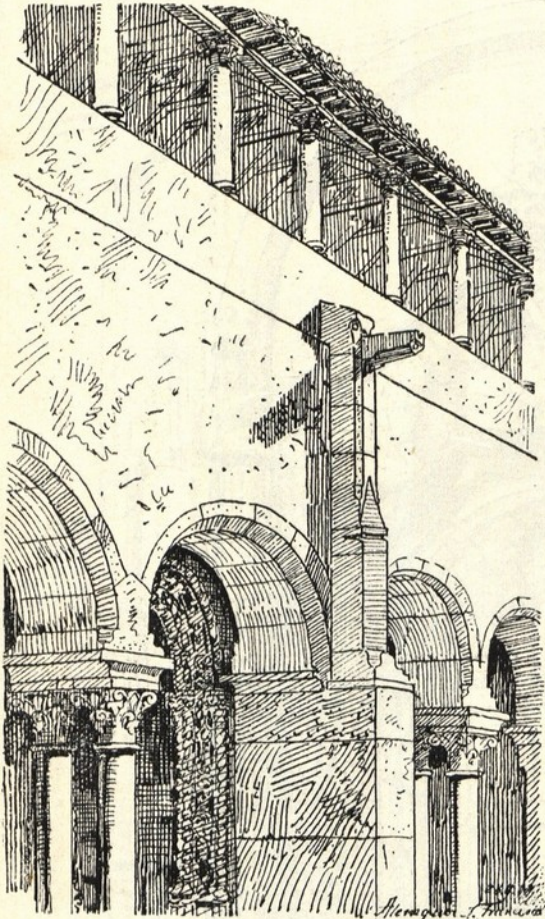
casasse, d'onde se tem concluido que elle devêra ter sido tão incorrigivel solteirão que só o interesse o moveria; desde 1498 recebeu pensões que foram sempre aumentando. Em 1528 já tinha fallecido. Nos annos de 1498 a 1519 foi empregado nos trabalhos da Batalha, onde os celebres Fernandes dirigiram as obras em 1514, e tinha de inspecionar todas as fortalezas do norte da Africa, Alcacer,

trucções em que era ajudado, e em breve substituido, para a realização das obras, por outros homens mais novos.

Outro edificio no estylo do de Belem, talvez vinte annos mais recente do que o mosteiro de Christo, devia ter sido a igreja de S. Julião, da qual infelizmente existe apenas o portal do lado norte. A igreja insipida foi construida de novo depois do tremor de terra

de 1755. Aquelle magnifico portal, cerrado em arcos trevados e de cortina, e supportado por finos botaréos, é no trabalho identico ao arco da capella-mór e da nave transversal de Belem, cujas molduras torças, imbricadas ou ornamentadas apresentam exactamente os mesmos motivos.

Como mestre canteiro das obras da igreja



Claustro de S. Francisco de Alemquer

é citado em 1516 João Fanacho; deve indicar esta data o tempo da construcção da igreja. El-rei D. Manuel ordenára em 1513 a nova edificação ¹.

Algumas outras igrejas simples no estylo da renascença de tempo mais recente escaparam ao tremor de terra; e d'essas a de Santa Maria tem certa importancia:—Uma pesada basilica cuja nave central, coberta por tecto de madeira em fórmula de tonel, repousa sobre oito columnas toscanas com arcos de grande vão. O portico abre sobre uma escadaria, com um motivo de decoraçáo de palladio, pesado tambem mas de muito effeito.

A cidade apresenta aqui e acolá um vão

de janella ou de porta cujas vergas em fórmula de colchete typographico, arcos de cortina, ou de linhas quebradas e curvas, indicam a época de D. Manuel.

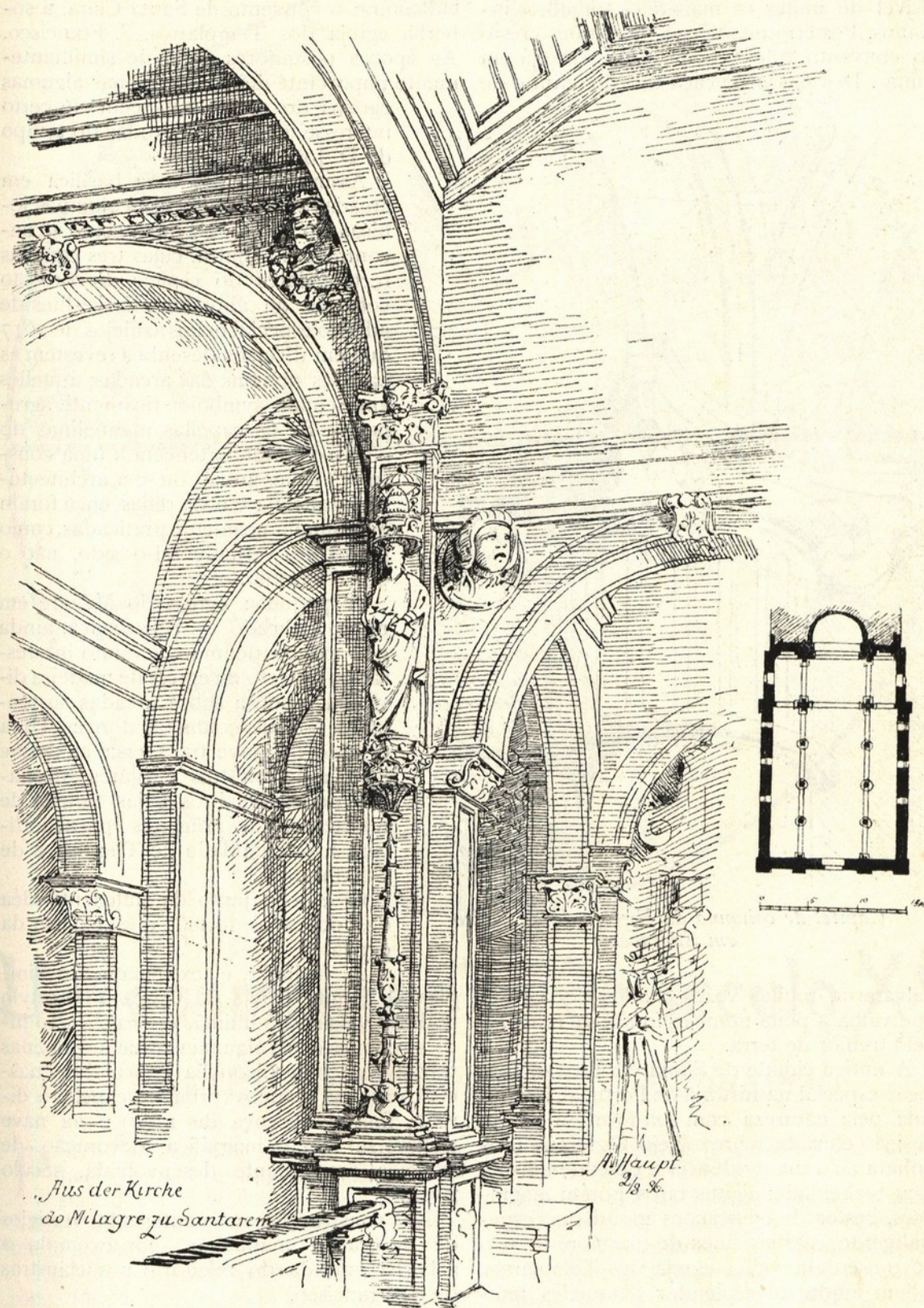
Para defesa do porto e da cidade repousa sobre uma especie de promontorio a magnifica cidadella de S. Filippe que Filippe II fez construir por Terzi. Os severos e formidaveis bastiões da estrella pentagona, com pequenas torres arrematadas por cupulas, o poderoso perfil e a execuçáo imponente da soberba fortificaçáo fazem d'ella uma das mais pitorescas e das mais artisticas do paiz. Os edificios internos da fortaleza, quasi inacessivel, são do tempo de D. João IV.

Do cimo d'um dos contrafortes da serra que delimita o norte, olha o paiz muito a dentro o terrivel ninho roqueiro de Palmella o mais forte castello dos mouros e depois séde da ordem dos cavalleiros de São Thiago. Parece que as suas immensas fortificações foram reforçadas nos seculos XVII e XVIII. O corpo central d'estas, além da magnifica torre dos mouros, tem ainda uma igreja gothica que deve ser do tempo de D. João II; do lado occidental apresenta uma rosacea gothica; e as suas simples arcadas supportam abobadas ogivães em fórmula de tonel. Sob o reboco actual das paredes, na maior parte revestidas de azulejos, apparecem por vezes vestigios de pintura mural decorativa do tempo de D. Manuel, prova de que esta arte floresceu tambem n'aquella época. Descobrem-se trabalhos magnificamente executados em compartimentos ornados por frisos decorativos e architectura da renascença da primeira época ou em estylo mixto. São assim principalmente o arcc do côro e o nicho onde se acha o tumulo de um filho de D. Manuel, prematuramente fallecido. Demais, tudo se encontra aqui quasi ou inteiramente em ruinas, como infelizmente succede á maior parte dos mais gloriosos monumentos do notavel passado d'este paiz.

A partir de Lisboa, Tejo acima, encontramos uma serie de povoações ricas que na época manuelina receberam adorno architectonico. D'estas Alemquer é uma das mais importantes; as suas igrejas estão na verdade n'um estado pouco attrahente. Do tempo de D. Manuel ha o convento de S. Francisco, o qual está situado n'uma altura dominando a villa que se reparte por grande extensão, e o qual ainda hoje conserva os claustros do tempo antigo. Compõem-se estes de um pavimento terreo abobadado com pilares de reforço entre os quaes repousam arcos duplos de volta inteira sobre columnas tambem duplas, tal qual como no estylo romanico, e d'um andar superior que deixa vêr uma serie de columnas supportando o telha-

¹ VILHENA BARBOSA, *Monumentos historicos*, pag. 497,

do aberto. Os capiteis das columnas são da phantasia inculta dava accesso ao refeitório especie mourisca já por diversas vezes men- abobadado. O estylo d'este enquadramento



Interior e planta da Igreja do Milagre em Santarem

cionada. Um portal de arco de volta inteira, é em gothico naturalistamente formado, tal n'uma moldura immensamente rica mas de como encontramos tambem em Cintra, de

mistura com todas as especies de motivos de ornato, juntos uns aos outros, com idéa bem visível de imitar os mais ricos trabalhos indianos. Posteriormente reconstruíram o resto do convento que é triste e em parte já em ruínas. Dos paços de caça de Almeirim e de

pos. Os primeiros reis de Portugal também ali edificaram grandiosos monumentos de architectura: o convento de Santa Clara, a soberba igreja dos Templários, S. Francisco. As épocas posteriores nada de similhantemente importante deixaram; apenas algumas igrejas do seculo XVI teem um certo interesse e devem ser todas do tempo de D. João III.

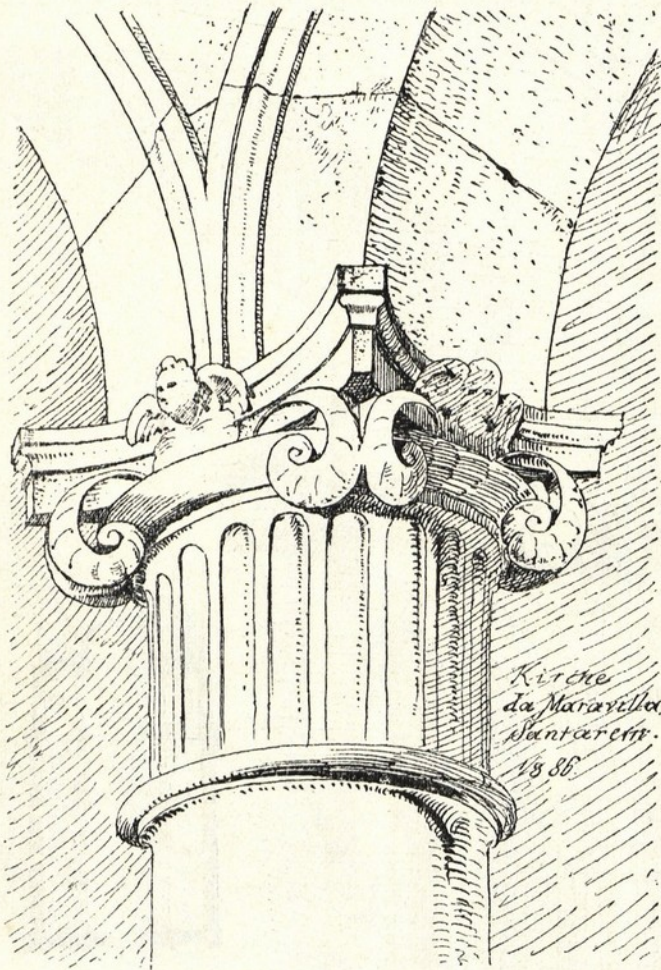
Assim S. Pedro, uma basilica em arcadas sobre oito bellas columnas jonicas no estylo D. João, como se encontram em Cintra, cujas tres capellas rectangulares do espaço do côro são cobertas de abobadas. Serve-lhes de adorno especial bellos azulejos de 1617 que em diversos desenhos revestem as paredes nos rins das arcadas; aquelles apresentam symbolos ricamente agrupados. Se as capellas manuelinas do côro e o portal pertencem a uma construcção mais antiga, ou se a architectura manuelina e a da renascença foram aqui simultaneamente praticadas, como parece em verdade tel-o sido, não o posso affirmar.

A pequena igreja do Milagre em estylo delicado da renascença, ainda que pouco definido, é muito interessante. O tecto da igreja de madeira dividida repousa sobre arcadas sustentadas por seis columnas doricas. Uma especie de nave transversal se define com arcos mestres e pilares adornados de candelabros cujas formas de renascença das primeiras épocas indicam a proximidade de Thomar e de Coimbra.

O esboço junto dá sufficiente idéa das delicadas formas d'esta parte da igreja.

A fachada é extremamente simples. A bonita igreja da Graça é no estylo gothico vulgar das ultimas épocas, e não indica reminiscencia alguma manuelina; apenas talvez contenha d'aquella época da renascença alguns tumulos (primeira capella á direita, fina renascença de 1540) e na nave transversal uma magnifica decoração de azulejos amplamente desenvolvida, seculo XVIII.

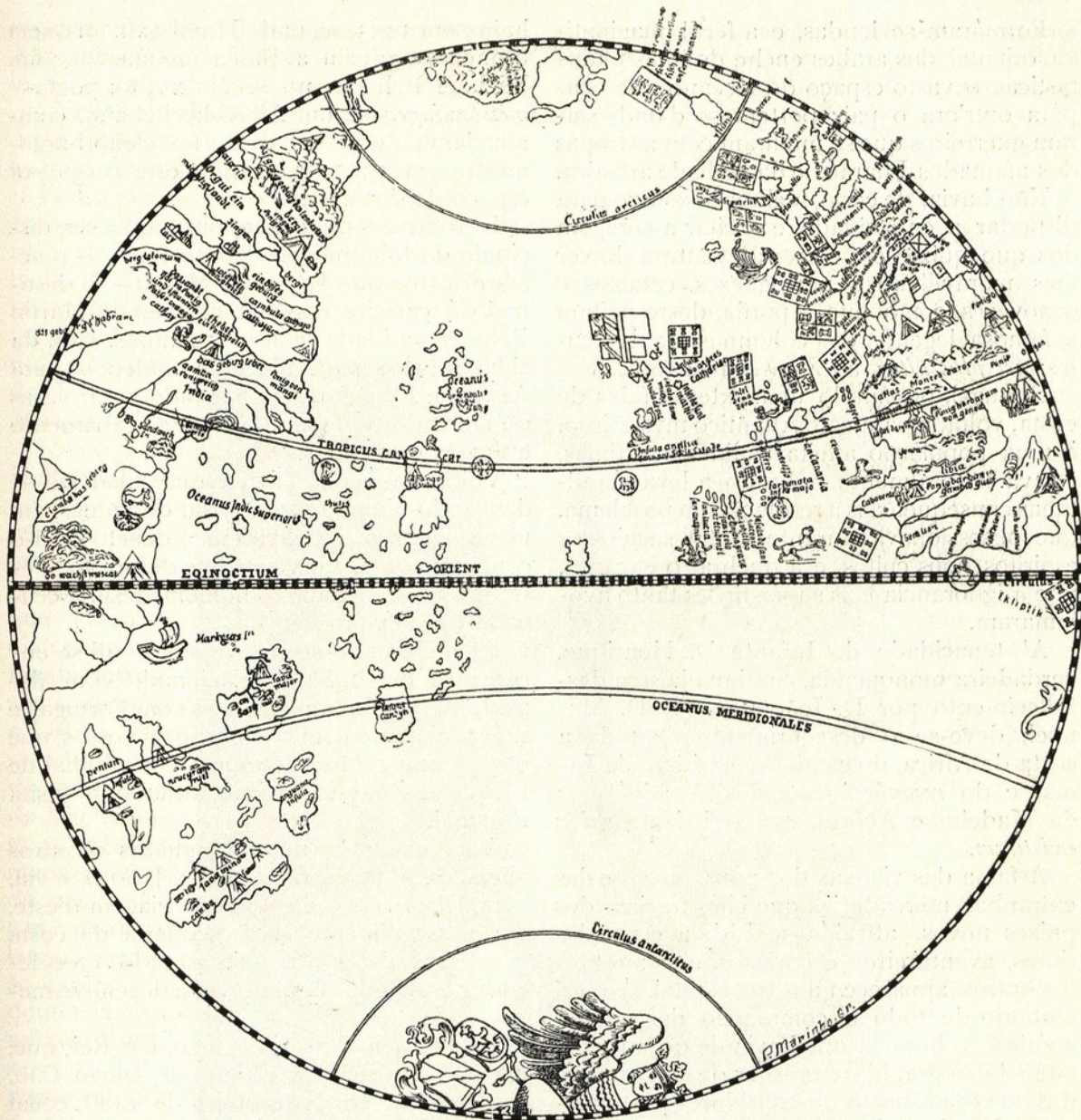
Nas construcções mais antigas ha vestigios de decoração manuelina, por exemplo a soberba entrada do refeitório nos claustros de S. Francisco.



Capitel de columna da Igreja de S. Pedro em Santarem

Salvaterra, muitas vezes citados, nada resta que valha a pena nomear; foram sacrificados pelo tremor de terra.

A antiga cidade de Santarem teve sempre lugar especial na historia de Portugal, favorecida pela natureza com sua formosa e forte posição elevada sobre o Tejo. Os reis mouros tinham ali a sua residencia e defenderam-na com tenacidade; alguns raros, porém magnificos, restos de edificações mouriscas, especialmente capiteis finos de marmore branco no museu da velha igreja dos Templários, fallam ainda do esplendor d'aquelles tem-



Um cosmographo do século XV

MARTIN BEHAIM (*MARTINHO DE BOHEMIA*)

PLATÃO transmittira aos seus compatriotas e ás gerações futuras a narrativa dos sacerdotes egypcios de Sais sobre a Atlantida, cuja existencia modernos estudos tendem a comprovar.

Esse mar, que banhava o occidente da Europa, fôra depois sulcado pelos cartaginezes e pelos romanos e é natural que pertendessem sondar-lhe os segredos, devassar as solidões aquaticas, que pareciam interminaveis. Conheceram as Canarias, sem duvida, e provavelmente chegaram á Madeira e Açor-

res. Descobrimientos foram esses sem importancia, incontestavelmente.

Mas eis que no primeiro seculo da nossa era, Seneca, na tragedia de Medea, escreve uma estróphe assombrosa e verdadeiramente prophética, annunciando que chegará a hora de descobrir terra no fundo do Oceano:

Venient annis saecula seris
 Quibus Oceanus vincula rerum
 Laxet, et ingens pateat tellus
 Thetisque novos detegat orbes
 Nec sit terris ultima Thule.

Formáram-se lendas, e a fertil imaginativa oriental dos arabes enche de ilhas phantásticas o vasto espaço do Oceano que occupára outr'ora o paiz portentoso d'onde saíram guerreiros que se mediram com as tropas dos afamados Pharaós e da Hellade artistica.

Não havia, de certo, melhor incentivo para despertar a curiosidade, e excitar a coragem dos que quizessem correr a aventura de ver taes maravilhas, e portuguezes, catalães e genovezes, como que á porfia, desrespeitam a famosa legenda das columnas de Hercules: *nec plus ultra*, e foram-se mar fóra.

Portugal, possuindo uma extensa faixa de costa, voltada para esse Atlantico mysterioso, é uma população affeita ás lides maritimas, estava naturalmente indicado a levar ás ultimas consequencias a resolução do problema, que obsessionava durante tantos seculos os espiritos mais cultos, e a quebrar o encanto, que a ignorancia e as superstições tanto avolumáram.

A' tenacidade do Infante D. Henrique, verdadeira monomania, continuada sem desfallecimento por D. João II e por D. Manuel, deve-se o descobrimento de toda a costa da Africa, do caminho maritimo da India, e do *reconhecimento* dos Archipélagos da Madeira e Açôres, que o Infante *sabia existirem*.

A fama das viagens dos portuguezes e das extranhas mercadorias que elles traziam dos paizes novos, attrahia a Lisboa especuladores, aventureiros e curiosos, e, como tantos outros, apparece na nossa capital, já quasi emporio de todo o commercio das regiões exóticas, o homem que havia de occupar tão larga bibliographia e enlaçar o seu nome ao dos navegadores e descobridores portuguezes — Martin Behaim.



Quem era e d'onde veio ?

Pelos annos de 1450, pouco mais ou menos, nasceu, em Nuremberg, Martin Behaim, filho de outro de igual nome e de Agnes Schopper, primogenito dos sete filhos d'este matrimonio.

Procedia de prosapia illustre e vetustissima, pois em 916, em seguida á morte do duque de Wratislau, sahira da Bohemia o fundador da casa Behaim.

Estabelecida em Nuremberg e dedicando-se ao commercio, em que enriqueceu, a familia Behaim conseguiu ser altamente considerada, ostentar brazão e fazer parte do patriciado da imperial cidade.

Um Konrad Behaim foi guerreiro e morreu em 1252 na Sicilia, aonde acompanhou o imperador Konrad IV; um Mathias Be-

haim, em 1453, segundo Humboldt, foi quem primeiro traduziu a Biblia em allemão; um Michael Behaim, no seculo XV, foi poeta — *meistersinger* — e um Albrecht Behaim, commerciante de grosso trato, foi eleito burgo-mestre em 1332, exercendo este cargo por espaço de dez annos.

Instruido, como o que mais podia ser, discipulo de Johannes de Monte-Régio — o celebre astronomo Johannes Müller — e destinado á carreira commercial, vemos Martin Behaim, na idade de dezeseite annos, sahir da cidade natal para Mechlen e depois para Anvers e Francfort, empregando-se em casas de mercadores de pannos ou de acabamento e tintura de pannos.

Voltando á patria, deu que fallar de si, dançando n'uma festa nupcial de judeus, em plena quaresma. Grave era o delicto e eil-o condemnado a uma semana de prisão. Vê-se, n'isto já, Behaim, o homem despreoccupado que sempre foi.

Estabelecendo-se em Anvers, — ali se encontrava em 1484 — relacionado com flamengos, que tinham negocios com Portugal, e provavelmente com compatriotas nossos, que não rareavam na metrópole commercial de Flandres, é n'este mesmo anno que visita Portugal.

Aqui encontra nuremberguezes e outros allemães, é apresentado a D. João II e vai, com Diogo Cão, na segunda viagem d'este, em proseguimento da descoberta da costa occidental da Africa, percorrendo 1200 leguas e gastando na ida e volta dezoze mezes.

Estava achado o rio Congo, e o Rei, que, em 1484, armára cavalleiro a Diogo Cão, confere, em 18 de fevereiro de 1486, egual mercê a Martin Behaim.

A cerimonia teve logar na Igreja de S. Salvador das Alcaçovas, depois da missa matinal «pela mão do muito poderoso Senhor Rei D. João II de Portugal, Rei dos Algarves, de Africa e Guiné. E seu padrinho foi o mesmo Rei, que lhe cingio a espada; o Duque de Beja (*D. Manuel, depois Rei*) foi o segundo e lhe calçou a espada direita; o terceiro foi o pardo Christovam de Mello, primo d'El Rei, que lhe calçou a esquerda; o quarto padrinho foi o conde Fernão Martins de Mascarenhas (*ascendente dos marqueses de Fronteira*), que lhe pôz o morrião e lh'o armou, e El Rei que lhe acolheu Cavalleiro: e isto se passou em presença de todos os Principes e Cavalleiros e da Rainha.»

E merecia ser cavalleiro da ordem de Christo quem era já patricio e cavalleiro allemão, affrontára os perigos do mar, fôra *deputado* do rei Maximiliano, combatera pela fé os

mouros «Martinus Beheimus, miles auratus, Africanos Mauros fortiter debellavit», e d'elle disséra aquelle soberano :

«Nenhum cidadão do imperio foi tão grande navegador nem, como elle, chegou até ás mais remotas regiões do mundo».

Em 1488, provavelmente, casa com D. Joanna de Macedo, filha de Josse de Hurtere, senhor de Moerkerke e de Haegenbroux, bailio de Wynendael, primeiro capitão donatario das Ilhas do Fayal e Pico, e de D. Brites de Macedo, ex-dama de honor da *Rainha velha*.

Josse de Hurtere—Joz de Utra—como lhe chamavam os portuguezes, que viajava constantemente entre a sua donataria e Lisboa, morava proximo do mosteiro de S. Domingos, n'uma grande casa do rei, sobre um grande largo, como se expressa o doutor Hieronymus Müntzer, e é do mesmo doutor a noticia de ser D. Brites de Macedo «mulher nobre, instruida e prendada» e ter-lhe ella oferecido «amphoras de musgo de urzeila, importada do Fayal».

De Martin Behaim e de D. Joanna de Macedo nasceu em 6 de abril de 1489 um filho, tambem Martin, como o pae e o avô.

Relacionado com Colombo, *su amigo*, segundo Herrera, confirma-lhe a opinião de chegar á Asia oriental navegando para o occidente, e Fernão de Magalhães, conforme Pigafetta, seu companheiro de viagem, descobre o estreito a que deu o nome e penetra no Oceano Pacifico, graças a uma carta de Behaim: «sapea di dover navigare per uno stretto

molto nascosto, avendo ciò veduto in una carta serbata nella tesoreria del Re di Portogallo, e fatta da Martino di Boema, uomo eccellentissimo».

Seria a carta ou mappa que Müntzer viu em casa de Josse de Hurtere?

Ou seria reproducção d'essa carta muito antiga que o duque D. Fernando mostrára a Sousa Tavares, e que tinha mais de cento e trinta annos, em que já estavam mencionados os archipélagos dos Açôres e Madeira, e

o estreito de Magalhães apparecia designado por *Cola do Dragão*?

A sua ida a Nuremberg, em 1490, para receber a legitima que lhe ficára da mãe, fallecida em 1487, marca na vida de Behaim uma época notavel.

Foi então ali que construiu o seu célebre *globo* que havia de perpetuar tanto o seu nome e dar logar ás maiores discussões.

Póde mesmo dizer-se que as referencias de Pigafetta, João de Barros e Antonio de Herrera, pas-



Retrato de Martin Behaim, copia d'um quadro a oleo

sariam sem os numerosos commentarios, que se conhecem, se o *globo* não tivesse sido executado. A vida que levava em Nuremberg escandalisava os seus parentes e compatriotas, *verdadeiros philisteus*, como diz o Dr. Günther, observando com rigor os deveres de classe e profissionaes e detestando Behaim pelos seus modos de vêr, pelo vestuario e pelos costumes peninsulares que assimilára e de que parece fazia gala em Nuremberg.

Não podiam supportar que Behaim gostasse de flôres e se entretivesse muito tempo no jardim, o que fez escrever ao irmão Wolf:

«que era preferível estabelecer-lhe um negocio de hervas!»

O *globo*, que tem um diametro de 7^m,505, e que se encontra no solar do barão de Behaim, estava concluido em 1492 e diz a legenda n'elle posta: «e foi legado pelo sobredito Martin Behaim á cidade de Nuremberg, como uma recordação e homenagem antes de voltar para a casa de sua esposa que habita uma ilha (*Fayal*) na distancia de 700 leguas, aonde elle fixou a sua residencia e onde tenciona terminar os seus dias».

Ornado de brilhantes illuminuras, tem para cada paiz desenhadas, a côres, as bandeiras e brazões d'armas respectivos, e vestuario e habitações proprios de cada região.

Nos Açôres, as ilhas do Fayal e Pico estão assignaladas por uma bandeira que ostenta as armas dos Behaim: escudo partido em pala: goles e prata, tendo sobreposta, em diagonal, da esquerda para a direita, uma faixa preta ondeada allusão ao Schwartzbach, (regato perto de Krumau, na Bohemia, próximo ao qual existia o solar dos antepassados d'esta familia), encimado pelo capacete de cavalleiro, e por timbre, uma phenix branca, com collar preto, levantando o vôo.

E' curiosa a legenda:

«As ditas ilhas (Açôres) foram colonizadas em 1466, quando o rei de Portugal as deu, depois de muitas instancias, á duqueza de Borgonha, de nome Isabel. Então havia em Flandres grande guerra e extrema miseria; e a referida duqueza mandou de Flandres muita gente, homens e mulheres, de todas as condições, e bem assim padres, e tudo quanto convem ao culto religioso, e alem d'isso navios carregados de moveis e de utensilios necessarios á cultura das terras e á construcção de casas, e lhes deu, durante dois annos, tudo de que careciam para subsistir e para que no decurso do tempo cada pessoa pensasse n'ella e na occasião das missas rezasse, por sua intenção, uma Ave-Maria; as quaes pessoas eram em numero de 2000, de maneira que com as que para ali foram e as que depois nasceram, formaram alguns milhares. Em 1490 havia alli ainda diversos milhares de pessoas, tanto allemãs como flamengas, que para lá seguiram com o nobre cavalleiro Job (aliás Josse) de Hürtter (aliás Hurtere), senhor de Moerkirchen em Flandres, meu querido sogro, a quem estas ilhas foram dadas para elle e seus descendentes pela dita duqueza de Borgonha».

E mais adiante: «Para o poente está o mar chamado Oceano, aonde tambem se navega para mais longe do que indica Ptolomeu e para além das columnas de Hercules até as

ilhas Fayal e Pico, em que reside o nobre e piedoso cavalleiro Job de Hürtter de Moerkirchen, meu querido sogro, com os colonos que trouxe de Flandres e sobre os quaes governa».

Terminado o *globo* veio para Portugal e D. João II, «que muito estimava Behaim», envia-o em 1494 em missão secreta a Flandres, e tão secreta que até hoje não tem sido possível averiguar em que consistisse.

Sucedeu-lhe grave contratempo, pois foi aprisionado no alto mar, e levado a Inglaterra com todo o dinheiro que destinava ás suas despezas, uns 160 gulden.

Ficou detido cerca de tres mezes, adoeceu com febres e por duas vezes, julgando-se que morria, teve na mão um cirio acceso. Melhorando, foge, transportando-o para França um pirata, durante a noute, e segue para Flandres, contando demorar-se em Anvers e Bruges, aonde liquidaria a importancia do assucar que Josse de Hurtere exportára para a sua patria.

E' este pormenor interessante por dar-nos a saber que os flamengos cultivaram a canna saccharina no Fayal e no Pico.

Em 7 de junho de 1495 já estava em Lisboa, «são e salvo», em companhia do sogro.

Morto D. João II, faz-se o silencio em torno de Behaim.

Talvez fosse ao Fayal visitar a mulher e o filho, regressando pouco depois a Lisboa e não teria vontade de continuar a residir n'aquella ilha, pesando sobre a esposa a suspeita de adulterio, pois consta de um documento.

E a carta de perdão de D. Manuel a Fernão d'Evora, escudeiro, mamposteiro-mór dos captivos e morador na Ilha do Fayal, datada de 16 de novembro de 1501. D'ella é a narrativa dramática que vai vêr-se:

Que Fernão d'Evora «enviou dizer» a El-Rei que o capitão-mór e donatario da referida Ilha (o 2.º Josse de Hurtere) o prendera, sob pretexto que o achára com uma irmã d'elle capitão, casada, mulher de um «Martin de Boeme» (D. Joanna de Macedo), e preso e carregado de ferros o mandára para Lisboa; mas Fernão fugira ao chegar ao cabo de S. Vicente, «tomando a barca aos marinheiros»; obteve que El-Rei lhe perdoasse e o mesmo Rei mandou que tomasse carta de seguro e citasse as partes até o mez de maio próximo, o que tudo cumpriu; que regressando ao Fayal, Josse de Hurtere, que então estava na Terceira com sua mulher, D. Izabel Corte Real, não se demorou em vir, o prendera de novo em 9 de maio, sem importar-se da carta de seguro, e o tivera preso outros nove dias, até que o fez conduzir para a Praia,

na Terceira, sempre algemado, como seu inimigo; que requerera ao ouvidor, Diogo Alvares, que o embarcasse para Lisboa, mas que este nunca lhe deferia, porque o empenho do ouvidor e do donatario era matal-o com «sobejas prisões»; por isso encarregára um seu filho de vir a Lisboa com seus documentos e requerimentos, mas no cabo de S. Vicente um francez armado, um pirata, tomou a caravella, com o carregamento que era de malagueta e escravos, sem lhe deixar coisa nenhuma, levando tambem os documentos, entre os quaes se continha o perdão régio: que o filho, não obstante a falta de documentos, fizera sua petição, e por accordão dos desembarcadores foi resolvido que elle, Fernão, requeresse ao donatario, que era governador das justiças, que lhe acatasse a sua carta de seguro e lhe des-se juizes imparciaes, «sem suspeita»; que chegado o filho ao Fayal, Fernão tinha-se já outra vez evadido da cadeia, só, «sem quebrar ferros, nem porta» sómente houvera as chaves de uma moça de quatorze annos, e refugiará-se n'uma Igreja; receando porém a justiça real e que o recapturassem, supplicára outro perdão e que, da accusação de adulterio, se queria livrar e mostrar sua innocencia; que se as cousas se passáram como elle dizia e a fuga fôra como elle «reconta» o Rei perdoava-lhe, com a condição de pagar 300 reaes para as despesas da relação e de haver outra carta de seguro dentro de quinze dias, e não o fazendo, ficava sem effeito o perdão; mas cumpriu a condição imposta e por isso El-Rei ordenára ao donatario offendido, que não prendesse nem mandasse mais prender o azevieiro mamposteiro-mór dos captivos.

E é n'este estranho documento que pela primeira e unica vez, oficialmente, apparece nos archivos portuguezes o nome de Martin Behaim!

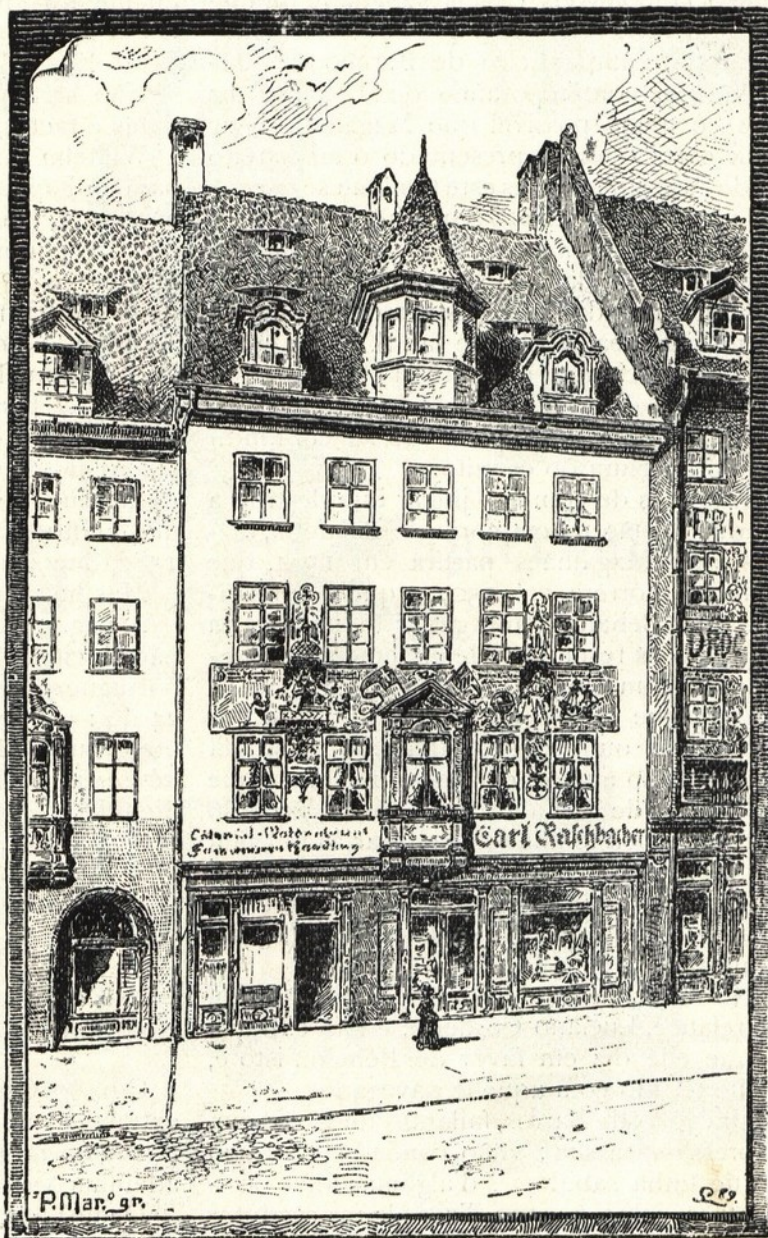
Depois d'este episodio, apenas se sabe que falleceu em Lisboa em 29 de julho de 1507,

«muito pobre, n'um hospital», sendo sepultado na igreja de S. Domingos.

Isto prova que abandonára a esposa.

Esta não herdaria grande fortuna do pae, porque do testamento de D. Brites de Macedo vê-se que Josse de Hurtere deixára dividas, o que é facilmente explicavel em quem proliferára tanto.

E. G. Ravenstein, no seu estudo sobre Martin Behaim, depois de o considerar impostor e mentiroso, e sempre com o proposito de o apresentar desfavoravelmente, es-



Casa onde nasceu Behaim em Nuremberg

creve: «Ignoramos os motivos que fizeram cahir Behaim na miseria antes de morrer (*sic*). Sabe-se todavia que administrava mal os seus haveres e é possivel que tivesse sido absorvida por ineptas especulações a avultada for-

tuna proveniente da legitima paterna, sendo isto causa, talvez, de discordias entre elle e o sogro e d'este lhe retirar todo o auxilio.»

A Ravenstein esqueceu provar que houve taes discordias e quanto ao sogro (Josse de Hurtere) ter retirado todo o auxilio a Behaim natural é que succedesse, pelo menos nos ultimos annos: Josse de Hurtere fallecera em 1498, isto é, nove annos antes do genro!!

Sempre com o proposito de deprimir Behaim, Ravenstein faz affirmações extraordinarias e chega a conclusões que nos parecem pouco compatíveis com a seriedade de historiador. É assim que querendo desmentir Pigafetta, companheiro de Fernão de Magalhães e contemporaneo de Behaim, diz que «é muito possível que Magalhães visse uma carta tendo representado o tal estreito (o de Magalhães) pois este tambem se encontra no globo preparado por Schöner em 1515. Behaim porem *não podia dispôr de uma tal carta*, pois na data da sua morte, a costa da America meridional só estava delineada até o rio Cananea, a 25° de lat. S. e, até então não se descobrira um estuario, como o do rio de La Plata ou uma bahia comparavel á de S. Mathias, susceptivel de se confundir com a abertura do estreito».

E depois de com isto julgar que destróe a affirmação tão peremptoria de Pigafetta, diz-nos que Magalhães partira em 1504, que Behaim morrera em 1507 e que é admissivel que Behaim tenha traçado uma carta expondo os resultados de expedições em demanda d'um caminho para a India pelo sudoeste, que essa carta tenha sido vista por Magalhães ou até lhe tenha sido mostrada pelo proprio auctor, e dá-nos a novidade que no tempo de Behaim havia cartas, fazendo antever a possibilidade de chegar ás ilhas da India. . . navegando em torno da *extremidade sul* do novo mundo e que essas cartas, entre outras, eram as de: Juan de la Cosa (1500), Canerio (1502), e Cantino (1502)!

Ao tratar da expedição de Diogo Cão cita, de relance, Luciano Cordeiro, e não extracta o que elle diz em favor de Behaim, isto é, d'elle ter ido com aquelle navegador.

Ora João de Barros, fallando de Colombo, expressa-se assim: «não confiado tanto em o que tinha sabido. . . d'algumas ilhas occidentaes, como querem dizer alguns escriptores de Castella, quanto na experiencia que tinham em estes negócios serem muito acreditados os estrangeiros. . .»

Se assim se pensava, por que não acreditar que Behaim fosse com Diogo Cão?

Com leviandade imprópria de quem tanto censura o cosmógrapho de Nuremberg, por egual falta, diz Ravenstein que as

ilhas do Fayal e Pico, dadas em 1460 por D. Affonso v a D. Fernando, mestre da ordem de Christo, que nomeou donatario Jobst (*sic*) Hürter, já não estavam então completamente desertas por se terem ali estabelecido, conduzidos por Wilhelm van der Hagen, emigrantes vindos da Terceira e S. Jorge, colonias estas concedidas em 1450 a Josse van den Berg e que o filho mais velho de Jobst (*sic*) tendo casado com Isabel, a filha mais nova de João Vaz Corte Real, *adoptou* o nome de Manuel de Utra Corte Real, e que finalmente uma nova carta régia transferio em 1550 a mercê para Jeronymo de Utra Corte Real!!!

Não será possível baralhar mais nomes, datas e factos, e errar tanto!

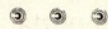
Wilhelm van der Hagen ou Haghe, veio para o Fayal *depois* de Josse de Hurtere e não antes, como quer Ravenstein; Josse van den Berg nunca existiu; o filho de Josse de Hurtere, o 1.º donatario, chamou-se tambem Josse de Hurtere (ou Joz de Utra), e nunca adoptou o nome de Manuel de Utra Corte Real; Manuel de Utra Corte Real era filho d'este 2.º Josse de Hurtere e foi encartado na capitania em 1550; não foi em 1550 que Jeronymo de Utra Corte Real, filho segundo de Manuel de Utra Corte Real, obteve carta de confirmação da capitania, mas sim em 1582, depois de longa demanda com a coroa.

Mas ha mais no *estudo* de Ravenstein.

A pag. 4 assegura que o nome de Behaim não é citado por um unico dos escriptores portuguezes contemporaneos d'elle, e a pag. 24 diz: «Diogo Gomes, almoxarife de Cintra escreveu: *Martino de Bohemio, inclito militi alemano*, na dedicatória de um exemplar que lhe offereceu do seu tratado *De prima inventione Guineae*.»

A conclusão a tirar é que para Ravenstein, Diogo Gomes ou não é escriptor ou não é portuguez, ou não foi contemporaneo de Behaim.

Mas foi estas tres cousas.

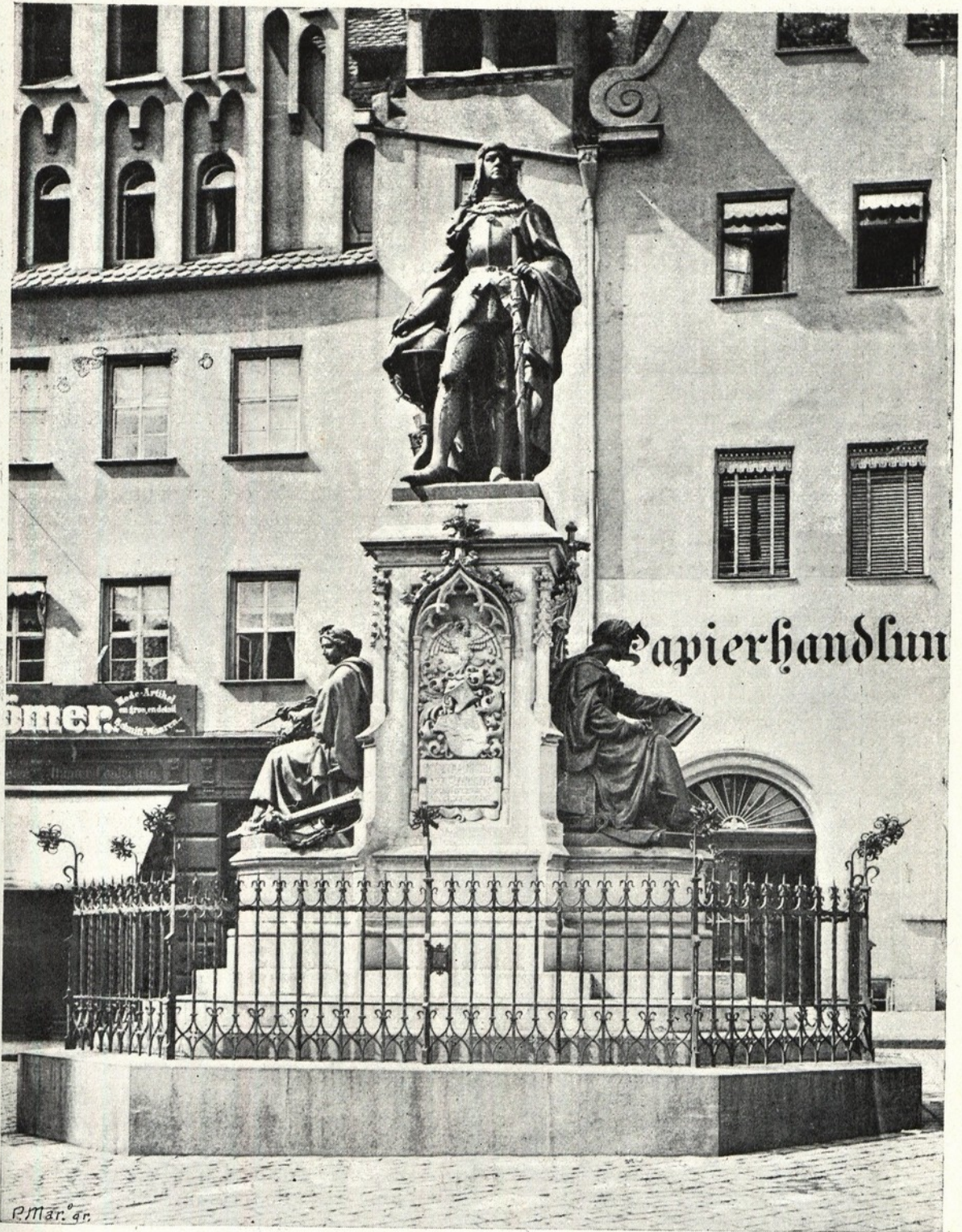


O padre Cordeiro, na sua *Historia Insulana*, extracta o que escreveu Gaspar Fructuoso nas *Saudades da Terra*, ácerca das profecias ou advinhações de Behaim.

Demos a palavra a Cordeiro:

«Entre os principaes povoadores da Ilha do Fayal, veio a ella tambem um fidalgo allemão, que casou com uma filha do primeiro donatario do Fayal, Joz de Utra, e o allemão se chamava Martinho de Bohemia; e este era tão grande mathematico e especialmente tão insigne astrólogo, que andando na côrte lusitana, fazia El-Rei grande estimação e conta

d'elle, não só por sua nobreza, mas por sua sabedoria, e noticias que dava por observação de estrellas; a qual era tão notavel, que em que os navios voltavam arribando, sem descobrir as Antilhas. E advinhava tantas outras cousas, por observações de estrellas, e



Estatua de Martin Behaim na praça Theresa de Nuremberg

estando ainda na côrte e por noticia d'elle, mandando El-Rei de Portugal navios que descobrissem as Antilhas, no mesmo Portugal disse o mesmo Bohemia ao Rei o dia e hora,

tão certamente se vião ao depois, que o rude povo o tinha por nigromante

«Chegado pois o mesmo astrólogo ao Fayal, disse em primeiro logar que ditoso seria aquel-

le homem que em as Ilhas tivesse um cavallo de pau para se poder ir d'ellas. E isto (diz Fructuoso) vimos já no tem_r o das alterações e guerras de Filippe com seu primo D. Antonio, no tempo dos fogos, dos terramatos, etc. Disse em segundo lugar, e antes de se descobrirem as Indias de Castella, que ao sudoeste do Fayal onde elle estava, via um planeta dominante sobre uma provincia aonde se serviam os moradores com vasos de ouro e prata, e de que carregadas embarcações se veriam no Fayal e antes de muito tempo, etc. E dentro de poucos annos se viram em o Fayal navios que vinham do Perú, achado então, e que vinham carregados de ouro, prata e pedraria.

«Disse em terceiro lugar, que a sudoeste do Fayal e Pico estavam por descobrir tres ilhas em triangulo e que uma d'ellas era muito grande e propriamente chamada da Madeira, e a outra mais pequena e muito boa tambem e outra ainda mais pequena, e que tinha ouro e era areosa, e que tempo viria em que depois de taes ilhas descobertas os barcos das outras irião a ellas; e dizendo-lhe então o capitão Utra que fossem a descobril-as, o Bohemia lhe respondeu que se não mettesse n'isso, que se não descobririam em sua vida, nem na de seus filhos. E accrescenta Fructuoso que só isto está por vêr, de quanto disse este astrólogo que foram muitas cousas, as quaes todas se viram como se disse. Tambem dizem que disséra indo um Gaspar Gonsalves da Ribeira Secca, da Terceira, a descobrir outra nova ilha ao norte d'estas: «Agora arriba Gaspar Gonsalves da sua ilha e nunca mais a acharão e lhe caío um homem ao mar, etc. E achou-se ter succedido assim porque dando em secco já da ilha e indo um homem tomar a véla, caío ao mar, e sem poderem tomal-o pela torrente das agoas, se tornáram sem mais achar a ilha.»

E' de saber que o Dr. Gaspar Fructuoso escrevia cem annos depois da chegada de Martin Behaim ao Fayal, e colhera estas noticias da tradição oral.

A image shows a fac-simile of a handwritten signature. The signature is written in a cursive, black ink style. It consists of two parts: a large, stylized initial 'M' followed by the name 'Behaim'. The 'M' is particularly prominent, with a large loop on the left side. The name 'Behaim' is written in a more compact, cursive script.

Fac-simile da assignatura de Behaim

• • •

Duas palavras apenas a respeito da viuva e do filho de Behaim.

D. Joanna de Macedo, que talvez contasse á morte do marido, uns 32 annos, casou com D. Henrique de Noronha, e fôra com elle viver para a Ilha da Madeira. A mãe dotára-a prodigamente em prejuizo dos outros filhos e filhas, porque assim o exigira D. Henrique, que era sujeito, ao que parece, de poucos escrúpulos.

D'este 4.º neto D. Henrique II de Castella e de D. Joanna de Macedo, nasceu um filho, D. Francisco de Noronha, que morreu, solteiro, em Ceuta, n'uma escaramuça contra os mouros.

O morgado de D. Henrique, accrescido com os bens da mulher, veio a pertencer a D. Francisco de Mascarenhas, que foi donatario do Fayal e Pico e que teve o titulo de *Conde de Villa d'Orta*.

O filho de Behaim residia ora na Madeira com sua mãe, ora em Lisboa em casa de uma tia, D. Isabel, não sabemos se irmã da mãe, se da avó.

Era bom rapaz e bom christão, muito polido, contrastando com a generalidade dos portuguezes da época, *grosseiros e pretensiosos*.

Vai, por conta de Jorge Pock, um nuremburguez que n'aquelle tempo estava em Lisboa, e que accrescenta: «os portuguezes são o povo mais ostentador do mundo: andam todo o dia pela praça do mercado seguidos de quatro servos, e chegados a casa, alimentam-se de um rabanete com sal, em vez de frango e assado. Os mais pobres de entre nós, em Nuremberg, comem e bebem melhor do que elles.»

N'uma viagem da Madeira para Lisboa, e em legitima defeza, o filho de Behaim matou um homem.

A intervenção do legado pontificio livrou-o dos ferros d'El-Rei. Em favor d'elle, o Senado de Nuremberg escreveu a D. Manuel, mas quando a carta chegou, o joven Behaim já estava solto.

Em 1519 vai a Nuremberg visitar os parentes, chegando, em junho, a receber a herança que lhe pertencia por fallecimento do tio Wolf, que foi quem introduziu em Portugal os chamados *ovos de Nuremberg*, como então se designavam os relógios de algibeira.

Voltando a Portugal, traz para o Rei D. Manuel uma carta de recommendação do Senado, para que o empregasse no seu serviço em attenção aos merecimentos do pae e á sua illustre estirpe. Esta carta é datada do *sabbato post crucis inventionis 1520*.

Ignoramos d'esta data em diante a vida que teve e o fim que levou o Behaim portuguez.

• • •

Nuremberg não podia esquecer o filho illustre que compartilhou dos perigos e aventuras do nosso Diogo Cão, — e erigiu-lhe uma estatua. N'esse monumento figuram com bom direito as armas de Portugal.

Foi em 17 de setembro de 1890, de tarde, com um tempo soberbo, que se inaugurou o monumento na praça «Theresa». O cortejo saiu da Camara Municipal para a casa onde nasceu Behaim, junto da referida praça, que se achava ricamente ornamentada com grinaldas e flôres. Aqui foi cantada a poesia de Hans Barth sobre a qual Franz Lachner compoz o hymno de festa. Quando soou a ultima estrôphe: «Póde desencadear-se a tempestade que Deus fiel e amigo porá ao abrigo o povo e a terra da Allemanha», o professor Dr. Günther, de Munich, n'um discurso allusivo, descreveu as phases principaes da vida de Behaim, que, nascido em Nuremberg, fallecera em Lisboa e foi um dos maiores filhos de Nuremberg e da Allemanha. «Devido a elle, disse o orador, os marinheiros do seu tempo podéram aventurar-se ao alto mar, mercê dos sabios methodos astronomicos de observação. Foi o primeiro — e o seu nome permanecerá, por isso, em primeiro plano — que nos fez conhecer a existencia

do rio Congo. Foi elle, finalmente, que, pela confecção do primeiro Globo terrestre, na época post-classica, deu poderoso impulso á Geographia e com este trabalho, ainda que imperfeito, mostrou-se um dos homens mais sabios do seu tempo. Behaim foi um bom nuremburguez e tambem um bom allemão».

No fim do discurso descerrou-se o panno que encobria o monumento.

Este representa Behaim com vestes patricias e a mão desenhando sobre uma carta que está emcima do Globo terrestre. Duas figuras de bronze, maiores que o natural, — o Commercio e a Sciencia, — destacam-se assentadas, junto do pedestal em estylo gothico.

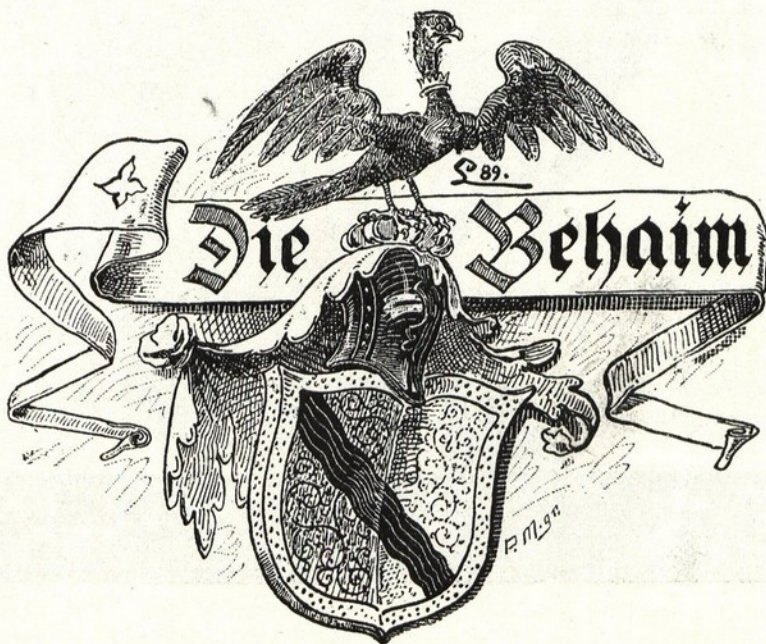
• • •

Se os restos mortaes de Behaim não se encontram hoje na igreja de S. Domingos, se os archivos portuguezes são mudos ácerca do homem que conviveu com reis, com sabios e com os primeiros navegadores seus contemporaneos, se o destino o fez morrer miseravelmente n'um hospital, amaldiçoando a esposa, a estatua de Nuremberg lá está, em compensação, para attestar, na rijeza duradoira do bronze, que justiça se fez.

Setembro 1903.

ANTONIO FERREIRA DE SERPA.

Nota. — A gravura que encima este artigo é a reproducção do celebre globo, construido por Behaim, primeiro de que ha noticia e vulgarmente chamado, o globo de Nuremberg.



O Bração d'armas dos Behaim



FIM DO ESTIO — QUADRO DECORATIVO DE R. COLLIN



Moscou — O Kremlin

Vinte dias na Russia

(IMPRESSÕES DE UMA PRIMEIRA VIAGEM)

POR Z. CONSIGLIERI PEDROZO

*Wer den Dichter will versteh'n
Muss nach dem Dichter's Lande geh'n*

GOETHE.

A DESCRIÇÃO que apresentamos ao leitor, como o producto de umas ferias, não tem pretensões descabidas a obra de sciencia. Não intenta estudar, nem historica nem socialmente, o vasto imperio que é já hoje o capital factor da politica internacional contemporanea. Não se occupa de nenhum dos transcendentos problemas, que a proxima hegemonia da raça slava na Europa começa a formular com inquietadora insistencia. Não tomou por modelo, nem os ma-

gnificos volumes de Anatole Le Roy-Beaulieu,¹ nem a circunstanciada descripção de Mackenzie Wallace.² Toda a erudição, quer de emprestimo, quer directamente colhida nas fontes, foi d'elle cuidadosa e implacavelmente banida.

Narração singela e despretençiosa de uma curta viagem de vinte dias, a propria escassez do tempo lhe traçou os modestos limites dentro dos quaes teve de conter-se.

¹ *L'Empire des Tsars et les Russes.* — ² *Russia.*

Quem a lêr não fica conhecendo a Russia, nem sequer debaixo de um unico dos seus variadissimos aspectos. E no entretanto esta descripção póde ter a sua utilidade.

Embora tudo o que diga respeito á Russia esteja hoje em moda no occidente, graças ás novas condições politicas que o accordo franco-moscovita impoz ao equilibrio europeu, é certo que o interesse despertado pelo grande imperio do norte, obedecendo naturalmente ao estímulo que o provocou, se limita na maioria dos casos ao estudo das questões, que a complexa diplomacia de S. Petersburgo vae, com uma tenacidade unica na historia, gradualmente pondo em equação, perante a Europa.

E assim que a Russia politica e a Russia militar são actualmente o objecto da constante preocupação de uma pleiade cada dia mais numerosa de escriptores, tanto em França como na Inglaterra e na Allemanha. Mas da outra Russia, da que vive e que palpita ao lado ou por debaixo da Russia official; d'essa Russia mysteriosa e desconhecida, que ignora o que em seu nome as chancellarias discutem ou impõem; da *Mátuchka Rossia*,³ como lhe chamam carinhosamente os seus filhos, quem, a não ser bem poucos, se importa ou procura saber alguma cousa? É a impressão que n'um occidental, n'um latino, esta segunda e tão interessante Russia deixou, que procurámos fixar na descripção, ora apresentada ao publico. A' falta de erudição archeologica ou historica, a que propositadamente quize-mos fugir; á falta de discussões politicas ou horoscopos diplomaticos para que nenhuma especial competencia possuímos, encontrará o leitor nas paginas que seguem a nota sentida e viva da impressão recebida no proprio local.

Póde a apreciação não ser a verdadeira. É comtudo sempre a exacta, a adequada, isto é, a suggerida pela observação directa, sem auxilio de intermediarios fallazes. De modo que, se a physionomia do povo russo não fosse objectivamente a que n'esta narrativa se descreve, ainda assim não deixava de ter valor a photographia, que d'ella aqui se encontra, pois tal photographia corresponde á realidade da sensação que, n'um observador imparcial, o exame do *facto* dentro do proprio meio produziu.

Para nós é esta a originalidade das paginas a seguir, podemos mesmo dizer a sua oportunidade.

Boa ou má, quize-mos escrever alguma cousa *nova* sobre a Russia. E' um quadro tirado do natural; inferior, sim, pela debilidade

do seu auctor, mas quanto a nós preferivel apesar d'isso á mais correcta das copias, reflexo pallido e incaracteristico sempre, mesmo quando lhe serviu de modelo uma obra prima!

CAPITULO I

A VIAGEM

Como me resolvi a fazer uma viagem á Russia. — O estudo da litteratura e da lingua russa. — A Russia que o occidente conhece. Desejo de verificar «de visu» as minhas supposições.

«Como é que lhe veiu á ideia emprehen-der, por simples divertimento, uma viagem á Russia?» Perguntava-me admirado na vespera da minha partida, e na occasião de eu ir á legação imperial visar o meu passaporte, o illustre ministro da Russia em Lisboa.

A extranhese do barão de Mayendorff que ao principio me surpreendeu, vi-a depois formulada em diferentes tons não só por muitos dos meus amigos de Portugal, mas ainda por quasi todas as pessoas a quem em Hespanha, na França e na Allemanha, tive ensejo de communicar o fim ultimo e real da minha viagem.

Ir, com effeito, por prazer e passatempo, do extremo occidente da Europa ao extremo oriente d'ella, quasi junto á Asia; passar sem se deter, sem mal lhes dispensar um olhar, pelas seducções de Paris, pelos paraizos da Suissa, e pelos maravilhosos centros da civilização allemã, para depois de uma longa e incommoda jornada através do continente se installar n'uma cidade de provincia (o meu plano primitivo era esse) n'um dos governos centraes da Russia; trocar Vienna por S. Petersburgo, Berlim por Moscou, Zurich ou Genebra por Tver ou Nijni-Novgorod, era objecto em toda a parte de natural espanto, sobretudo para aquelles, que das viagens só apreciam o que todas ellas teem de commum e de mais vulgar, isto é, o que o cosmopolitismo da civilização contemporanea accumulou apenas com differenças de gráu nas principaes capitaes da Europa, e que qual-quer, sem sair da propria casa, sem fadigas ou despezas de transporte, mais ou menos a toda a hora póde encontrar á mão.

E o curioso é que na propria Russia os reparos á minha resolução eram identicos.

Na verdade, como é que homens que, todos os annos em villegiaturas que são verdadeiros exodos, enchem aos milhares as principaes cidades, estações de aguas, e praias da Europa occidental, podiam comprehender, que alguem, a não ser a isso forçado,

³ *Litteralmente*: a querida mãezinha Russia.

deixasse os sitios que elles com tanta avidéz procuram, para ir buscar distracções nos logares, que elles, sem olhar a distancia ou gasto, todos os annos aos primeiros sorrisos da primavera abandonam? De principio mesmo a admiração era tal, que, para não ser olhado como reo do crime de lesa bom gosto, tive de cohonestar a minha já apontada excentricidade com o pretexto de uma missão junto da Sociedade Imperial de Geographia de S. Petersburgo. Foi uma pia mas indispensavel fraude, necessitada pelos meus brios de homem civilizado, embora d'ella aqui publicamente tenha de penitenciar-me.

Os meus creditos de *touriste* ficariam seriamente abalados, talvez mesmo irremediavelmente compromettidos, se persistisse em affirmar, que tinha ido á Russia só para a vêr de perto em viagem de recreio e que era apenas objectivo para mim de todo o ponto secundario a honrosa commissão, que aliás em cousa alguma contrariava o meu plano.¹ D'ahi por diante, pois, inverti os termos da declaração e assim consegui salvar a minha ameaçada reputação de viajante sem comprometter, já se vê, o encargo que trazia de Lisboa.

.....
Mas como me decidi, effectivamente, a fazer uma viagem a Russia?

A genese d'esta resolução é preciso procural-a, annos atrás, no seguimento dos meus estudos historicos e litterarios.

Depois de ter lido algumas das principaes obras das litteraturas latinas e germanicas contemporaneas, sobretudo do genero «romance», cahiu-me um dia nas mãos por acaso a traducção franceza de alguns contos de Turguenev, arancados á collecção *Zapiski Okhótnika* (memorias de um caçador). que por essa época

começava a sua carreira triumphal no occidente, depois de na Russia ter preparado a maior revolução d'este seculo em terra slava — a emancipação dos servos. A leitura d'essas paginas foi para mim a inesperada revelação de um mundo novo. Mesmo através do disfarce de uma versão era tão original o sabor das pequenas historias que compõem o celebre livro, de tal maneira se apartava a sua contextura de tudo quanto até ahi em materia de ficção eu conhecera, que soffregamente devorei d'um hausto toda a collecção, onde não sabia o que mais admirar, — se a singeleza encantadora da fôrma,



O auctor em trajo nacional russo

que não tem igual em litteratura alguma moderna, se a adoravel simplicidade da narração, tão ingenua, tão casta, que parecia mal poder ser com amor comprehendida por quem não aspirasse o perfume da sua pureza virginal. Depois de Turguenev foi Gogol; depois de Gogol, foi Dostoiewsky;

¹ A commissão de que se trata era o convite da Sociedade de Geographia de Lisboa á Sociedade Imperial de Geographia de S. Petersburgo para se fazer representar nas festas do centenario da India.

e depois foi Puschkin, foi Lermontov, foi Tolstoi, foram todos os autores russos enfim, que por meio de traducções me podiam ser accessiveis. E sempre o mesmo encanto! Sempre a sensação nova de outras fórmulas artisticas a darem corpo a outras ideias, a outros sentimentos, a outra vida, diferente d'aquella, que, n'um palpar cada vez mais debil, se vae pouco a pouco amortecendo nas gastas litteraturas do occidente.

E lidas que foram todas as traducções, novo aneio me assaltou com vehemencia — o de conhecer na lingua original essas obras primas, que eu apenas imperfeitamente entrevira por debaixo do véo traiçoeiro de um idioma extranho. . . *Traduttori, tradittori!* Como, porém, emancipar-me d'esses infieis interpretes, que sómente desfigurado me deixavam accessivel o objecto do meu culto?

Não era facil de acertar com o modo de conseguir semelhante intento. Para aprender uma lingua tão erriçada de difficuldades como o russo, a necessidade de um professor era de primeira intuição. Mas onde encontrar-o? Em Lisboa não o havia. Procural-o fóra do paiz? Seria loucura sequer pensal-o! ¹

Foi então que a theoria do grande Vico veiu em meu auxilio, inspirando-me a *heroica* resolução de aprender comigo só aquillo para que me faltava mestre idoneo. E, com effeito, se no mundo transcendental das supremas determinações psychologicas *velle id est posse*, (querer é poder) porque motivo o mesmo principio não teria tambem a sua applicação na esphera mais terra-á-terra da linguistica, sobretudo sendo ajudado o preceito do illustre philosopho italiano por uma grammatica e um dictionario?!

Graças, pois, á collaboração dos dois livros indicados consegui ao cabo de algum tempo familiarizar-me com a lingua russa litteraria, a ponto de poder lêr no proprio idioma os autores, que melhor me haviam impressionado.

Mas está escripto, que nunca um desejo satisfeito poude fazer calar em nós a ambição de mais subir. Tão depressa foi vencida a difficuldade da leitura, veiu a aspiração de fallar a linguagem, que no livro apenas me apparecia como organismo morto, sem movimento e sem vida.

E de fallar a lingua a querer visitar o paiz, seu berço, tão curta é a distancia, . . . mentalmente, que a resolução de um simples problema financeiro basta para transpol-a.

¹ Só mais tarde é que um mero acaso me fez encontrar o hoje distincto professor de allemão no lyceu de Lisboa, o sr. Alfredo Apell, que desde então tem sido o meu guia constante, sobretudo para o russo fallado, e a quem devo a relativa facilidade com que actualmente manejo esta lingua

Resolveu-se com exito a equação que devia transpor a distancia, e ficou assente a viagem á Russia.

O sonho, acalentado amavelmente durante tantos annos de espectativa, ia enfim mercê de um concurso favoravel de circumstancias realizar-se.

E aqui tem o leitor como e porque, em vez de ir passar umas ferias a Paris ou á Suissa, eu fui parar a uma provincia da Russia central, onde se a paciencia lhe não faltar, eu espero conduzil-o nas paginas que vão seguir-se.

Que Russia conhece ou antes julga conhecer o occidente?

Semelhante pergunta affigura-se-nos perfeitamente legitima da parte de quem teve ensejo de comparar o que a tradição, iamos dizer a lenda, da Europa conta d'esta nação com o que verdadeiramente ella é.

Dizia Diderot e com razão, que o preconceito está mais longe da verdade do que a ignorancia.

E não nos parece difficil o proval-o, no caso especial de que tratamos. O preconceito tem effectivamente sido a causa do desconhecimento quasi completo não só entre nós, mas na maioria das nações occidentaes, sem excluir a propria França, da vida do povo russo, das suas aspirações, dos progressos de toda a ordem que na sua existencia meio seculo de esforços persistentes conseguiram realizar.

A Russia consagrada pela falsa tradição historica em que ainda hoje somos educados, podemos dizer que ou nunca existiu senão na phantasia dos seus infieis chronistas, ou que pertence a um passado quasi archeologico, pois sobre elle passou já a rasoira demolidora de um cento de revoluções.

Mais do que inexacto, é supinamente ridiculo, vêr a nossa presumpçosa ignorancia fulminar em nome de uma civilização, nem sempre de bom quilate, a supposta barbarie da Russia de convenção que para nosso uso inventámos, onde, ao que parece, o *Knut* é ainda a suprema razão do estado, e os costumes são pouco mais ou menos os mesmos dos boyardos do tempo do terrivel Ivan III!

Mas que é esta a ideia que a maioria dos escriptores europeus faz ainda hoje da nação russa, isso não soffre a menor duvida. Pois o espirito mais culto, podemos dizer o mais cosmopolita da nossa vizinha Espanha, Emilio Castelar, não escreveu n'uma das suas obras mais justamente afamadas, ¹ sobre os perigos da invasão da raça slava na Europa,

¹ *Historia del movimiento republicano en Europa*

paginas, que se apressariam a perfilhar como suas os mais ferozes propagandistas anti-russos da Inglaterra ou da Allemanha? Extranha perversão do sentimento historico, mas infelizmente verdadeira!

E nós fomos tambem assim educados. . . A leitura, porém, das obras que na litteratura russa mais fielmente reflectiam a alma popular, o conhecimento dos documentos, onde directamente e sem carecer de intermediarios suspeitos nós podiamos seguir as differentes phases da vida da grande nação slava, bem depressa nos pozeram de sobreaviso com respeito ás affirmações da pseudo-historia official, dando-nos os elementos para reagir contra a corrente de ideias, que a todos quasi sem excepção orientava.

Por consequencia uma viagem á Russia, além das razões já apontadas que a impunham, tinha ainda para mim o inapreciavel valor de contra prova, em que *de visu* eu verificaria a realidade das minhas supposições. E até que ponto as duvidas do meu espirito eram fundadas, dil-o-ha a singela narração do que vi n'esse paiz, tão mal apreciado no estrangeiro por ser tão pouco conhecido, e no entretanto tão digno de ser estudado!

CAPITULO II

ATÉ A FRONTEIRA RUSSA

De Lisboa a Paris — A cathedral de Colonia — Até Berlim — A capital do imperio allemão — A Prussia oriental — Aproximação de um mundo novo — Eydtkuhnen, ultima estação do occidente — Na Russia finalmente.

Decidida que foi a minha ida á Russia, tornava-se necessaria a escolha de um itinerario. O que naturalmente estava indicado pela maior commodidade e barateza era o maritimo, ou directamente de Lisboa a Hamburgo e d'ahi por caminho de ferro até á fronteira russa, ou talvez melhor ainda do nosso porto a S. Petersburgo, tomando algum dos vapores, que de vez em quando fazem este trajecto.

Conhecendo já a Europa central por uma viagem anterior, o caminho por mar tinha para mim todas as vantagens, sem me privar da visita dos paizes intermediarios. Como, porém, d'esta vez tinha minha filha por companheira, fui obrigado a transigir com o desejo natural de fazer a viagem por terra, tranquilizando ao mesmo tempo o receio muito attendivel dos incommodos inherentes a uma travessia marítima.

E assim, no dia 26 de julho, de 96, ás 10

horas da noute, partiamos¹ da estação do Rocio em direcção a Salamanca, primeira paragem marcada no programma que eu traçara de antemão. De Salamanca, e após o tempo de indispensavel descanso, seguimos para Bayonna, affrontando impavidos durante um longo dia e uma noute, que parecia não ter fim, a monotona aridez da mais triste região da peninsula, e o desanimador desconforto do peor caminho de ferro do mundo. Só mudou o aspecto da paisagem, quando o comboio que nos levava se internou pelas provincias vascongadas, frescos e umbrosos jardins pendurados nas gigantescas faldas dos Pyreneos, parece que mais encantadoras ainda pelo contraste com a desolação requemada da Castella, que acabavamos de atravessar. Em quanto a commodidades ferroviarias continuaram as mesmas até á fronteira franceza, sem respeito pela mudança de scenario!

Bayonna, a formosa joia engastada nas margens do Adour, foi a nossa segunda paragem de repouso, e o ponto de partida da excursão deliciosa que fizemos a Biarritz. E' com effeito difficil de imaginar região mais bella, do que este pedaço de zona pyrenaica, nem caminho mais pittoresco do que a linha de tramway a vapor, que da cidade conduz até á estação balnear. Avenidas ou antes magnificas abobadas de incomparavel arvoredado, marchetadas de chalets, cortadas de squares, alternando com parques de floridos relvados, continuam sempre de um lado e outro da estrada, subindo docemente até ao ponto em que se accentua a descida para a praia, propriamente dita, onde pouco a pouco se tem ido levantando a cidade dos banhistas, centro obrigado de reunião dos millionarios dos dois mundos, que são a materia prima que alimenta os luxuosos hotéis e as insaciaveis roletas da elegante favorita de Napoleão III.

A caminho de Paris, uma differença no horario dos comboios obrigou-me a ficar perto de vinte e quatro horas em Bordeos, de onde parti para a capital franceza com o firme proposito de sem demora seguir para a Allemanha, a fim de chegar o mais breve possivel ao termo da viagem, e tambem para fugir a uma incommoda tempestade atlantica, acompanhada por vezes de chuva torrencial, que teimosamente nos perseguia desde Lisboa.

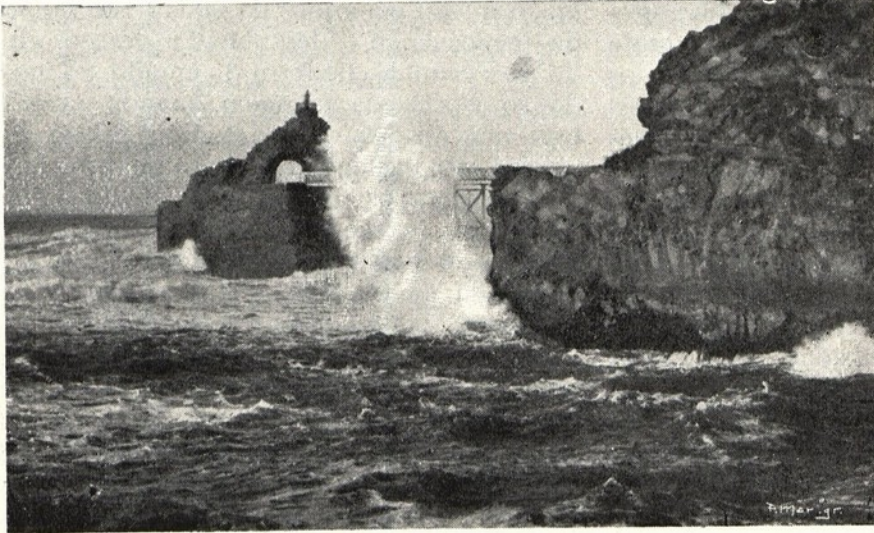
Feita, pois, a imprescindivel visita da praxe a alguns dos principaes monumentos de Paris, reservando para a volta exame mais mi-

¹ Alem da minha filha foi meu companheiro de viagem o illustre philologo o sr. Gonçalves Vianna.

nucioso e detido, tomei o expresso de Colonia, onde desejava uma vez ainda vê a celebre cathedral, vestigio magestoso da meia-idade germanica.

Porque eu sou fanatico por semelhante monumento, incomparavel mesmo entre os

côa atravez dos *vitraux* das janellas, é indiscriptivel, unica! O sentimento da realidade perde-se no mar das recordações, que em tropel diante de nós parecem tomar corpo em mil quadros animados. Uma a uma perpassam em frente dos nossos olhos as scenas



Biarritz — O rochedo do sanctuario

tres ou quatro que a Europa conta no genero. Nem comprehendo a ideia religiosa na sua manifestação architectonica fóra da igreja gothica, de que esta é o typo mais completo. Ou severo e grandioso como em Colonia, ou brincado e florido como na Batalha, só o estylo ogival traduz bem, nas suas linhas melancolicas e ideaes, o sentimento vagamente scismador do christianismo medieual. É em presença d'esses sublimes poemas de pedra, deixados aqui e ali como testemunho da piedade das gerações que passaram, que nós sentimos elevar-se-nos o espirito ao mundo luminoso das crenças, que durante seculos foram conforto para tantas almas doloridas... E ainda hoje tal enlevo faz bem! Tirem por isso á idade-media a cathedral gothica, e a poesia do christianismo será para nós letra morta. Procurem se são capazes outra fórmula artistica, que possa coadunar-se melhor com o dogma christão, e o mais que terão conseguido é realizar o anachronismo sumptuoso da Magdalena, como se dentro da esthetica proporcionada do templo grego coubesse a aspiração infinitamente superior da religião do Christo ou do culto de Maria!

Eis a razão porque para mim a viagem a Colonia assume sempre as proporções de piedosa romaria. Vista de fóra a cathedral assombra pela audacia da construção. Mas lá dentro a sensação que nos domina, ao contemplar as extensas naves e as altas e esguias ogivas, á claridade indecisa que se

ora commovedoras, ora terriveis, de que foi theatro o grande templo. A historia extensa do catholicismo militante, condensada em gigante apparição, affigura-se-nos querer resurgir das cryptas onde jazem inertes os heroes das suas luctas seculares. E depois repentinamente tudo volta á marmorea immobilidade. Apenas o orgão, gemendo dolentemente uns threnos repassados de dulcissima saudade, continúa mantendo por algum

tempo ainda a illusão, que fizera reviver o passado a que em espirito assistiramos

Uma hora mais tarde estava a visita feita e eu seguia a toda a velocidade no expresso de Berlim, não sem ter fulminado com a mais violenta apostrophe da minha indignação o mercantilismo contemporaneo, que, com o mesmo revoltante desrespeito pelas mais puras glorias da arte, collocou a servir de fundo á formosa igreja allemã uma gare de caminho de ferro, exactamente como o monstruoso gazometro que conhecemos se foi construir junto á Torre de Belem!

O caminho, a partir de Colonia e depois de passado o valle do Rheno, começa a ser extremamente monotono e enfadonho. O proprio rio n'este sitio, de margens chatas e vulgares, nada tem que desperte a attenção do viajante. Não póde comparar-se a região que iamos atravessando, nem em riqueza nem em formosura de paisagem, com as zonas que em França o caminho de ferro córta, qualquer que seja a parte do paiz percorrida, quer se trate da linha de Bordeos, quer se trate das linhas de Lyon, de Leste ou da Normandia, com excepção apenas das *Landes*.

Grande parte da França é tambem uma extensa planicie. Mas que variedade de aspectos, que frescos prados, que bem mantidos canaes, que magnifica arborização, e que requintado cuidado na sua esmerada agricul-

tura! Atravessam-se departamentos inteiros francezes, que mais parecem jardins plantados a capricho, do que terras cultivadas para producção. Na Allemanha, pelo menos na parte que a linha de Colonia a Berlim segue, não ha nada que com este espectáculo se possa comparar.

Ao principio ainda o paiz apresenta a ondulação pittoresca que distingue a Prussia Rhenana das outras provincias do imperio, e que dá uma feição especial á cidade de Düsseldorf e sobretudo a Aix-la-Chapelle, a antiga capital de Carlos Magno. Mas depois que começa a interminavel planicie da Westphalia, a monotonia da viagem cada vez se accentua mais, offerecendo apenas interesse industrial as principaes cidades, que se vão pelo caminho encontrando, como Duisburg, Oberhausen, Dortmund, Hamm, Bielefeld e Minden. A orographia da parte do Hannover, que o caminho de ferro atravessa, continua a ser a mesma. A capital do antigo reino está assente em meio de uma planicie escalvada e arênta. Embora muito vasta e apesar de ser cortada em toda a sua extensão pela linha ferrea, não apresenta relevo algum sensível, que a faça sobresahir acima do terreno chato e sem perspectiva que a rodeia. A configuração, porém, da sua architectura, onde predominam as torres ponteagudas, e a côr vermelha de todas as suas casas, devida ao emprego quasi exclusivo do tijolo como materia prima de construcção, dão-lhe um aspecto singular e original, que não se esquece facilmente.

Acima do Brandeburgo, começa o Brandeburgo, mas a configuração do terreno não varia até junto da capital. De modo que se desde Colonia se passa por quatro zonas, politica e administrativamente differentes, pôde dizer-se que toda a região physicamente considerada é uma só, sempre igual a si mesma, sem mundanças de aspecto ou differenças de constituição. E ainda aproximando esta parte da Allemanha da França, não é possível deixar de notar a differença que desde logo e mesmo para o observador mais superficial separa os dois paizes. Na França foi a natureza mais provida e a riqueza do solo em muito se avanta a terra allemã, mais pobre

e de cultivo mais difficil e menos variado. Na Allemanha, pelo contrario, o esforço do homem é maior, mais persistente e mais vizíveis os progressos de toda a ordem, sobretudo no dominio industrial. Basta presenciar o que são as cidades do Rheno, e o aspecto da paisagem entre Düsseldorf e Dortmund. Fica-se indeciso se são campos o que se vê, se são as dependencias de uma monstruosa e interminavel officina. De noute é sobretudo pittoresco distinguir ao longe, na linha do horizonte, destacando-se do meio da escuridão, os pennachos de fogo que saem das innumeras chaminés, que por toda a parte testemunham a actividade das fabricas d'além Rheno.

Passavam das onze horas da noite, quando chegámos á gare de Friedrichsstrasse. Fóra do habitual o movimento era ainda grande n'esta rua. D'ahi a pouco sabia eu á minha custa a causa de tão desusada animação, por que dirigindo-me como de costume ao Grande Hotel Central, ahi me foi respondido, que nem um unico quarto estava devoluto, recebendo igual resposta em quatro ou cinco mais dos primeiros hoteis da cidade. O que assim transtornava os habitos da pacata Berlim, era a exposiçào industrial de Charlottenburgo, que todos os dias chamava á capital enorme concorrencia de forasteiros.

Conforme o meu programma a estada



Bordeos — A avenida de Tourny

n'esta cidade devia ser de curtissima duração, vinte e quatro horas apenas, ou pouco mais. Não que ella não mereça e não recompense largamente mais demorada visita. Basta uma rapida vista d'olhos pelos seus interessantissimos museus, para bem occupar bastantes

dias. Mas por um lado essa demorada visita tinha-a eu feito no anno anterior, e por outro lado, como o objectivo da minha viagem era differente, precisava não prejudicar com demasiada attenção aos accessorios o fim principal d'ella.

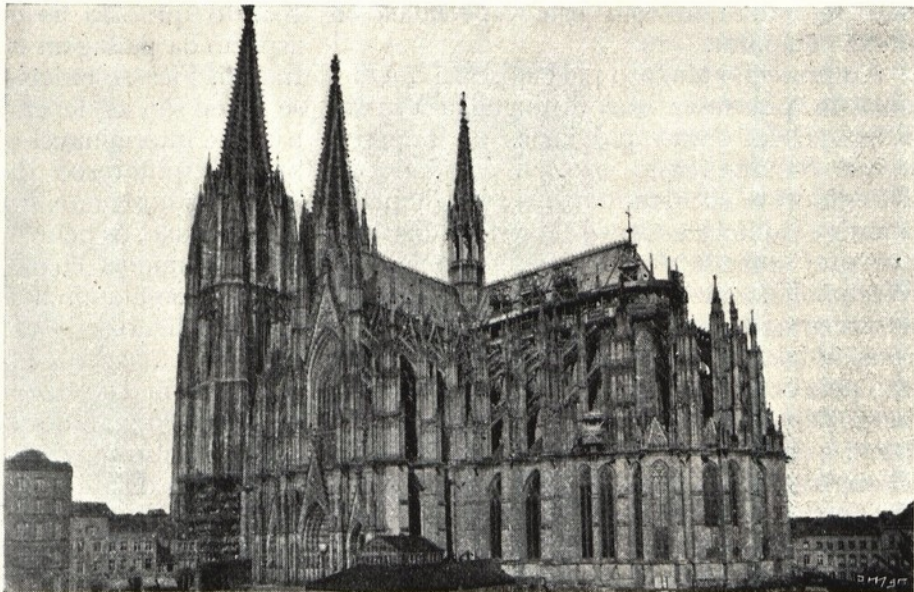
Por isso me limitei ao classico passeio de trem pela cidade, de que aliás me não arrependi, porque Berlim é uma capital que a toda a hora cresce e se desenvolve, apresentando cada anno sempre alguma novidade. A d'este anno era a tracção electrica para o Jardim Zoologico e Charlottenburgo.

O progresso acelerado, sem interrupção, constitue, com effeito, a divisa característica de Berlim. Não é uma cidade estacionaria ou de transformação lenta e morosa como tantas outras, em que os melhoramentos mais indispensaveis são comprados á custa de fartos annos de espera. O apresado crescimento de Berlim imitou na sua celeridade vertiginosa a rapida carreira, sem igual na historia, do imperio de que é cabeça. Ha vinte e cinco annos ainda nada existia d'essa capital moderna, que, sobreposta á velha cidade do grande Frederico, é hoje uma das maiores e mais bellas da Europa; assim como ha tres seculos apenas, não passava de modestissimo margraviado o minusculo senhorio, que é actualmente uma das mais poderosas nações do mundo.

O que falta a Berlim não são os progressos materiaes de toda a ordem. Esses tem-n'os em abundancia e todos os dias ainda os acrescenta. O que lhe falta é a vida, é a animação, que faça circular o movimento e a alegria por todas as suas vastas arterias. Por que no fim de contas e no meio de tantas grandezas Berlim é triste.

O estrangeiro em Berlim sente-se, não ha duvida, no centro de um grande estado. Mas ha alguma cousa na grave physionomia do berlinez, que sem querer nos faz compartilhar as inquietadoras preoccupações d'esse imperio, que tem de guardar de arma ao hombro a hegemonia, que as suas victorias lhe deram.

Que frisante contraste com a apparencia prazenteira e descuidosa de Paris, sempre alegre e se quizerem sempre leviano, mesmo na vespera das maiores crises!



A cathedral de Colonia

No dia seguinte partia para a Russia no expresso de S. Petersburgo. O meu primitivo plano era parar um dia em Koenigsberg, a capital da Prussia oriental, afim de repartir por metade a longa distancia que separa as duas capitaes. Mas, informado que o trajecto no comboio rapido estava reduzido a trinta e seis horas, decidi-me a fazer de uma vez só todo o caminho, terminando assim um dia antes do calculado o prologo, que já se ia extendendo em demasia, da minha excursão. De Berlim para lá, além d'isso, começava para mim o desconhecido, isto é a parte verdadeiramente interessante da viagem. E eu estava impaciente por entrar n'esse mundo novo de sensações e de aspectos.

Da capital da Prussia a Eydtkuhnen, ultima estação allemã na fronteira, póde seguir-se por duas linhas de caminho de ferro, que partem ambas da Schlesischer Bahnhof. Uma d'estas linhas passa por Thorn e Instertburg. E' um pouco mais extensa. A outra passa por Dirschau e Koenigsberg. Foi esta que escolhemos.

Conforme eu suspeitava, attendendo á artificialidade das fronteiras politicas por este lado da Allemanha, a região denominada Prussia oriental, de que é capital Koenigsberg, a patria do celebre Kant, limitada a oeste pelo curso do baixo Vistula e a leste pelo curso do Memel, distingue-se desde logo sob o ponto de vista orographicico do Brandeburgo, que lhe fica contiguo.

A planície chata e arida na apparencia, que até então atravessáramos, cede o passo a um terreno levemente ondulado, cortado aqui e ali por charcos d'agua á flôr da terra, e onde começam a apparecer as primeiras amostras das florestas do oriente da Europa. Principiam os prados relvados e verdejantes, mosqueados de vez em quando por grandes ranchos de patos gansos, que á guisa de gado percorrem as pastagens como se fossem alados rebanhos. A configuração das cabanas, a extensão das aldeias, os marcos divisorios das terras, a physionomia mesmo da propria cidade de Koenigsberg, assente como derradeira sentinella do occidente no meio da enorme vertente baltica, parecem já pertencer a um mundo novo, e são os indícios da vizinhança d'essa terra russa, que, embora ainda longe, começa no entretanto a fazer sentir a sua poderosa attracção.

A' medida que o caminho se adianta e nos approximamos da fronteira, mais se accentua a nova feição da paisagem.

Passam-se successivamente as estações de Wehlau, Insterburg, Gumbinnen, Trakehnen, Stallupönen, e chega-se por fim a Eydtkuhnen, ultima estação prussiana. O comboio pára alguns minutos para dar tempo á compra de bilhetes supplementares até a primeira gare russa. Depois, põe-se de novo em movimento e lentamente vae sahindo a fronteira allemã.

Passava da meia noite, quando parámos na estação de Verjebalóvo, e pudémos vêr pela primeira vez á luz dos archotes, que illuminavam a gare, as côres do imperio pintadas na vedação aduaneira, por detrás da qual appareciam uns uniformes extranhos e umas physionomias singulares . . .

Estavamos finalmente na Russia, e a verdadeira viagem ía começar agora!

CAPITULO III

A CAMINHO DE S. PETERSBURGO

Verjebalóvo — Prim ira lenda desfeita — O expresso de S. Petersburgo — Kóvno — A paisagem russa — Impressão geral do caminho — Vilna — O lago Peïpus — O tempo — Chegada á capital.

Et ego in Arcadia . . Não foi sem verdadeira commoção, que eu me vi em terra russa. Tambem não ha impressão nem mais justificada nem mais legitima. Sair-se das nossas nações do occidente, de fronteiras relativamente tão acanhadas, mesmo as mais vastas, e achar-se de repente quasi d'um salto a con-

finar, pelo paiz que se pisa, ao norte com as geladas regiões do pólo, ao oriente com o oceano Pacifico em face do Japão e da America, ao sul e sueste com a Coreia, com a China, com a Persia, com o Afganistan, quer dizer, com os ultimos limites do continente asiatico, é contraste que assoberba o espirito mesmo mais affeito a estas bruscas transições.

Uma impressão assim, pensava eu, devia talvez tel-a sentido o estrangeiro na antiguidade, ao tocar pela vez primeira o solo do imperio romano, que então fechava dentro dos seus confins a melhor parte dos tres continentes conhecidos.

Accrescia, porém, a esta indefinivel sensação de immensidade o sentimento vago de estranheza, que o aspecto para mim novo de tudo, quanto eu podia distinguir, involuntariamente me produzia. Depois a propria noute, com o seu véo impenetravel, mais ainda contribuia para avolumar o mysterio do mundo ignoto que me cercava. Naturalmente a impressão de uma entrada de dia, illuminada pelo sol claro, a desenhar com nitidez os contornos do paiz, teria sido outra bem diversa.

Verjebalóvo ou Wirballen, conforme lhe chamam os allemães, está assente scbre a Lepona, affluente da Szeszapa, que serve de limite aos dois imperios. Como todas as estações de fronteira é uma vasta gare, propositadamente construida para as morosas e complicadas operações da visita aduaneira, exame de passaportes, e mudança de comboios, pois é n'este ponto que o expresso russo para S. Petersburgo recebe os passageiros do rapido allemão.

Uma fila de soldados aguarda, á entrada da vasta sala de espera, a nossa saida do wagon para a entrega dos passaportes, emquanto as bagagens são tiradas do fourgon e os carregadores, vestidos da nacional *rubáska*¹ de linho apertada por uma correia na cintura, vão alinhando as malas no balcão, abrindo-as e preparando-as para a visita.

A noção que eu trazia de Lisboa a respeito dos rigores do regimen aduaneiro na Russia, fazia-me sentir, confesso-o, n'este momento solemne sempre para todo o viajante, uma certa inquietação pelo que iria passar-se. A que requintes de inquirição chegaria a reticulosidade fiscalisadora d'estes Argus, contra os quaes eu apenas tinha como defesa a minha consciencia virgem de qualquer peccado de contrabando e a mais completa ignorancia do que nas alfandegas russas fosse artigo prohibido? E a censura contra os livros? De tal maneira me tinham prevenido contra ella,

¹ *Literal:* camisa.

contando-me horriveis casos acontecidos pelas mais innocentes infracções, que foi com verdadeiro terror que eu apresentei, quasi tremendo, ao chefe do posto aduaneiro o meu modesto guia de viajante, unico volume que ousára trazer de Portugal.

Qual não foi, porém, o meu espanto, quando, em vez dos rigores annunciados, eu encontrei no pessoal da alfandega a mais primorosa delicadeza e uma tão larga comprehensão do seu ingrato mister, que a simples declaração do que constituia a minha bagagem substituiu para todos os effeitos a tal pesquisa, que devia revolver-me os ultimos recantos da mala?! No tocante á censura com os livros estrangeiros, ainda o espanto me cresceu de ponto, chegando a verdadeiro assombro. Pois não recusou o encarregado da policia a quem eu me dirigi, para explicar do modo mais satisfatorio a presença do meu Baedeker, tomar conhecimento sequer do titulo da obra, despedindo-me com um sorriso meio ironico, quando a minha insistencia para que elle verificasse a orthodoxia do volume, parece que se ia tornando importuna em demasia?!

Tão inesperadas facilidades confundiam-me; e eu ficava perplexo, sem saber a que attribuir este inexplicavel procedimento. Mas inexplicavel, porque? Porque eu persistia em acreditar como boas as erradas informações, que sobre o assumpto me haviam fornecido. Ora a verdade é que taes informações, dadas na melhor boa fé, quero crê-lo, não passavam de uma das muitas lendas ridiculas, que no occidente correm a respeito da Russia. Esta primeira acabava de ser desfeita. Quantas outras não teria eu, no seguimento da viagem, occasião de ver desfazer ainda?...

Concluida a revista das bagagens e recebido outra vez o passaporte, o meu primeiro cuidado foi assegurar para minha filha um logar na *spálnia*¹ ou carruagem-leito, pois o caminho a percorrer era demasiado longo, o tempo chuvoso estava excessivamente frio, e, peor do que tudo para uma viagem nocturna, o numero de passageiros reunidos na sala de espera fazia prevêr nos wagons uma enchente *au grand complet*.

Tranquilizado por este lado, e faltando ainda perto de duas horas para a partida, pude principiar a familiarizar-me com o novo meio em que me achava.

Carecia effectivamente não só de passar o tempo, mas de satisfazer a curiosidade bem natural de travar conhecimento com os primeiros russos *authenticos* que encontrava. Precisava tambem — para que escondel-o?

—t tirar a prova real da sciencia linguistica que eu trazia de remissa, pondo em exercicio, na primeira occasião que se apresentava, as minhas habilidades ainda um pouco problematicas ou pelo menos ainda imperfeitamente experimentadas no campo da philologia russa.

Diga-se desde já, comtudo, sem immodestia, que não deixou de ser satisfatoria para a minha vaidade de polyglotta esta especie de exame preliminar, confirmando os sensiveis progressos realizados nos ultimos tempos, e permitindo-me esperar, que não teria a temer nas futuras relações com os subditos do tsar novos incidentes, semelhantes ao do anno anterior na egreja russa da rua Daru, quando gravemente eu insistia em perguntar ao sacristão pelo jantar, em vez de perguntar-lhe pela missa!

Se fallar uma lingua, porém, é poder n'ella com maior ou menor trabalho fazer-se entender dos outros e mais ou menos entender o que esses outros nos dizem, não ha duvida que desde este momento eu tinha o direito de affirmar, que fallava russo.

Entende-se que tal affirmação não significa nem sequer a consideração mais trivial, devida a essa disciplina conhecida pelo nome de grammatica, a qual por vezes parece que eu tratava com a semceremonia de um verdadeiro reformador. . . creulo.

Pelo menos assim m'ò faziam crêr certas correcções, veladamente offerecidas com a maior urbanidade pelos meus irterluctores.

Dera já o primeiro signal do embarque e tornava-se necessario proceder com presteza para obter um logar em rasoaveis condições no wagon, precaução conforme depois tive ensejo de aprender á minha custa absolutamente indispensavel nos caminhos de ferro russos. Como os comboios são pouco numerosos mesmo nas linhas principaes, e como parece que ás companhias não lhes sobra o material, o assalto ás carruagens é de regra, e não constitue para o viajante operação de pequena monta a sua installação. Acrescente-se a esta primeira difficuldade a que resulta do regimen das bagagens. Nos caminhos de ferro russos a este respeito a liberdade é completa. Cada passageiro leva comsigo tudo o que a sua phantasia lhe sugere, desde as malas e bahus de mais monstruosas dimensões, até aos apetrechos de cozinha e ao *samovár* nacional. De modo que, quem primeiro consegue tomar logar, enche

¹ Em russo as palavras «jantar» e «missa» são respectivamente: *abied* e *abiednia*. D'ahi a minha confusão e o commico incidente que ella occasionou.

¹ Dormitorio.

á sua conta a maior parte do espaço disponível.

Os que vêem depois, que se arranjam como poderem. Um pobre tchêque, meu com-

tantas ainda para andar, o certo é que a minha primeira impressão de um comboio russo ainda hoje constitue para mim recordação nada agradável. Eu vinha acostumado



Berlim — O Schlossbrücke

panheiro na viagem que fiz de Moscou a Varsovia, vi eu entalado entre uma especie de mala e um colchão, que a incommoda vizinha, que a má sorte pozera defronte d'elle, teimava em lhe encostar á força, e que o pobre homem teve que aguentar por travesseiro durante toda a noite, até que a vaga de um dos logares proximos lhe permittiu libertar-se de tão singular martyrio. E principalmente nas segundas classes e nas terceiras, como póde bem suppôr-se, que esta accumulção attinge o maximo limite. O que não quer dizer, que nas primeiras ella não seja tambem vulgar. Por isso e não obstante a rapidez com que me puz em movimento, apenas a porta da sala de espera se abriu para a *gare*, quando cheguei junto do comboio, já todos os wagons estavam litteralmente apinhados, conseguindo a custo obter um dos peores logares no que estava menos cheio.

Ou fosse por este motivo ou pelo estado do meu espirito, necessariamente pouco propenso a optimismos, depois de mais de vinte horas de viagem e na perspectiva de outras

ao conforto, ás commodidades e á elegancia, — a expressão não é de modo nenhum impropria — dos caminhos de ferro allemães, sem duvida alguma os melhores da Europa, sob todos os aspectos. De repente, sem transição, vejo-me encerrado n'uma especie de fortaleza ambulante, de dimensões monstruosas, negra como a noite que nos envolvia, e de apparencia tão pesada, que eu perguntava a mim mesmo em que officina teria sido forjada a machina colossal capaz de arrastar tal comboio. Em vez das janellas amplas, rasgadas e numerosas das carruagens allemãs, por onde o ar e a luz podiam livremente circular, o wagon que ia servir-me de prisão durante perto de vinte horas, tinha-as tão pequenas e eram ellas tão poucas — uma por banda em cada divisão — que me pareceram, n'aquelle primeiro momento da entrada, frestas acanhadas a que a minha imaginação desnorteada pelo contraste ainda mais reduzia as dimensões.

Foi junto a uma *janella* d'estas, fechada com duplo caixilho — na Russia todas as por-

tas e janellas assim se fecham — que, depois de não pequeno trabalho para arrumar a minha mala, eu pude sentar-me de lado no *fauteuil*, que pela minha qualidade de passageiro munido de bilhete theoreticamente devia pertencer-me, mas que com a maior sem cerimonia tinha sido em grande parte invadido pelos pés pouco cõrtezes do meu vizinho fronteiro, antipathica creatura, ao qual só ouvia de vez em quando uma especie de grunhido, não classificado por certo em cathegoria alguma de phonemas de lingua conhecida, e que depois soube ser um lithuano, parece que de Vilna, pois n'essa cidade se apeou. Como a noite estava escura e me era impossivel emquanto não amanhecesse, o que sómente devia acontecer lá para o pé de Kóvno, vêr a região que o nosso comboio ia lentamente atravessando — na Russia a velocidade mesmo dos expressos é bastante inferior á dos trens allemães, — principiei a olhar em torno de mim, afim de familiarizar-me com o pequeno mundo que me rodeava. A minha primeira inspecção foi para o wagon, que havia pouco tão mal me impressionára. Percorrendo successivamente os differentes compartimentos que communicavam entre si, não por corredor lateral como na Allemanha, mas por meio de simples portas, pude observar que o interior da carruagem era bastante melhor do que poderia fazel-o suppôr o exame summario do exterior. Aparecia-me espaçoso, confortavel, e o que peor impressão em mim fizera — as janellas e o duplo caixilho que as fechava — explicava-se pela qualidade do meio que os comboios tinham de percorrer, e pela rudeza do clima a que tinham de resistir. Janellas como as allemãs seriam mettidas dentro á pressão da menor camada de neve, que sobre ellas se depozesse. O systema de ventilação era tambem o adequado a um paiz, onde de inverno um golpe de ar, entrando livremente, póde ter as mais serias consequencias. Em conclusão, no que diz respeito á installação propriamente dita, eu fôra injusto para com os caminhos de ferro russos, e depois de ter viajado por algumas das linhas principaes, posso com mais conhecimento de causa ratificar esta apreciação. Se no entanto deixei aqui consignada a minha impressão primeira, é porque ella foi tão profunda, que ainda hoje, depois de ter modificado o meu juizo, constitue a peor recordação que da Russia eu conservo. No que a opinião, porém, se me não modificou, foi no tocante á regulamentação dos comboios, onde a liberdade do passageiro mais audaz para incommodar os vizinhos é completa. O *neminem laede* da jurisprudencia classica parece ser principio

desconhecido para as companhias ferro-viarias na Russia, e mais de uma vez eu me lembrei com saudade dos preceitos bureaucraticos, quasi tyrannicos, da democracia franceza, ao assistir á desenvoltura e á independencia illimitada de certos viajantes em pleno paiz do tsar! Porque tambem é uma lenda, espalhada no occidente, o suppôr-se que na Russia, pelo facto da autocracia ser a fórma governamental, tudo geme debaixo de uma permanente tyrannia.

Em muitos casos ha na Russia mais liberdade ou menos regulamentação, — o que o mesmo quer dizer, — do que nas nossas nações occidentaes, onde os direitos do individuo são o prologo obrigado de todos os artigos de lei.

Mas voltemos, emquanto não amanhece, aos meus companheiros de viagem.

Do que eu pude apurar logo ao primeiro exame, vi que os havia de diversa origem e procedencia: lithuanos, russos, allemães e até tartaros, conforme se deprehendia do traje — o *khalat*, especie de tunica comprida —, e das feições — typo ruivo, de grande vivacidade e cabello cortado á escovinha — além da impressão que no ouvido me produzia o seu fallar para mim desconhecido, é certo, mas onde era bem preceptivel a chamada harmonia vocalica, phenomeno caracteristico de todas as linguas uralo-altaicas, a cuja familia o idioma tartaro pertence. A maioria, porém, dos habitantes occasionaes do meu wagon era composta de judeus polacos. Não deve esquecer que de Verjebalóvo até Kóvno a região atravessada pela linha ferrea faz parte do governo geral de Varsovia ou mais exactamente do governo de Suwalki, que forma a extremidade septentrional do antigo reino da Polonia.

Ora é sabido, que apenas n'esta provincia do imperio e nos governos do sul teem os judeus a liberdade de se estabelecer livremente, qualquer que seja a condição a que pertençam.

No norte e no centro, em S. Petersburgo e Moscou, por exemplo, para que um israelita possa fixar-se, torna-se preciso que possua a carta de qualquer curso superior. Com effeito, n'estas duas cidades alguns encontrei, exercendo a profissão de medico e de engenheiro. Não sei se a tolerancia se estende ainda a outras classes. Esta informação de resto tenho-a como authentica, pois a devo a um distincto medico israelita de S. Petersburgo, o dr. Abram Veniaminovitch Zakher, que comigo fez a viagem de Varsovia a Vienna, e do qual recebi valiosos esclarecimentos acerca do viver dos seus compatriotas.

A quasi totalidade d'estes judeus polacos

é trilingue, fallando indifferentemente e com igual facilidade o polaco, o allemão e o russo, embora esta ultima lingua com pronunciada accentuação estrangeira.

Foram successivamente ficando uns em Kóvno e outros em Vilna, de modo que quando entrámos ao outro dia no governo de Pskov, o primeiro da Grande-Rússia que se encontra por este lado a caminho da capital, nem um só restava no comboio.

E' tempo, no entretanto, de descrever a traços largos o caminho que iamos percorrendo. Os primeiros alhores da madrugada começavam, com effeito, a tingir de uma côr levemente esbranquiçada a linha do horizonte; e pouco a pouco o relevo do terreno, que de vago e indeciso passára a mais circumstanciado e nitido, principiava a desenhar aos meus olhos impacientes a physiognomia da paisagem.

Foi nas alturas de Kóvno, que a claridade do dia já então sufficiente, me permittiu examinar o panorama que diante de mim se desenrolava. O nosso expresso acabava de parar pela primeira vez desde que saíramos de Verjebalóvo, durante um quarto de hora, na estação d'este nome, e digo propositadamente «estação» e não «cidade», porque na Rússia estas duas expressões nem sempre se equivalem.

O incauto viajante que, fiado na nomenclatura official consagrada, não tiver em conta tal consideração, aliás tão necessaria no imperio dos tsars, arrisca-se a serios contratempos ou pelo menos a contrariedades nada agradaveis, na mais favoravel das hypotheses. Julgando ter comprado bilhete para determinada cidade pôde acontecer-lhe ao cabo da viagem encontrar-se no meio de uma floresta ou de uma planicie, a algumas dezenas de *vérstes*¹ do povoado aonde se dirigia, e que só theoreticamente tem como symbolo a estação do mesmo nome. Dá-se, por exemplo, este facto em todo o percurso do caminho de ferro de S. Petersburgo a Moscou. As povoações que o guia nos indica como estações d'esta linha são numerosas. Pois apenas uma unica cidade, Tver, pôde dizer-se que fica junto á respectiva *gare*, sendo ainda assim preciso, attribuir ao adverbio «junto» uma tão lata significação, que no caso sujeito comporta nada menos do que a distancia de alguns kilometros. A causa de semelhante anomalia está em que na Rússia a construcção das linhas ferreas obedece a considerações de ordem puramente militar, ficando o interesse commercial e economico das povoa-

ções n'um plano secundario perante a razão do estado que a todas sobreleva.

Kóvno, cidade de perto de cincoenta mil habitantes e capital do governo d'este nome, está situada na confluencia do Niemen e da Viliia em uma região bastante fertil. A metade pelo menos da sua população compõe-se de israelitas, encontrando-se n'ella tambem numerosos lettões, residuo da população primitiva, pois é sabido que Kóvno fazia parte do antigo ducado lithuanico. Tem esta cidade a honra de possuir as maiores egrejas catholicas da Lithuania, entre as quaes a de S. Pedro e a de S. Paulo, que datam do seculo xv. O principal monumento historico de Kóvno é a celebre pyramide de ferro levantada á memoria da retirada dos francezes em 1812, e cuja inscripção diz assim no seu laconismo terrivelmente epico:

«*Em 1812 foi a Rússia surpreendida por um exercito de 700:000 homens; 70:000 apen-*
«*nas tornaram a passar a fronteira.*»

Pelo que respeita á estação de Kóvno, é ella com pequenas variantes a repetição de quasi todas as estações que n'esta parte da Rússia se encontram. Vasto edificio de madeira, pintado de claro, a sua apparencia destoia completamente do typo das estações allemãs ou francezas.

A estação russa com os competentes annexos, entre os quaes não falta nunca o *kolódets*, especie de poço cuidadosamente protegido, é rodeada por um ripado construido com todo o esmero, o qual fecha tambem o recinto do jardim ou horta, parte integrante d'estas *gares*.

Em geral pôde dizer-se como regra, que as estações de caminho de ferro russas são sempre vastas de mais para o movimento, pelo menos actual, a que teem de fazer face. Na immensa Rússia ninguem regateia o espaço. Ha tanta terra que parece não ter ella valor algum, e por isso o caracteristico das construcções, quer se trate das ruraes quer das urbanas, é a «espaciosidade» fóra de todos os nossos habitos, e a «grandiosidade» de proporções a que não estamos acostumados, nós os que vivemos nas apertadas fronteiras das nações do occidente. Nos campos, os horizontes não teem fim, as propriedades extendem-se a perder de vista, a largura das estradas é enorme, a área das simples *izbás* ou cabanas dos camponezes parece-nos pela sua amplitude luxo desnecessario e sem razão.

Nas cidades, as habitações de ordinario baixas occupam um espaço enorme, as ruas medem-se por kilometros, e praças ha tão vastas como o *Marsóvoie póle* (o Campo de Marte) de S. Petersburgo, dentro do qual

¹ A *verste* = 500 *şajenes* = 3 1 067 metros.

podem caber á vontade duas ou trez Praças do Commercio!

Outra particularidade da maioria das esta-

tada de varias côres, essas encantadoras *dâtchas*,¹ que aos centos se encontram pelas avenidas das *ilhas* de S. Petersburgo, consti-



Berlim — Unter den Linden

ções de caminho de ferro russas é o material de que são construidas. Debalde n'ellas se procurará a pedra das estações peninsulares e da França ou o tijolo e o ferro da Alemanha e da Austria. A materia prima de todas estas edificações é a madeira simplesmente aparelhada em bruto, ou trabalhada artisticamente em caprichosos rendilhados.

Com effeito, a madeira—o producto da floresta—constitue o principal recurso da engenharia na Russia, e é ao mesmo tempo o elemento fundamental, que imprime caracter á architectura moscovita sobretudo nos campos, e até certo ponto nas cidades.

Do mesmo modo que no antigo Egypto e na Assyria, o material n'este paiz serve, póde dizer-se, de commentario explicativo á obra do constructor.

São de madeira as *gares* das linhas ferreas, as vedações dos caminhos, as pontes que passam sobre os rios, as cabanas dos camponezes, as habitações das *imiénie* ou propriedades ruraes, muitas construcções officias nas cidades de provincia, como Tver, e até são de madeira tambem, envernizada ou pin-

tuindo o bairro mais pittoresco da capital.

Depois, ainda a madeira tem outras applicações não menos importantes nem menos numerosas. D'ella se fazem variados artefactos de uso domestico e diversos instrumentos para a agricultura. Com ella se alimentam as machinas de vapor da grande industria, e dos barcos que constituem a importante esquadra da navegação fluvial, assim como as locomotivas de todas as linhas ferreas do norte e centro do imperio.

Serve ainda a madeira, sob a fórmula de combustivel, para aquecer durante os seis longos mezes de inverno a população inteira do paiz, que sem tal auxilio não resistiria de certo ás geladas temperaturas que tão implacavelmente a açoutam. E por ultimo ainda, tem prestimo, como a casca da *berioza*,² para com ella se fabricar o calçado dos *mujiks* e diferentes artigos de vestuario.

Que admira, pois, que em presença de tão colossal procura as florestas, apesar da sua enormidade e da sua riqueza assombrosa, to-

¹ Casa de campo —² Especie de faia.

dos os dias vão recuando perante o machado da civilização, e principiem a apparecer cortadas aqui e além cada vez mais por numerosas clareiras? O peor são as consequencias, que para a meteorologia e consequentemente para a hydrographia do paiz semelhante desbaste possa ter.

Existe, não ha duvida na Russia uma lei protectora das florestas, a qual estabelece e regulamenta as condições em que o córte póde realizar-se. Mas n'um territorio tão vasto e de população especifica tão escassa, qual é a sancção que uma lei d'estas póde ter? De facto, nenhuma.

*U sebiá iá tsarióm!*³ dizia-me, a proposito das penalidades impostas pela legislação florestal, um proprietario do governo de Tver, cujo nome eu callarei para o não denunciar á policia administrativa russa.

Em minha casa, sou eu rei! Que venham pois prohibir-me de desbastar as florestas, que eu quizer. . . E esta affirmacção de independencia, não deve ser tomada á conta de simples assomo de vaidade infatuada, n'um paiz tão vasto como o resto da Europa inteira e onde por consequencia de *facto*, senão de *direito*, a acção do poder central é quasi nulla por falta de fiscalização effectiva.

Mas é tempo de subir para o wagon, por que já deu o signal regulamentar e o nosso comboio, um pouco atrasado, vac partir directamente para Vilna, primeira estação onde deve parar agora. Entretanto acabou de amanhecer e podem por consequente notar-se bem todos os accidentes do caminho.

Depois de atravessar um grande tunnel — obra d'arte, seja dito de passagem, bastante rara na Russia europeia — a linha ferrea segue por algum tempo o curso do Niemen, entrando em seguida na região do governo de Kóvno, onde as florestas são mais densas. Tambem aqui, do mesmo modo que n'outros sitios da Polonia por onde mais tarde tive occasião de passar, as arvores foram desbastadas até uma certa distancia dos dois lados da linha. A causa, porém, d'este desbaste, é differente da que em determinados districtos da Russia occidental e central vac successivamente fazendo recuar o arvoredo. Na Polonia foram não razões economicas — a procura sempre crescente de madeiras — mas motivos politicos os que promoveram o córte n'estas condições. Durante a insurreição polaca de 1863, o governo russo viu-se obrigado a abater as florestas dos dois lados das linhas ferreas, para impedir que os revolucionarios, emboscados por detrás das arvores, fizessem fogo sobre os comboios. E desde en-

tão assim ficáram essas clareiras, cuja origem um meu companheiro de viagem, polaco segundo todas as apparencias, me explicou não sem uns certos laivos de amargura.

A paisagem através da qual o nosso comboio ia rapidamente correndo tinha o aspecto pittoresco de uma planicie suavemente ondulada, a perder-se de vista até a linha extrema do horizonte. As collinas coroadas de bosques mal se elevavam acima dos valles, que por seu turno não passavam de simples depressões do terreno, por onde ás vezes serpenteava um ribeiro ou onde se viam empoçadas em grandes charcos as aguas da chuva, que caira em grossas bategas durante toda a noite.

As florestas, ora se approximavam da linha ferrea sem ultrapassar, entende-se, o limite que o governo em 1863 lhes traçou, ora se affastavam até para além das collinas mais proximas, dando-lhes por fundo o verde carregado da sua espessa folhagem. Aqui e além transformava-se um charco em pequeno lago; appareciam grupos de *izbás* rodeados de campos de cultura; descobria-se por entre a ramaria a *rubáska* escarlata de um *mujik* cortando a machado troncos de *berrióza* ou pastoreando indolentemente rebanhos de gansos. Depois era uma *gare* de madeira envernizada, rodeada do seu ripado, com o seu jardim cultivado cuidadosamente pela qual o comboio passava silvando sem se deter. Depois novamente a planicie, a floresta, as *izbás*, os *mujiks* com as suas *rubáskas* vermelhas; de quando em quando um lagosinho, um riacho, tudo isto constantemente a repetir-se durante muitas horas, mas sempre com novas vistas, com perspectivas differentes, — quadro a todo o momento diverso, apesar de constituido sempre com os mesmos elementos.

A mais raros intervallos apparecia lá ao longe a cupula de uma igreja. Era o *seló* a aldeia, distincta do simples logar ou *deréonia*, pela maior população e importancia.

Ou então era a alegre habitação de uma *imiénie*, pintada de branco e amarello, de tectos verdes, difficeis de distinguir da folhagem que sobre elles em deliciosas curvas se balouçava.

Assim fômos caminhando até Vilna. A noite chuvosa e fria cedera o logar á manhã, docemente illuminada pelo sol. As ultimas brizas do Baltico, impregnadas do acre sabor do mar de mistura com o perfume resinoso das florestas, vinham beijar o nosso wagon; e o panorama da planicie russa sempre a desenrolar-se em novos aspectos não cessava de nos ter debaixo da fascinação do seu irresistivel encanto.

³ *Em minha casa sou eu rei.*

Não comprehendo como ha quem ache monotono viajar na Russia e mal empregado o tempo, que n'uma excursão pelo paiz se dispenda. Eu ouvira fallar muitas vezes das interminaveis distancias entre as povoações russas, e do escasso interesse das regiões percorridas pelo caminho de ferro. Dizia-se e vira-o escripto em mais de uma occasião, que nem a terra nem os homens mereciam o sacrificio de tão enfadonha viagem, pois a Russia inteira com excepção de duas ou tres cidades não passava de uma immensa superficie plana, sem accidentes de especie alguma, que lhe interrompessem a desesperadora uniformidade, sempre igual a si mesma como illimitada estepa, e onde a custo se poderiam encontrar, perdidas na vastidão d'aquelle enorme deserto, umas pobres aldeias de *mujiks*, ultimos restos da barbarie de raças que nunca lograram sentar-se ao banquete da civilização.

O viajante inglez Mackenzie Wallace, apesar da sympathia relativa que mostra pelas cousas russas, ainda não ha muito pronunciava identico juizo sobre o paiz, e muito embora tivesse achado sempre interessante nas suas viagens pelo imperio — esteve seis annos na Russia — o estudo da população, pareceu-lhe o scenario extremamente pobre ou pelo menos mediocremente variado.

Quanto a mim entendo que não ha impressão mais falsa, e a não ser por opinião anticipada mal posso admittir semelhante perversão das faculdades observadoras nos viajantes que assim fallam.

A planicie russa é extensa, não ha vida, mas não é monotona. ¹ Pelo contrario. Em cousa alguma se parece com as *planuras* aridas e resequidas da Castella e da Mancha, ou com as incacteristicas terras chatas, e essas verdadeiramente enfadonhas, da Westphalia ou do Brandeburgo. E depois a planicie russa é absolutamente original. Debalde se procurará outra que se lhe assemelhe em todo o resto da Europa. Quem a vê nunca mais a esquece. Ha alguma cousa n'ella que em nós produz uma sensação sem igual, unica. É o céu? É a suave ondulação do terreno? É o character particular da vegetação? É o aspecto geral da paisagem? É a apparencia das populações? É tudo isto provavelmente. Mas tudo isto deixa, como conjuncto, no espirito de quem uma vez a atravessou impressão inolvidavel.

¹ Fallamos, intende se, d'esta parte da Russia. N'um paiz de tão vastas dimensões é impossivel generalizar. Por isso n'este logar e em todos os demais em que emitimos uma opinião qualquer a respeito da Russia, deve ficar assente que só queremos referir-nos á Russia, que visitamos. Esta indispensavel declaração fica em vigor para toda a narração da viagem.

Pelo menos foi o que a mim me aconteceu. Ainda hoje conservo viva na memoria, como se d'ella não estivesse já separado ha alguns annos de tempo e a alguns milhares de kilometros de espaço, essa scena que durante poucos dias apenas tive diante dos olhos, mas que como persistente evocação me apparece a todo o momento, recortada nos seus mais pequenos promenores, e animada com os seus mais imperceptiveis movimentos.

Depois de Kóvno é Vilna a primeira estação onde o expresso de S. Petersburgo pára alguns minutos, os sufficientes para se travar conhecimento com os *buffets* russos que, diga-se na verdade, são bastante superiores nas *gares* principaes aos seus similares da Europa occidental, não só em qualidade — os russos são delicados apreciadores de bons manjares — mas ainda em quantidade, em barateza relativa, e até no bom gosto geral das installações. Mas d'este assumpto e da cozinha russa especialmente, segundo tive occasião de verificar de *visu*, — factor de não pequena importancia na vida nacional do grande imperio — fallaremos a seu tempo com a devida individuação, não obstante as nossas fracas aptidões gastronomicas e a pouca propensão que Deus nos deu para gosar dos prazeres, que a arte culinaria proporciona aos seus mais dilectos cultores.

Vilna actualmente capital do governo do mesmo nome e em tempo capital da Lithuania, é uma importante cidade de mais de 100.000 habitantes, incluindo os bairros de Antakole e Ruduichka. Está edificada na confluencia da Villia e da Vileika, e não só tem a importancia de consideravel centro industrial e commercial, póde mesmo dizer-se scientifico, apesar da relativa decadencia dos seus estabelecimentos de instrucção, mas é ainda como estação de caminho de ferro, ponto estrategico de primeira ordem — na Russia todos os caminhos de ferro são estrategicos — pois n'ella se reúnem, para depois se separarem cada uma em sua direcção, as linhas de Varsovia, S. Petersburgo, Libau, Romny e Kóvno.

A quasi totalidade da população de Vilna compõe-se de polacos e israelitas, e a antiga nobreza do paiz — a *slachta* — conserva n'ella mesmo hoje numerosa representação.

Por isso a cidade não tem physionomia russa. Com as suas ruas estreitas, e nem sempre de escrupulosa limpeza; com as suas casas velhas, a que servem de contraste meia duzia de sumptuosos palacios, antigos solares de algumas grandes familias da Polonia; com as suas trinta e cinco egrejas catholicas, as suas synagogas, os seus conventos e os seus mosteiros; Vilna, apesar do pretencioso sobrenome de

«pequeno Paris», que por vezes lhe dão os que naturalmente nunca viram o «grande», pouco ou nada tem que atraia o viajante e o compense da fadiga de uma instalação. Os restos da curiosa antiguidade, de que Vilna podia ufanar-se, mal se podem distinguir já através das diferentes camadas ethnicas que os sepultaram. Assim, apenas por allusão se falla ainda hoje do velho templo pagão consagrado a Perkunas, o deus lettico da luz e d'esse antigo fogo sagrado, sempre acceso na collina sobre a qual Guedimeri, grão-duque da Lithuania, levantou uma fortaleza. Também não passa de montão de ruínas o que nos resta do celebre *castello dos Jaguelliões*, construido pelo mesmo grão-duque nos principios do seculo XIV.

De Vilna a Dinaburg, — a seguinte estação de paragem, — o caminho não apresenta variante sensivel. Continúa a região atravessada pelo comboio na mesma ondulação suave, não só até esta cidade mas ainda d'ahi até Pskov. A planicie conserva sempre o aspecto geral que já notámos, embora renovando-se a todo o momento pelos accidentes do terreno, que vão imprimindo á paisagem esse character especial, que lhe dá uma feição áparte.

As povoações não são por ora russas. A população até este momento é polaca, israelista, allemã e lithuana.

Sómente ao chegar ao governo de Pskov entramos na Grande-Russia, propriamente dita. As florestas tornam-se mais densas, e as aldeias mais raras.

A tres kilometros pouco mais ou menos da *gare* de Pskov apparece em meio da planicie a antiga cidade do mesmo nome e ao longe em direcção opposta distinguem-se os ultimos pantanos, que formam as avançadas do lago Peipus pelo sueste.

E' proximo a este lago, que existe a lendaria *collina d'Alatskivi*, originada, conforme conta o mytho esthónico, pela areia que caiu de uma das dobras do fato do gigante Kalevi, quando elle acarretava das margens do lago o material para construir um leito, onde descansasse. *Alatskivi* e quatro collinas mais nas vizinhanças constituem os *Kalevi Poja Sängid* ou os *leitos do Filho de Kalevi*, que ainda hoje andam na tradição popular d'esta região, onde melhor do que em outra qualquer parte se conservam com persistente tenacidade as velhas lendas da Esthonia.

O tempo, que até esse momento se conservára regular, tornando-se mesmo por vezes

agradavel, sobretudo quando o sol podia brilhar através da teimosa massa de nuvens que persistia em encobril-o, passou repentinamente a chuvoso, despejando sobre o tapete verde do arvoredado grossas bategas de agua.

*Barin, jal! dojd idiot prolivnoi,*¹ dizia-me, compadecido do meu desapontamento, o conductor do nosso wagon. Isto queria dizer pouco mais ou menos: *tenha paciencia, não pôde vêr nada por causa da chuva!*

E, com effeito, assim me ia parecendo já, porque a tal tempestade oceanica que nos perseguia desde a nossa partida de Portugal, tinha ares de querer reeditar-se mais correcta e augmentada, á medida que nos iamos approximando do golpho da Finlandia.

Assim se foram passando as estações de Torochino, Novoselic, Bielaiá, Plussa, Serebranka, Luga, Preobrajensk, Divensk e por fim Gatchina, logar celebre pelo opulento palacio imperial, residencia favorita do fallecido tsar Alexandre III.

Entramos finalmente no governo de S. Petersburgo. A linha descreve uma grande curva e ao longe, á direita na linha do horizonte, vê-se uma extensa cadeia de montes, que pouco a pouco vão baixando em declive dôce até a planicie que vae morrer junto ao golpho. E' no cimo de um d'estes montes, que se levanta o afamado observatorio de Pulkova.

Começa então a paisagem a animar-se com os traços característicos, que denunciam sempre a aproximação dos grandes centros.

Os caminhos tornam-se mais numerosos e melhor cuidados. As aldeias, as simples cabanas dos camponeses, mostram-se mais risornhas. Apparece a primeira *dátcha*. E' a habitação de verão do habitante da cidade. Vislumbram-se a distancia as chaminés da primeira fabrica. E' a sentinella avançada da industria da capital. Alguns minutos ainda, e distingue-se sobre a massa por ora confusa e indecisa da casaria, meia escondida pelo relevo do terreno, a primeira cupula dourada. E' a torre do Almirantado.

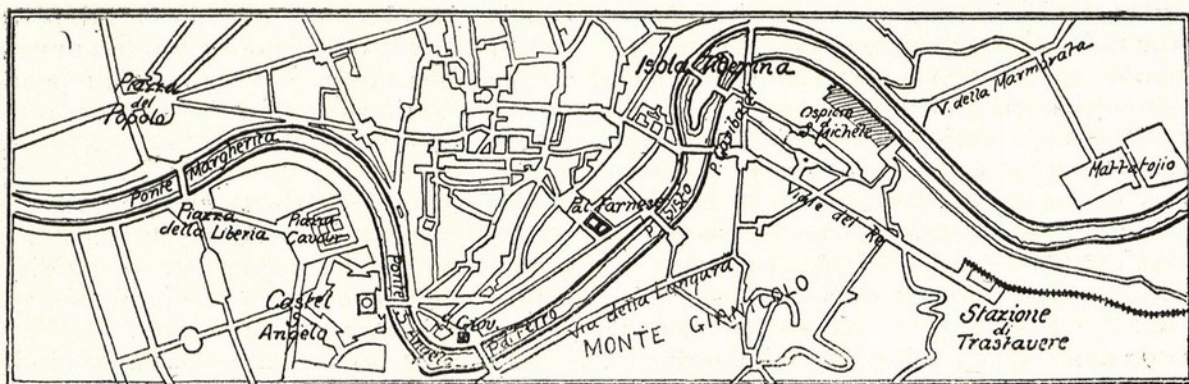
Estavamos em S. Petersburgo.

D'ahi a poucos minutos apejava-me na espaçosa *gare* de Varsovia. Eram sete horas da tarde e a chuva cessára felizmente.

(Continúa.)

¹ Literalmente: *é pena, senhor! a chuva cae a cantaros.*





Mapa de Roma, do Tibre e das pontes

UM SONHO D'OURO

EXPLORAÇÃO DO LEITO DO RIO TIBRE

N'um dos ultimos numeros d'esta revista demos noticia das invenções de Guiseppe Pino, applicadas á exploração do fundo das aguas, levantando os navios perdidos ou as cargas preciosas afundadas. No artigo seguinte noticiamos os planos de exploração proveitosa no rio de Roma, de que a historia faz o mais vasto deposito de riquezas submersas. Exemplos curiosos da sedenta ambição que move os homens, aguça a intelligencia, estimula o engenho e illumina a phantasia creadora e febril.

UM sabio e erudito professor italiano, **Ciro Nispi-Landi** concebeu o projecto de explorar o leito do Tibre, cujas aguas praticadas, alvas,—*Albula* se chamava primeiro o rio—atravessam as mais celebres regiões da Europa, e serpêam por entre Roma, arrancando os vastos e inestimaveis thesouros que permanecem enterados ali, sob o pesado lodo dos tempos.

No fundo do Tibre espera elle encontrar riquezas que envergonhem os milhões de Monte Christo ou junto das quaes pareçam miseros os recursos das minas do rei Salomão;—riquezas em forma de dinheiro e de joias, mas acima de tudo em fórmula de obras d'arte que durante seculos foram deitadas ao Tibre como offertas votivas ao deus, ao genio tutelar, o qual, como os romanos acreditavam, habitava na historica corrente.

Conta descobrir as centenas de estatuas em ouro, prata e bronze— as obras dos mestres antigos que desapareceram, submersos nas aguas do Tibre no decorrer das lutas religiosas, as quaes tão

funda e continuamente abalaram a cidade Eterna.

Vae em busca d'armas e d'armaduras de centenas de soldados que encontraram sepultura no antigo rio, nas muitas batalhas que ensanguentaram as suas margens e as suas famosas pontes.



Prof. Ciro Nispi-Landi

Mas, mais espantoso do que todo o outro thesouro, espera trazer á luz o sagrado candelabro, que, como conta a Biblia, Deus, no Monte Sinai, ordenou a Moysés que preparasse para o tabernaculo. «Farás tambem um candelabro de ouro finissimo, batido ao martello, com seu tronco, suas hastes e seus ornatos em fórmula de copos, pomos e açucenas que sahirão d'elle.» *Exodo*. Cap. xxv. Vers. 31. Durante longos annos, este famoso candelabro israelita esteve exposto em Roma, e a historia diz que foi mais tarde submergido no Tibre.

O professor Nispi-Landi, auctor do sensacional projecto, não é um simples sonhador. Homem de profundo estudo, exerce agora o cargo, bem responsavel, de inspector dos

monumentos nacionaes do governo italiano e é auctor de diversas memorias fundamente pensadas sobre a Roma antiga. Foram mesmo as investigações historicas do professor que o inspiraram n'esta grande idéa; foram ellas que encaminharam a sua attenção para o costume dos romanos, tanto ricos como pobres, de arremessarem á mansa corrente do rio os seus mais caros e preciosos objectos, e tambem para a vasta extensão de tempo em que o Tibre foi o centro de acontecimentos memoraveis, de lutas espantosas, de glorias e triumphos sem rival que tanto influiram no mundo inteiro. Este admiravel periodo da proeminencia de Roma não durou menos de trinta e quatro seculos.

O convencimento historico, que o professor Nispi-Landi tem, de como poderá ser abundante e rica a colheita obtida por uma escavação methodica do leito do Tibre fortificou-se-lhe pelo que elle viu, emquanto esteve encarregado, annos atrás, da construção de um dique no Tibre. Notou que de todas as vezes e em qualquer lugar que o Tibre fosse sondado, no decurso da construção de qualquer ponte, caes ou dique, vinham sempre á luz cousas antigas e de valor. Geralmente eram tão valiosas que pagavam o custo inteiro dos trabalhos.

Por exemplo, uma sociedade italiana de construcções de pontes, ao assentar os dois pilares da ponte Palatina, descobriu antiguidades no valor de muitos milhões de liras. Ao assentar-se o pilar de fundação da ponte Garibaldi vieram á luz algumas lindas estatuas antigas de bronze, uma de Bacchus e outra de Venus; e no alargamento da ponte Cestina foram trazidas da profundidade onde estiveram durante seculos submersas, joias antigas — uma das quaes era um admiravel collar de ouro e turquezas e ainda outras valiosas reliquias.

No decurso dos trabalhos do dique descobriram-se muitas obras antigas d'arte — pinturas, bronzes, metaes da Corinthia, e estatuas de marmore, moedas, joias e armas, collecção que por si só guarnece um dos mais ricos museus de Roma — o das *Thermas de Diocleciano*.

Naturalmente o professor, receioso de divulgar com exactidão o modo como elle tentava levar a cabo a sua exploração, apenas consentiu em dar uma idéa geral dos seus planos. Dividiu o Tibre em onze «zonas» ou districtos, cobrindo um d'estes a maior parte do Tibre que atravessa Roma, e os outros no curso do rio, fóra da cidade Eterna, cavando vallas ás margens e tomando todas as precauções, como utilizando todos os apparatus hydraulicos e pneumaticos,

adoptados em geral para estas especiaes explorações de rio. A empresa é commanditada, segundo se diz, por um grande financeiro anglo-italiano, o sr. William Miller.

Um dos pontos em que se funda a theoria do professor Nispi-Landi é a demonstração do facto de que todas as explorações anteriores do Tibre teem sido ricamente remuneradoras. Retrocede ao seculo XIII, citando um dos historiadores do tempo, Falminio Vacca, o qual descreve como, tendo-se afundado um pequeno barco perto da ponte Sublicia, o qual foi visitado por mergulhadores, foram descobertas e trazidas á superficie setas, espadas, armaduras, armas de todas as qualidades e outros muitos objectos, reconhecidos como puros etruscos. «Mettei a mão dentro do Tibre, feche-a e tire-a depois — diz o velho Vacca — e tereis achado qualquer objecto da antiguidade.»

Mas afinal, basta só rever uma historia romana para se ficar absolutamente convencido de que devem existir no Tibre immensas riquezas. Que muitas teem sido tiradas, tambem é certo; mas Nispi-Landi diz que de todas as suas investigações lhe foi impossivel formular um registo de grandes quantidades que se tenham tirado em comparação com as que lá devem existir. Os sacrificios ao *Pater Tiberinus*, ao deus, ao genio do rio, veem registados nos principios da historia romana. Virgilio, notando o costume de atirar ao rio cousas valiosas, relata como Eneas promettia ao *Pater Tiberinus* que se elle o protegesse do perigo — seria sempre adorado com homenagens e presentes. — É um facto reconhecido e averiguado que desde os primeiros tempos o rio-deus era adorado e se lhe davam presentes.

Havia por certo os grandes sacrificios publicos, mas tambem os particulares ricos offereciam pessoalmente nos seus desgostos eguaes sacrificios, e sempre as cousas mais preciosas que possuiam. Mais atrás, no tempo dos arcadianos, os homens costumavam arremessar-se ao Tibre, mas breve foram substituidos estes sacrificios por imagens esculpidas, dinheiro e joias.

E não só os romanos sacrificaram ao genio Tibre; superstições semelhantes havia em todas as raças do sul, d'esta época, e qualquer desejo as levava á margem dos rios onde iam fazer votivas offertas para o obter. Os hunos, os godos e os vandalos, todos, arremessavam grande parte do producto das pilhagens de Roma para dentro do antigo rio. Estas offertas contribuíram principalmente, e durante longos periodos, para enriquecer com preciosidades o leito do Tibre. Uma outra causa accrescia ainda; era o costume dos

romanos preferirem arremessar ao Tibre os seus valores a deixal-os tomar pelos inimigos.

Por exemplo, depois da derrota de Maxentius Saxa por Constantino, dizem os annaes — «Não só numerosos mortos e feridos e armas e objectos de valor, mas tambem os thesouros de Maxencio e o cofre militar do seu exercito foram arremessados ao rio para evitar que cahissem nas mãos do inimigo victorioso.»

O professor italiano, para os seus projectos, não se contentou com a simples convicção de que existem thesouros no fundo do Tibre. Formulou para si uma lista das varias reliquias de que reza a historia e tentou collocar cada qual em cada uma das suas zonas de exploração, segundo as descrições antigas. Por exemplo, suppõe que o sagrado candelabro de Moysés, o objecto que mais empenho tem de encontrar, se achará na sua primeira zona ou na parte do Tibre junto do celebre castello Angelo, perto do Vaticano e de S. Pedro.

O professor diz: — «É certo que os objectos religiosos foram respeitadas pelos supersticiosos Alarico e Genserico; com effeito, em 509 e 529, estava o candelabro exposto ainda em Roma. Considero como certo que o emblema, ordenado miudamente no Monte Sinai, segundo a Biblia, que esteve no tabernaculo do rei David, que foi conduzido em volta das muralhas de Jericho e venerado por Cesar e Pompeu; que foi salvo por Tito da destruição de Jerusalem, e levado em triumpho para Roma, onde milhares de pessoas se reuniram em multidão para o ver, foi propositadamente deitado pelos judeus da prôa do navio *Esculapio* ou da ilha Tiberina ao Tibre. [Os proprios judeus assim o tem sempre sustentado.» E acrescenta depois: — «Considere-se que desde então se tem passado mais de 1900 annos, e que o candelabro tinha então 1550 annos, prefazendo a totalidade de 3450 annos, pergunto qual seria

a importancia da sua descoberta? Quem teria o mais incontestavel direito á sua posse? Quanto se pagaria ao descobridor?» — Não é facil responder a estas perguntas, porque tudo seria maravilhoso como o proprio candelabro, o qual, como se sabe, de valor sem preço e de inestimavel importancia, era de ouro puro, e media approximadamente 90 centimetros de altura. Vê-se grosseiramente esculpido no arco de Tito, com a mesa e as duas trombetas de ouro. A mesa — que era tambem coberta de ouro batido — arruinou-se, e d'ella se conserva apenas na cathedral de Tours um fragmento.

Só o candelabro e as trombetas de ouro puderam ser salvas quando os romanos, aterrorizados, fugiram aos godos. Se o candelabro tivesse sido roubado, este facto devia ser

conhecido dos judeus, que nunca o perderam de vista, que depois o deitaram ao Tibre e que sustentam ainda hoje que *está lá*. E ali espera o professor italiano encontral-o, se o *Pater Tiberinus* propicio e generoso, o quizer auxiliar.

Deve haver tambem no Tibre, que corre através de Roma, armas,

moedas, armamentos, joias — taes como brincos, collares e anneis — a mais rara e valiosa collecção de objectos romanos e etruscos d'aquelles tempos.

Entre outras, Nispi-Landi espera encontrar tambem a celebre estatua de Minerva, de Phydias, assim como as estatuas de Hercules, de Marte e de Venus com a famosa perola de Cleopatra. Suppõe que trará á luz a solida estatua de ouro de Claudio, o Segundo, que outr'ora estivera no Capitolio e que foi arremessada ao Tibre para a salvar dos godos.

Acode naturalmente ao espirito a pergunta: — Se o Tibre é tão rico de thesouros, porque não tentou alguém descobri-los ainda? Pois bem, durante seculos, homens de engenhoso discorrer e de fertil imaginação tem reflectido sobre o caso; nem o inspector dos monumentos nacionaes pretende



Ilha Tiberina, e suas pontes

ter originalidade na idéa de explorar o leito do Tibre; só pretende ser o primeiro homem que até hoje tivesse resolvido empregar esse trabalho com recursos mechanicos especiaes.

Na longa lista dos que, sómente nos tempos modernos, intentaram a acqvisição das riquezas do Tibre, figura em primeiro lugar o nome do erudito cardeal De Polignac, que planeou desviar o Tibre do seu curso no espaço de duas milhas, approximadamente, para depois escavar o proprio leito em busca das antiguidades. O papa Benedicto XIV sorriu-se do projecto do cardeal, mas não o contrariou. Emquanto se reuniam os capitães necessarios para a empresa, morreu o papa, e o seu successor recusou-se a auxiliar Polignac com o fundamento de que o desvio da corrente do rio podia prejudicar o clima de Roma.

Em 1773, Alfonso Bruzzi emprenheu a exploração do Tibre por meio de uma machina de sua invenção. O plano não correspondeu á espectativa porque a agua subia, trasbordava constantemente e interrompia o trabalho. Todavia, no pouco tempo que trabalhou, ainda encontrou bastante para pagar

as despezas e sobrar algum provento. O projecto de José Naro, em 1815, não teve exito. Este igualmente julgava que o Tibre continha incalculaveis thesouros, porém diligenciou obtel-os com uma especie de raspadeira de lodo. Foram, comtudo, içados apenas alguns fragmentos de estatuas, blocos de marmore e columnas de monumentos funebres.

Outro homem celebre que se lembrou de explorar o Tibre foi o ultimo principe Alexandre Torlonia. Este, em demasia ambicioso, queria guardar para si tão grande quinhão do que encontrasse que o governo italiano recusou dar-lhe licença para encetar trabalhos. Todavia, o principe estava tão seguro do bom exito que offereceu depositar, como garantia, a somma de um milhão e meio de liras.

Seria interminavel a enumeração dos sonhos d'ouro que a historia do velho *Pater Tiberinus* tem feito levantar, subtis e estonteadores, na imaginação dos que os teem lido e traduzido em valor de ambição, no pasmo das riquezas incalculaveis submersas no lodo, se a força da corrente não carreou já grande parte para o vasto mar azul.

A vida dos metaes

CURIOSAS EXPERIENCIAS DO PROFESSOR INDIANO CHUNDER BOSE

DESDE OS tempos mais remotos os homens de sciencia debalde teem posto sem resposta, a terrivel interrogação: — o que é a vida? Qual a differença fundamental entre o ser vivente e o que não vive? Por que experiencia decisiva se pode determinar que certo objecto é animado e um outro inanimado?

Pode mesmo dizer-se que a solução exacta d'estas perguntas é o fim supremo da sciencia humana. Podem fazer-se no dominio da sciencia descobertas sobre descobertas que sejam com effeito interessantes e fascinadoras; porém o maior problema que o espirito humano procura resolver, é o mysterio da vida — este milagre, evidente que parece dotar um grupo particular de objectos, a que chamamos *viventes*, com faculdades que todos os outros não possuem.

Tem sido vagamente affirmada a existencia d'uma qualquer força *vital*, cuja exacta natureza não se tem intentado definir; e á

presença d'esta mysteriosa força n'um objecto, tem sido attribuida a causa do viver; e á ausencia d'ella o não viver; sem que tenha sido possivel determinar a manifestação externa definitiva que desse a conhecer onde aquella força vital residia, ou de que objectos estava ausente. Em tempo apresentou-se para differencial o poder de locomoção espontanea; porém descobriu-se mais tarde que animaes existiam sem se deslocarem, e assim ficou destruido o valor d'esta particular distincção. Com effeito nenhuma lei absoluta e infallivel se tem conseguido até agora descobrir para classificar um grupo de objectos como *viventes* ou outro como *não viventes*. Consoante a hypothese da mysteriosa força vital, os sabios teem classificado animaes e plantas como objectos viventes e os mineraes como não viventes.

N'um livro recentemente publicado um distincto homem de sciencia, hindu, Jagadis Chunder Bose, professor na Universidade de

Calcutta, sustenta que a verdadeira differencial de vida n'um objecto é a sua capacidade em corresponder a estímulo externo: por outras palavras, a sua excitabilidade, a sua sensibilidade. E conforme esta proposição, elle prova concludentemente que não ha differença essencial entre animaes e metaes; que uma *barra de ferro é tão irritavel e sensivel como o corpo humano!* Mais do que isto; prova que a barra de metal póde morrer, quer dizer, ser privada para sempre da sua sensibilidade, tão exactamente como o corpo humano. E d'aqui conclue que erradamente temos até agora chamado objectos *não viventes* aos que estão *mortos*, isto é, que foram sensiveis e deixaram de o ser para sempre.

O MECANISMO DA SENSIBILIDADE. — O GALVANOMETRO.

Antes de mencionar os methodos exactos de investigação pelos quaes o professor Bose chegou a esta estranha concepção e resultado experimental, convem definir a natureza da sensibilidade no corpo humano.

Se alguém bellisca fortemente um dedo, sente n'elle uma dôr. Como é que se passa este phenomeno? D'esta fórma: um determinado nervo, seguido ou ramificado, liga essa parte do dedo ao cerebro, percorrendo o braço, o hombro, o pescoço, a cabeça. No mesmo instante em que o dedo é belliscado, aquelle nervo começa de vibrar n'uma dada orientação, e transmite uma comunicação semelhante a uma corrente electrica do dedo ao cerebro; é este que verdadeiramente sente a dôr, mas pela experiencia refere a *origem* d'ella ao *dedo*. A contra prova do facto está em que, se o cerebro fôr previamente insensibilizado, por exemplo, pelo chloroformio, nenhuma dôr é sentida.

Ainda mais, o leitor terá sem duvida ouvido contar o caso do soldado que, ferido na mão por uma bala e depois de muito soffrimento obrigado a amputar o braço pelo cotovêlo, passados muitos annos se queixava de que a sua mão ferida lhe doía — a mão que já lá não estava! — Isto era devido ao facto de que, emquanto a mão ferida não fôra amputada, o cerebro do infeliz soldado se accostumára a receber as mensagens de dôr, transmittidas pelos nervos que o ligavam á mão; e, como depois de amputado o braço aquelles mesmos nervos corriam ainda do cotovêlo para o cerebro, qualquer choque ou irritação fazia-os vibrar na antiga orientação, o cerebro recebia a mensagem já conhecida, e immediatamente referia, por força de habito, a dôr ao antigo lugar da origem — a mão que fôra cortada.

Por um engenhoso expediente póde dar-se a demonstração visivel e ocular do facto que o nervo *tem* o poder de transmittir a mensagem de sensibilidade. Se em qualquer parte intermediaria do trajecto nervoso ligar um galvanometro ¹ e se a extremidade do nervo fôr belliscada ou por outra qualquer fórma irritada, immediatamente haverá desvio na agulha do galvanometro, mostrando que a excitação do nervo causa uma corrente, semelhante, pelo menos no effeito do desvio da agulha, á determinada por meio da electricidade. E' sobre este facto que o professor Bose baseia as suas investigações.

A sensação actual de dôr, sentida pelo paciente submettido á experiencia, quando um nervo fôr irritado, não póde por certo ser conhecida por outros seres; só elle *sente* a sua dôr; e se por acto reflexo de estoico soffrimento, disfarçar toda a manifestação externa de dôr, não ha meio de saber se elle *realmente* a sente. Porém a declinação da agulha no galvanometro, que corresponde á sensação de dôr no paciente, póde por certo ser observada externamente.

Postas estas noções preliminares, indispensaveis para os menos familiarizados com a sciencia, podemos passar á narrativa summaria das curiosas descobertas do professor Bose.

O S METAES SÃO SENSIVEIS

Partindo d'este conhecido facto, que um galvanometro póde revelar a sensibilidade da materia animal para a irritação externa, o professor faz uma serie de experiencias em barras de diferentes metaes, para observar se estes tambem corresponderiam a egual excitação, e se este phenomeno poderia tornar-se visivelmente manifesto, por egual maneira, por meio do galvanometro. Os resultados obtidos são com effeito assombrosos.

Ainda, antes de continuar, uma explicação sobre a illustração graphica que acompanha este artigo: — a ponta da agulha do galvanometro é photographada sobre papel, emquanto que este desliza, desenrolando-se n'um movimento gradual, por defronte d'ella; desorte que, se a agulha oscillar por uma corrente electrica, a ponta traçará uma serie de ziguezagues no papel — correspondendo a *largura* d'estes á *amplitude* de desvio da agulha, e por consequente á *força* da corrente electrica; mas, se não houver nenhuma corrente e consequentemente nenhuma declinação na agu-

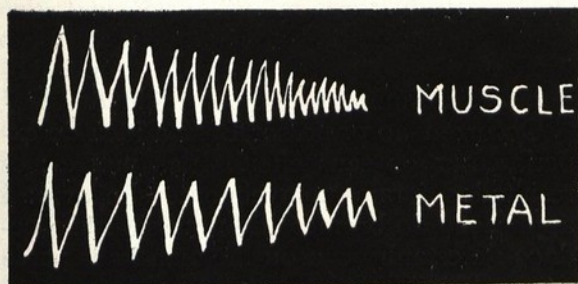
¹ O galvanometro é um instrumento muito delicado, destinado a averiguar a presença de correntes electricas. O instrumento contem uma agulha ou systema d'agulhas n'um eixo, e a mais fraca corrente electrica causa um desvio d'ellas, o qual lhe mede a intensidade ou revela a sua existencia.

lha, a ponta d'ella ficará estacionaria e traçará uma simples linha recta sobre o papel em movimento.

O primeiro resultado que o professor Bose obteve das suas experiencias foi que todos os metaes mostram signaes de sensibilidade sob uma irritação externa, como a contorsão, a furação, exactamente como os musculos e nervos animaes, e quanto maior fôr a irritação, tanto mais visiveis são os signaes de sensibilidade. Ainda mais: *qualquer minima particularidade* na irritabilidade da materia animal, *é exactamente reproduzida no caso d'um metal.*

A FADIGA NA MATERIA ANIMAL E NOS METAES

Verificou-se que a sensibilidade da materia animal, por exemplo, um musculo ou nervo, excitada repetidas vezes, embota-se e gasta-se depois de certo tempo; e o desvio da agulha galvanometrica torna-se cada vez mais fraco, á medida que o musculo ou o nervo começa a dar signaes de *fadiga*. No corpo humano, por facil experiencia, este canção é



Este diagramma mostra em evidente paralelo o decrescimento progressivo da sensibilidade no musculo e no metal, tradusido pelo galvanometro-registador, em virtude do canção que produzem as repetidas excitações.

reconhecido a cada passo quando usamos, sem repouso conveniente, d'um musculo ou d'um nervo.

O professor Bose reconheceu que os metaes accusam exactamente os mesmos signaes de canção sob irritações repetidas. Além d'isso, descobriu-se que, depois de um curto descanso, os signaes de fadiga desaparecem no musculo, como no metal, e recuperam ambos plenamente a sua sensibilidade anterior.

O constante uso ou irritação produz provavelmente um desarranjo molecular no metal, tendendo a acção vibratoria, estabelecida pelo uso repetido, a mudar as moléculas da sua relativa posição normal. Mas, se fôr per-

mittido sufficiente descanso ao metal, as moléculas retomam a sua primitiva posição.

O SOMNO DOS METAES; O SEU ESTADO DE PREGUIÇA OU DE TORPOR

Ha um estado particular que é directamente opposto ao canção. Um musculo, que não é usado durante muito tempo, dá signaes de preguiça. Parece estar immerso n'uma espe-



Diagramma que mostra a volta d'um musculo e d'um metal (a platina) á sensibilidade normal, depois d'um prolongado descanso.

cie de torpor, e, quando excitado, a sua sensibilidade ao principio é muito hesitante. Depois, gradualmente, parece ir despertando e torna á plena actividade. O professor Bose prova experimentalmente que os metaes se conduzem pela mesma forma.

A ACCÃO DO FRIO E DO CALOR SOBRE OS METAES E SOBRE A MATERIA ANIMAL

O effeito d'um frio intenso sobre os animaes é diminuir-lhes a sensibilidade, e mesmo reduzil-os a um estado de torpor. São em grande numero os animaes das regiões arcticas que durante o inverno cahem n'um estado lethargico; e sabe-se de ursos que mesmo em zonas temperadas entorpecem com o inverno, e só com a volta da primavera acordam d'aquelle estado, recuperando em pleno estio o seu completo vigor. E' bem conhecido o doloroso e sinistro effeito que o frio intenso da Russia produziu nas desgraçadas tropas de Napoleão na celebre retirada, e o somno invencivel que dominava o instincto da conservação, levando á morte ingloria nos gêlos os valentes que não recuaram perante o fogo dos canhões.

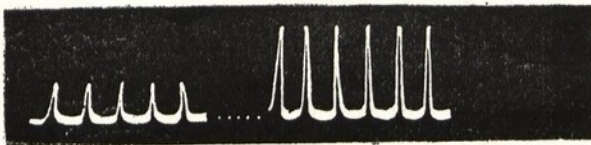
Por outro lado, o extremo calor dos tropicos, nos dias caniculares suffocantes, reduz o homem e o animal a um estado de somnolencia bem caracteristica. Experiences recentes verificaram estes factos em materia animal. Sob uma temperatura moderada

manifesta-se o maximo de sensibilidade, e menos com o augmento do calor ou do frio, de sorte que, em qualquer dos extremos, são identicos os effeitos.

Os resultados, que o professor Bose obteve em experiencias similares com varios metaes, são notavelmente parallelos. A's temperaturas correspondentes ao termo medio do calor do verão da zona temperada diversos metaes accusam o maximo de sensibilidade, justamente como no caso de animaes, emquanto que tanto no gêlo, como no calor de um banho turco, a sua sensibilidade enfraquece consideravelmente.

EFFECTOS CURIOSOS DE ESTIMULANTES E DE NARCOTICOS SOBRE OS METAES

Uma das mais admiraveis descobertas feitas pelo professor Bose é a espantosa paridade de acção dos estimulantes e dos narcoticos no corpo humano e nos metaes. O effeito de um estimulante, por exemplo, o alcool,



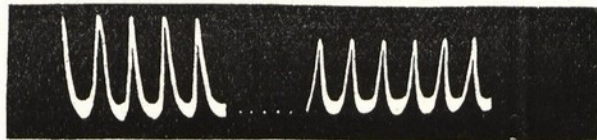
Maravilhoso effeito d'um estimulante sobre a platina. — A sensibilidade d'esta augmenta ao triplo.

no corpo humano é sobejamente conhecido para carecer de particular esclarecimento; sob a sua influencia augmenta a irritabilidade, e sabe-se por experiencias concludentes que mesmo um troço isolado de musculo ou de nervo se torna mais irritavel sob a acção de estimulantes apropriados.

O professor Bose prova que nos metaes ha um crescimento similar na irritabilidade. E, assim como animaes differentes são affectados diversamente pela mesma dóse de um estimulante, assim tambem o são differentes metaes; sob a influencia de um estimulante apropriado, o carbonato de sodio, o professor Bose descobriu que a irritabilidade da platina é augmentada tres vezes, quasi tanto como o estanho.

A acção dos anesthesicos ou de narcoticos é ainda mais significativa. Sabe-se que sob a influencia do chloroformio ou do opio é consideravelmente reduzida a sensibilidade do corpo humano; quanto maior é a dóse, tanto maior é a perda da sensibilidade. Em verdade o chloroformio ou o opio actúa no cerebro, séde da sensação positiva; porém ha

anesthesicos que actúam directamente sobre o *nervo* que transmite ao cerebro a mensagem da dôr, e se acaso está morta ou annullada a sensibilidade d'este nervo, não se transmite nenhuma mensagem ao cerebro, por



A acção d'um narcotico brando, tanto sobe a materia animal, como sobre o metal causa uma perda moderada de sensibilidade.

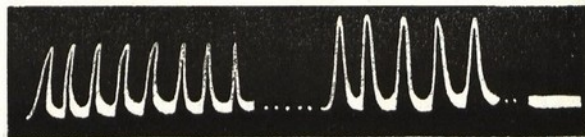
consequencia nenhuma sensação de dôr é sentida. O uso da cocaina na cirurgia moderna é um exemplo typico d'este principio; para certas simples operações cirurgicas não é necessario chloroformizar o doente e julga-se sufficiente a applicação da cocaina sobre a parte que váe ser operada.

O effeito do anesthetic ou do narcotico é identico nos metaes; descobriu-se que sob a sua acção a sensibilidade dos metaes póde ser reduzida a qualquer gráu desejado.

Com respeito ao corpo humano certas substancias teem effeito m. nos poderoso do que outras; por exemplo sabe-se que a acção do brometo de potassio é tida como muito moderada na diminuição da sensibilidade.

Occorreu ao professor Bose a idéa de experimentar os seus effeitos nos metaes; os resultados foram notavelmente similares: a applicação do brometo de potassio n'um pedaço de estanho causou-lhe uma fraca perda da sua sensibilidade.

Mas o sabio professor estabeleceu ainda um outro mais notavel parallelo entre a materia animal e os metaes. A acção dos narcoticos no corpo humano affecta a forma *paradoxal*, em certas condições. Emquanto uma grande dóse d'um narcotico, por exem-



Curioso effeito d'um narcotico sobre uma barra de estanho: 1) sensibilidade normal manifestada pela excitação — 2) augmentada por dose minima de narcotico — 3) abolida completamente pelo emprego d'uma forte dose de narcotico.

plo o opio, diminue a sensibilidade do corpo humano, uma pequena dóse do mesmo nar-

cotico pôde fazer exactamente o effeito *contrario*, e actuar como um estimulante.

O professor Bose, curioso de verificar se mesmo esta anomalia encontraria parallelo nos metaes, procedeu a experiencias que lhe deram resultado concludente, donde elle deduz que a sua descoberta é de applicação universal.

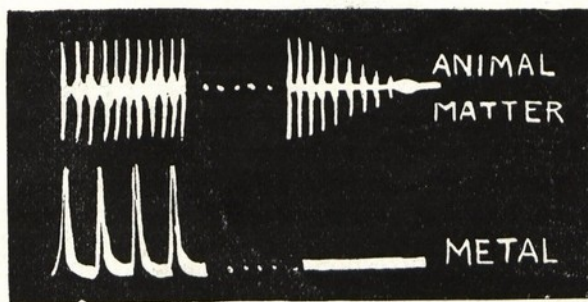
D'entre varios metaes, Bose experimentou o estanho, como sendo provavelmente o mais *phlegmatico* de todos os metaes para justificar o proloquio popular, que o torna, no mundo moral, symbolo de susceptibilidade pouco melindrosa. Em condições normaes, mostrou uma certa sensibilidade para uma dada quantidade de excitação; depois, tratado o estanho pela potassa em dose minima (tres partes por mil) a sua sensibilidade exaggerou-se; e por ultimo, augmentando gradualmente a dóse de potassa, a sensibilidade começou de *diminuir* até se desvanecer totalmente.

DE COMO OS METAES PODEM SER ENVENENADOS.

Restava uma ultima experiencia para estabelecer completo parallelo entre o reino animal e os metaes. Como temos reconhecido, os trabalhos do professor Bose no seu conjuncto baseam-se sobre a supposição de que o que até agora se chamára materia *não vivente* é simplesmente materia que está *morta*, isto é, que viveu, mas que está privada da sua sensibilidade.

Se, como elle sustenta, os metaes, em condições normaes, dão visiveis signaes de sensibilidade, tambem devia ser possível destruir para sempre essa sensibilidade. E assim como a vida animal pode ser destruida por diversas formas e entre estas pela acção dos venenos, a qual suspensa a tempo por antidotos convenientes permite a renovação da vida animal, assim tambem, segundo a hypothese do professor Bose, os metaes deviam accusar o mesmo phenomeno. Tomou uma barra de metal em condição sã; mostrava pleno vigor de sensibilidade. Depois tratou-o por acido oxalico em dóse pouco elevada, como quem praticasse a acção malvada d'um envenenamento. Deu-se immediatamente uma vibração espasmodica; a sensibilidade começou de enfraquecer progressivamente até que de todo pareceu morrer. Applicou-lhe um poderoso antidoto, então vagarosa e gradualmente a sensibilidade começou de reviver. Deu-lhe um descanso, em consequencia da fadiga; depois d'algum tempo o metal que fôra envenenado voltou á plena actividade!

Em seguida, o professor Bose tomou outra barra de metal sã e ministrou-lhe outra dóse *forte* do mesmo veneno. Depois do espasmo inicial, a sensibilidade começou de tornar-se fraca *rapidamente* até que desapareceu. Depois de uma pausa conveniente para se assegurar bem de que todos os signaes de vida tinham realmente desapare-



Antes

Depois

Effeito de veneno sobre a materia animal e sobre o metal. Com o mesmo veneno (acido oxalico) a sensibilidade de ambos pode ser destruida.

cido, o professor Bose experimentou o antidoto. Debalde; o bocado de metal estava morto para sempre! Variou a experiencia com diferentes metaes e diferentes venenos. O resultado foi sempre o mesmo: um antidoto, ministrado a tempo, salvava a vida do metal; mas logo que se tivessem desvanecido todos os signaes de vida, era inutil o antidoto, o metal estava morto!

Notavel coincidencia; algumas vezes o *mesmo* veneno mata igualmente homem e metal, e para que em tudo se reproduza o drama da vida humana, aquelle interventor de morte pode ser um metal irritavel e sensivel, dotado de vida por si proprio.

Este admiravel parallelo entre a acção do veneno em animal e em metal pôde ser ainda levado mais longe. Como é sabido, nem todos os venenos são eguaes na sua acção. Alguns ha que matam absoluta e indubitavelmente um pedaço de metal, e toda a tentativa para o fazer reviver é baldada. Contudo em alguns casos, depois de se remover todos os signaes de envenenamento e empregando acidos *estimulantes*, o metal reanima-se eventualmente, o que permite sustentar que o metal não estava realmente morto; mas n'um estado lethargico ou de vitalidade suspensa.

Ha uma outra analogia entre o animal e o metal que é significativa e curiosa. A acção do veneno sobre o animal é em geral dupla: primeiro, o processo de morte, durando de alguns minutos até muitas horas; segundo, o

efeito puramente nervoso. Este ultimo manifesta-se em forma de espasmo, paralyasia, etc. e desenvolve-se muito mais depressa, algumas vezes instantaneamente. Assim este choque nervoso tende a apressar o processo de morte, enfraquecendo a acção do coração. Em todos os casos, porém, affecta o corpo inteiro do animal muito tempo antes que se realize a acção chimica do veneno.

Com respeito aos metaes, o professor Bose descobriu um phenomeno similar.

Casos houve em que, empregando venenos poderosos, se manifestou um espasmo instantaneo, atravessando o metal, muito tempo antes que a acção corrosiva do acido podesse penetrar através da superficie. D'isto se infere que o normal arranjo molecular d'um metal corresponde, na sua constituição interna, ao systema nervoso n'um animal.

Seria utilmente pratico investigar qual o efeito, nas applicações industriaes, produzido pelo emprego dos metaes com vida ou mortos, sendo provavel que a maioria d'elles em uso estejam n'este ultimo estado ou pelo menos no comatoso. Todavia, n'este sentido, as investigações estão em seu inicio.

UNIDADE DE FORÇAS E DE MATERIA.

Até o presente todas as investigações relativas ao phenomeno da vida animal: — o augmento e o decrescimento na vitalidade ou sensibilidade; os efeitos do calor ou do frio e de outras condições mesologicas, favoraveis ou desfavoraveis; a acção dos estimulantes e dos narcoticos; finalmente, o processo actual da morte — têm até certo ponto fallado pela falsa supposição de que todos estes problemas pertencem a um reino superphísico, mysterioso, desconhecido, e impenetravel.

O professor Bose pretende ter provado, por um methodo experimental irrefutavel, que estes phenomenos são na verdade determinados, não pelo jogo de uma qualquer força vital indefinida e arbitraria, mas pelo trabalho das leis immutaveis que actuam

egual e uniformemente, tanto no reino animal como no mineral.

Resta-nos ainda mencionar que o professor Bose prova no seu livro que todos estes phenomenos, com pequenas e simples alterações, se revelam igualmente no reino vegetal. Portanto segue-se a inevitavel conclusão de que os tres reinos da materia, o animal, o vegetal, o mineral são apenas um na essencia; que a distincção physiologica entre a chamada materia *organica* e a *inorganica*, da qual os homens e os metaes são typos, é baseada sobre uma supposição não scientifica; e que, afinal, se encontra uma differencial absoluta, infallivel e universal, para a distincção entre o *vivente* e o *não vivente*.

E' sem duvida um grande passo para a unificação de todas as sciencias humanas, e para a descoberta d'aquella grande lei fundamental que deve abranger todas as leis da Natureza. No seculo ha pouco findo, o grande phísico inglez Maxwell descobriu que a luz era uma forma da vibração electrica, da qual uma estreita porção era perceptivel á vista humana, ao mesmo tempo que outras parcellas podiam deixar o seu registo em instrumentos apropriados. Desde então muitas descobertas, taes como a dos raios de Röntgen, a telegraphia sem fio, vieram amplamente provar a existencia d'estas vibrações não suspeitadas. E agora o professor Bose descobre que uma fórmula de vibração electrica, perceptivel ao galvanometro, póde actuar em *toda* a materia, tanto no reino animal, como no vegetal, e mineral; e prova ainda que, quando estas vibrações se produzem, a materia vive; no caso contrario, a materia está morta.

O professor Bose dedica o seu trabalho aos seus compatriotas; porque elle considera, sob um ponto de vista especial, a sua descoberta como o trabalho do seu povo, desenvolvimento progressivo das idéas no decurso dos tempos. Ha trinta seculos os antigos sabios hindus proclamaram a unidade do universo e de todas as leis que o regiam. Este novo sabio hindu vem evidenciar aquella deducção ousada dos antigos.

(Segundo KUMAR GHOSH)





— **V**AE PENSAR — dizia eu, na tarde seguinte áquella em que Sophia se installára, com o tio Conselheiro e a silenciosa mademoiselle, no *chalet* do Mont'Estoril — que nem sequer lhe deixo tempo para respirar livremente a brisa do mar? Aposto?

É entretanto entregava a Fraulein Albers — capciosa offerta! — duas estampilhas, com contramarca especial e raras, d'uma ephemera republica americana. Ella era colleccionadora maniaca.

— Admiro-me que tivesse possibilidade de deitar até cá — respondeu-me Sophia e o seu modo não era certamente effusivo, nem mesmo amavel.

— Possibilidade? — insisti. — Agora, minha senhora, os *rapidos* roubaram toda a poesia das grandes caminhadas, ou dos galopes a arrebenstar cavallos, em noutes negras, *lindas noutes sem luar*.

Citava Garrett para não perder o tic de litterato, sem comtudo dizelo para não affectar erudição que é prova de mau gosto.

— Palavra, não suppozera que tivesse possibilidade de vir — affirmava Sophia.

— Porque não? — perguntei puxando cadeira, sem ter sido convidado a fazel-o e sentando-me *inglezmente*, á vontade, n'uma impertinencia de bom tom.

— Contaram-me que se ti-

nya magoado muito quando cahiu do automovel, e que nem mesmo podia andar — disse Sophia inflexivel.

— Magoado — retorqui — só desde que aqui cheguei.

— Merece acaso outra cousa? — perguntou ella.

— Oh! bom seria, se obtivesse tão sómente o que mereço.

— Estou na verdade muito sentida consigo, e tinha motivo para estar muito zangada — exclamou Sophia, e, levantando-se da cadeira, andou ao acaso no salão, e pôz-se a bater com o bico da botina de camurça no guardafogo corrido d'um fogão arrumado, para vista, á parede.

— E' natural — admitti — comprehendo



...batia com o bico da botina no guardafogo corrido...

que esteja deveras zangada; mas tem o seu lado compensador.

— Qual é? — perguntou Sophia, visivelmente irritada com a minha serenidade.

— Pelo menos prova que tem algum interesse...

— Oh! por força que me habituei a tomar algum interesse por uma pessoa que conheci toda a minha vida — respondeu — Senti muito pesar quando ouvi fallar a seu respeito...

— Supponho? — suggeri — que ainda não teve occasião de vêr D. Alda?

Sophia sentára-se outra vez na cadeira, mais proximo de mim.

— Não, nem desejos — exclamou n'uma explosão de sinceridade, que era bem proprio do seu character, todo infantil.

— Ah, mas não deve acreditar em tudo quanto ouvir dizer.

— Tenho percebido — disse Sophia — não o póde negar.

— O quê?

— O que toda a gente anda murmurando.

— Sem razão — atalhei apressado.

— Sempre me pareceu que o senhor tinha por Alda uma grande admiração.

— A distancia.

— Não póde haver muita — retorquiu ella — entre duas pessoas que vão correndo no mesmo automovel.

— Era objecto que eu desejava encarecidamente nunca se tivesse inventado!

— Eu nem sequer sabia que tinha comprado um auto — acrescentou Sophia.

— E' tambem novidade para mim — protestei sorrindo, encostando-me para trás na cadeira.

Sophia fitou-me com olhar severo; porém eu resolvera sustentar o meu papel de indifferente, que talvez se pudesse tomar por descaramento.

— O desastre devia ter succedido pela seis da tarde?

— Um quarto depois das seis.

— Na estrada de Mafra?

— Perto de Mafra, onde eu não ia ha muitos mezes — respondi.

— Não podia ter levado menos de tres horas para chegar a Cintra — notou Sophia com crescente severidade.

— Approximadamente — concordei; porque, em verdade, parecia-me já um tanto ariscado discordar.

— E jantaram lá? — continuou ella, como um juiz.

— Um homem sensível nunca esquece o seu jantar — respondi.

— Emfim, como quer que fosse, sempre é certo que chegaram a Cintra quasi ás onze

da noute. Deve convir que é escandaloso! — accrescentou com immenso sentimento na voz abafada.

— Foi um passeio descuidosamente deliberado.

— E nem sequer levou um homem consigo, um criado, um *chauffeur*?

— Era impossivel; a machina fôra feita só para duas pessoas.

— É certamente não, para ser virada n'um fosso — exclamou Sophia, castigando com um sorriso de ironia a minha supposta impericia na arte, cujo supremo ideal é sómente esmagar os outros.

— Espantoso foi que a D. Alda não tivesse ficado ali morta — notei.

— Parece — disse Sophia — que está levando tudo de brincadeira.

— Brincadeira? Olhe que a D. Alda quebrou quasi um braço! Mas principio a perceber que o caso é immensamente serio.

— Devo imaginar — ajuntou ella — que o senhor teria até vergonha de si proprio quando appareceu em scena o seu amigo Lopes.

— Fui obrigado a telegraphar-lhe — expliquei — E ainda fui a tempo. Estava a fechar a estação. Ninguem podia dizer qual seria o fim de tudo aquillo.

— Que marido tão condescendente, tão magnanimo deve ser o Lopes! — exclamou Sophia.

— Creio simplesmente que é tolo e bom.

— E Alda? — perguntou Sophia, com um delicioso gesto de indignação.

— Essa é uma interessante mulher, mas mais imprudente do que leviana.

Esta minha apreciação sincera irritou ainda mais Sophia.

— Sempre queria saber o que é que o senhor pensa do seu papel n'este caso — exclamou Sophia.

— Nunca tenho o habito de pensar e muito menos de fallar de mim.

— Todavia — persistiu ella — deve certamente ter ainda restos de consciencia avariada, como diz meu tio.

— Deixá-l-a-hei ter o trabalho de me avaliar.

Seguiu-se um silencio penoso para ambos. A conversação tomára um caminho que não tinha sahida. Melindres de homem do mundo obrigavam-me a não dar explicações. Sophia evidentemente tinha quasi direito a recebê-las. A minha situação aggravava-se, tornava-se violenta e insustentavel.

— Os Menezes já estão em Cascaes. Recebem amanhã?

— Como do costume.

— Tenciona ir lá?

— Ficarei em casa — disse Sophia.

— Ainda que eu vá?

— N'esse caso, certamente.

— Não lhe parece que é demasiado severa? Que julga sem saber? — e puz n'estas palavras toda a suavidade convincente de que era capaz.

— Tenho muita razão de o ser.

— Ao menos podia dar-me a consolação da dúvida!

— Nunca na minha vida fiquei mais surpreendida.

— Pois, na verdade, o caso não era para tanto — objectei involuntariamente.

— Ora, se lhe parece! O Lopes a pensar que a mulher passara a tarde e a noite em casa da mãe, e o senhor a telegraphar-lhe de Mafra: «Um accidente de automovel obriga-nos, a mim e a tua mulher, a demorarmos-nos. Não tenhas cuidado. Teu amigo, Sampaio.»

— Foi quasi assim! E não pude suster o riso, aquelle riso mau, que nos assalta quando se vê alguém dar uma queda.

— Ao menos — exclamou ella — podia affectar um certo pezar. Toda a gente em Cintra e aqui falla do caso com justa censura.

— Pelo contrario, creia-me! havia de fazer o que fiz ainda outra vez, se a occasião se repetisse.

— Não devo detel-o por mais tempo — disse Sophia, levantando-se com indignação quasi theatral, mas verdadeira. Converse um pouco com a mademoiselle em estampilhas. Eu vou á varanda do lado do mar, já volto.

— Antes de se ir embora — insisti — peço-lhe que mude a sua tenção sobre amanhã.

— Amanhã?

— Promette-me a segunda valsa em casa dos Menezes, sim? — solicitei.

Sophia encarou-me com terrivel olhar de desdem. Todavia eu estava representando a



...Surdiu de bicyclette...

capricho um Priola. Sentia-me Le Bargy, com todo o ar e descaro d'um D. Juan moderno. Leituras aturadas de Bourget e de Lorrain que eu punha em pratica; resultado immediato de quanta comedia *rosse* vira representar no D. Amelia.

— Oh! é intoleravel! — murmurou Sophia, muito baixo, mas não tanto que eu não ouvisse muito bem.

No mesmo instante, abriu-se a porta e o

criado perfilou-se a um lado para deixar entrar na sala uma visita.

— A senhora D. Alda Lopes — annunciou o criado.

D. Alda entrou com o braço esquerdo suspenso n'um involucre de couro, mas sempre elegante e desenvolta. O criado ia retirar-se quando Sophia o chamou.

— Não feche, Joaquim — e Sophia tinha o rosto ruborizado até o carmim. — O sr. Sampaio vae sahir.

— Parece-me que posso ainda dispôr de mais alguns minutos — respondi, consultando o relógio naturalmente.

Sophia mordeu o labio inferior enquanto o criado cerrava a porta. Ella sentiu desejos, supponho, de me bater e de não fallar á Lopes, mas esta risonha, esturdia :

— Ah! minha Sophia! — exclamou no seu habitual modo effusivo, ao mesmo tempo que me fazia um signal com a cabeça. — Ainda bem que vieste do campo. Teu tio acabou cedo a vindima. Felizmente. E divertiste-te? É impossivel.

— Desejava bem lá estar agora! — Foi a resposta secca, quasi por entre os dentes.

D. Alda não attendia a estas pequenas cousas, e já mirava indifferente, mas remechendo, o pequeno bastidor de collo da made-moiselle.

— Em todo o caso foste mais feliz do que eu.

— E' verdade o braço já vae entrando no seu logar? — perguntou Sophia com frieza.

— Sim, mas tenho de soffrer isto um mez — e apontou para a suspensão de couro artisticamente afivelado.

— E' singular — interrompi — que estivessemos fallando no seu accidente quando v. ex.^a chegou!

— Ah! — exclamou D. Alda risonha. — Sem duvida forneci assumpto a muita gente.

— E' para admirar que não tivessem morrido — disse Sophia.

— Julgas que o merecia, minha querida? — interrogou D. Alda sorrindo-se — E se o fosso estivesse cheio d'agua havia de ser muito peor. O sr. Sampaio foi um excellent amigo na adversidade!

Sophia parecia olhar para ambos nós com o mais profundo desprezo. Resolutamente interrompi.

— D. Alda, v. ex.^a conhece Sophia desde muito?

— Meu caro sr. Sampaio, não fomos innocentes *babies* ao mesmo tempo; porém vestimos ainda juntas muita boneca, e não sei se Sophia completou ultimamente os seus lindos vinte annos.

— N'esse caso, é tempo bastante para co-

nhecer que ella é discreta, muito além dos seus annos, não é verdade?

— Sim. Mas no que estava dizendo a meu respeito não havia indiscrição? — perguntou-me com pressa, franzindo levemente os seus magnificos sobrecolhos arqueados e asymetricos.

— Pelo contrario — apressei-me a responder — fiz sacrificio completo da minha pessoa.

— Difficilmente os homens se sacrificam — ainda objectou D. Alda.

— Em todo o caso aproveitei o ensejo para apresentar um admiravel exemplo.

— O que? O que quer dizer?

Sophia parecia um tanto espantada não comprehendendo a conversação. Quedei-me propositadamente silencioso por instantes na espectativa.

— Seja generosa e franca — suggeri.

D. Alda olhou para o rosto ruborizado de Sophia e depois voltou-se para me examinar.

— Como parecem ambos solemnes!

— Pertence-lhe fazer-nos sorrir outra vez.

— E' preciso que me vá embora! — gracejou D. Alda.

— Pelo contrario, deve ficar para explicar tudo a Sophia.

— Ora, certamente não deve ser necessario.

— Pela minha parte — atalhou Sophia — não desejo ouvir uma só palavra.

— Então adeus, minha querida! Vou deixal-os.

— Não, não! — exclamei rindo — e colloquei-me com as costas para a porta, a impedir-lhe a passagem.

— Quantos homens — disse D. Alda subitamente reflexiva — teriam orgulho da aventura!

— Sem duvida, ha porém uma mulher — insisti — que não está nada contente.

— Pelo menos muito surprehendida — concluiu Sophia.

— Comprehendes com certeza — disse D. Alda, voltando-se para Sophia, um tanto nervosa — que o sr. Sampaio, muito amigo de conservar a sua vida, não se metteria a conduzir um automovel. Não se lhe conhece ainda esta sua nova aptidão de *chauffeur*. Elle não aquece sequer as platéas.

— Não seja cruel — e eu sentia a ironia d'aquella phrase, que me recordava o desastre da minha peça. — Em todo o caso não teve muito de que se gabar o sr. Villar de Murteda.

O amor proprio, o despeito, fez-me ser incorrecto. Denunciei o nome.

— O Murteda — exclamou Sophia.

— Sim, a historia é bem simples — completou D. Alda, contrariada, mas sincera.— Como sabes, o Murteda é exímio *chauffeur*. Ora, desde o meu primeiro passeio com o Pedro da Costa, adoro as corridas em automovel. Uma delicia! Tinha ficado de dormir em casa da minha mãe, para não forçar o Lopes a ir buscar-me. Era o que tencionava fazer. Mas o Murteda esteve lá, instou comigo para dar um passeio, tentou-me e fui tão estúpida que me esqueci de mandar um bilhete ao Lopes. Eu devia lembrar-me de que o senhor meu marido não se regosija com que eu veja muito o Murteda. Os homens são de veras ridiculos! Como quer que seja o Carlos conduziu-me até Mafra e na volta para cá, logo no principio, elle soube ter a arte de deitar o carro para dentro de uma valla. Fomos ambos arremessados ao chão e eu parti o braço.

— Quasi, minha senhora — rectifiquei sorrindo — quasi. Partido é exaggero.

D. Alda precisava d'esta pausa, embora ironica. Para ella era um sacrificio enorme contar uma historia a seguir. Fallava velozmente. Em regra, n'um estylo telegraphico que lhe era peculiar.

— Então, então de onde appareceu o sr. Sampaio? — perguntou Sophia dirigindo-se para mim.

— Foi como o *tam tam* das magicas. Surdiu de bicyclette — exclamou D. Alda com o seu sorriso que lhe cava nas faces duas covinhas muito mimosas e tentadoras — moderna parabola do bom samaritano — como diria o sr. Sampaio.

— Talvez, minha senhora — confirmei, apesar do meu forte não ser citações biblicas.— De facto tinha trabalhado bastante, appetiteceu-me espaiar, fazer exercicio e *pedalar*; resolvi por acaso ir a Mafra, dormir lá e voltar no dia seguinte. Corria pela estrada quando vi um automovel virado na valla. Em breve reconheci com espanto D. Alda sentada sobre a relva ou sobre as urzes, e o Murteda, ainda a olhar para o inutil carro virado, de bojudas rodas para o ar, o feio monstro.

— Ora ahi tens a historia minha querida; e agora não pôsso realmente demorar-me mais tempo. Quiz vêr-te apenas, minha Sophia. O sr. Sampaio assegurou-me que eras discreta. Adeus, querida.

Eu fui adiante para lhe abrir a porta, e aproveitar o ensejo de lhe agradecer a confissão. Quando voltei, o rosto de Sophia já estava sorridente.

— Mais uma vez fui horriavelmente injusta! — murmurou.

— Isso não vale nada!

— Oh! peor emenda! — exclamou — então não se importa com o que eu penso a seu respeito? Mas conte-me cá; nem por sombras lhe passava na mente a Alda no vallado, o braço partido, o Murteda ao lado, e o automovel escangalhado! Devia ter ficado immensamente surprehendido de os vêr ambos?

— Sim, e pôde acreditar que não ha uma migalha de maldade real n'esta aventura da pobre D. Alda.

— Porém não gostaria que sua mulher...

— Nem pensar n'isso

— atalhei apressado. — D. Alda foi simplesmente imprudente.

— Mas — perguntou Sophia — o que foi feito do Murteda? Conte-me o final.

— Estava claro — expliquei — que D. Alda devia ser transportada logo para qualquer parte; o Murteda seguiu para Mafra na minha bicyclette, mandou-nos buscar n'uma carruagem e por lá o deixei depois a procura de quem lhe transportasse e guardasse a maldicta machina. D. Alda foi pensada no seu braço. Eu quiz jantar e ella acompanhou-me, e jantou tambem com appetite, quasi alegre. A minha pessoa resolvêra-lhe uma grande difficuldade e tanto bastava para a consolar do desastre.

— E depois o Lopes? Na volta?

— Se elle tivesse sabido que a mulher tinha sido conduzida pelo Murteda — respondi — não se pôde saber qual teria sido o fim de tudo isto

— Mas trazida para casa pelo seu bom amigo Sampaio...

— Só tive de ouvir a censura, apparentemente bem merecida, de me ter mettido a *chauffeur*, e ainda em cima experimentar a minha pericia á custa do braço da mulher. Com que paciencia evangelica o aturei, não imagina.

— A amisade exige esses sacrificios — sentenciou Sophia, reflexo d'alguma phrase concetuosa do tio Conselheiro.



Quando voltei, o rosto de Sophia já estava sorridente

— Porém todo o sacrificio deve ter uma justa compensação, não lhe parece?—e puz n'estas palavras toda a intenção de amuada ternura.

Sophia approximou-se da minha cadeira, e nunca me parêcera tão fascinadora.

— Qual? perguntou docemente.

— Que me dê a segunda valsa amanhã na *soirée* dos Menezes.

— Concedida. Com effeito merece-a; que eu fui muito injusta. Mas creia que n'esta semana se fallou mais do senhor, do que se tivesse publicado um novo livro.

Impressionou-me esta minha inesperada celebridade, e ainda por uma falsa aventura mundana.

— Como é triste a comedia da vida!— commentei alto para Sophia, emquanto pensava com os meus botões, quanto trabalho dispendido inutilmente para me tornar notavel e quanto tempo perdido em esperar — convicto sebastianista litterario! — pela manhã nebulosa em que acordasse celebre, ao menos, na pagina artistica do supplemento do *Seculo*, ao lado dos classicos portuguezes!

(Das Memorias de SIMPLICIO SAMPAIO.)



PROLOQUIOS GLOSADOS

Ouvindo aquella praga quisilenta,
que inda havias de ser minha mulher,
dizias: «Presumpção e agua benta,
menino, cada qual toma a que quer!»

Mas os tempos mudaram muito. Agora,
posto que de nós dois nenhum se queixe,
eu sempre digo á — presumpção — d'outr'ora:
«Menina, pela boca perde o peixe! — »

COSME.

As Estradas do Mundo

POR SILVA TELLES CONTINUA NO NUM. SEGUINTE



Diagramma do traçado do tunnel do Simplon desde Isella na Italia até Brieg na Suissa

O PODEROSO arco dos Alpes, percorrendo uma volta de Nice a Trieste, separa o reino da Italia do continente da Europa. Cadeias sobre cadeias de montanhas —o Maritime, o Cottian, o Graian, o Pennine, o Lepontine, o Rhaetian, e os Alpes Carnic defendem a entrada norte da Italia. Até o meado do seculo XIX nunca chegou a realizar-se a idéa de brocar o massiço das montanhas, permittindo a livre communicação por caminho de ferro entre a França, Suissa, Austria e Italia.

Os perigos das viagens a pé ou a cavallo pelos apertados desfiladeiros e a lentidão das incommodas diligencias tornáram-se intoleráveis e tanto que se utilizou a viação accelerada n'um esforço supremo e dispendioso. Hoje ha sete vias ferreas para a Italia. Ha o caminho de ferro da Riviera, o de Paris-Turim pelo tunnel do Mont Cenis, o de Brieg a Domo

Verona pelo caminho de ferro de Brenner, e finalmente, o de Vienna a Veneza pelo caminho de Pontebba.

O primeiro dos grandes tunneis alpinos, foi o do Mont Cenis. E' verdade que o primeiro caminho de ferro, atravessando os Alpes, corria por baixo da passagem Semmeriey, n'um tunnel medindo approximadamente uma milha, mas esta via foi inteiramente inutilizada pelo trabalho de furar aquelle outro, de sete milhas e meia de comprimento, continuas, através dos mais duros rochedos.

Pelos fins de 1857 começou-se o trabalho da abertura do tunnel, atacando a montanha

por ambas as extremidades. Ao principio os furos que depois eram carregados de polvora para explodir alluindo as rochas, eram brocados á mão! Portanto não admira que o progresso annual do trabalho não excedesse 500



Entradas, suissa e italiana, do tunnel do Simplon

d'Ossola sobre a passagem do Simplon, o de Lucerne a Lugano pelo tunnel do St. Gothard, o de Coire a Colico, o de Innsbruck a

metros. Por esse andar seriam necessarios trinta annos para se completar a obra. Porém, immediatamente, a engenharia introduziu bro-

cas de rochedos, trabalhadas pelo ar comprimido e pela força hydraulica, e assim tão activo e consecutivo foi o trabalho que em 1870, treze annos e um mez depois de se ter

sempre guarnecido por um destacamento de artilharia.

Este grande empreendimento suscitou as ambições da Allemanha e da Suissa, e ambas principiaram de desejar um caminho directo para a Italia, que não atravessasse o solo francez ou austriaco. Esta ambição levou-os á construcção do grande tunnel do St. Gothard, presentemente o mais comprido do mundo, medindo mais de 9 milhas. O trabalho de cada extremidade do tunnel começou em 1872, e 8 annos depois os furos de ataque encontravam-se com admiravel exactidão. A celebridade do Mont Cenis eclipsou-se então completamente; o custo do St. Gothard attingiu apenas 160 libras por metro, ao mesmo tempo que estava feito em cinco annos, muito menos do que levou o Mont Cenis, apesar da sua maior extensão.

O trafico internacional da Europa soffreu uma nova orientação, attrahindo em grande parte para a Allemanha, o qual primitivamente passava através da França pelo caminho do Mont Cenis.

Só cinco mezes depois da bem succedida junção dos perfuramentos do St. Gothard, é que se deu começo ao trabalho do terceiro dos grandes tunnels alpinos, o Arlberg, correndo agora em linha perfeitamente recta, através da mantanha Arl e n'uma extensão de mais de seis milhas. N'esta occasião, foi a França e a Austria que desejaram ter comunicação directa por um caminho de ferro só através da Suis-



Um aspecto actual dos trabalhos do tunnel (12 1/2 milhas)

feito o primeiro furo, a espessa muralha, que separava a approximação do tunnel do norte ao do sul, ficou perfurada, de fôrma que se podia percorrer em toda a extensão, de uma extremidade á outra.

Em 1871, o tunnel estava aberto ao trafico internacional. Hoje os comboios percorrem-n'o de meia em meia hora.

O tunnel do Mont Cenis custou 240 libras por metro corrente — ao todo 3 milhões de libras approximadamente. E' para dupla via, tendo uma largura de 8 metros e uma altura de 6 metros ao nivel dos rails. Na extremidade do lado da França, um forte blindado defende-lhe a sahida, e do lado italiano está

sa; e o governo austriaco construiu a linha. Por sua vez os fastos gloriosos da construcção do St. Gothard foram excedidos, attendendo ao custo e ao tempo; pois o tunnel de Arlberg custou 110 libras por metro approximadamente, e foi construido em tres annos.

Antes da abertura d'este tunnel, o viajante que quizesse atravessar a fronteira entre as provincias austriacas do Tyrol e Voralberg, tinha de trepar um desfiladeiro de mais de 1500 metros de altitude, um dos mais difficeis em todos os Alpes tyrolezes e o unico que praticamente podia servir.

O viajante, que quizer hoje ir de Briega a Domo d'Ossola, tem diante de si um cami-

nho ainda mais difficil, pois terá de atravessar o desfiladeiro do Simplon, 2.010 metros de altura, pela grande estrada de Napoleão. A diligencia que a percorre duas vezes diariamente cobre a distancia em oito horas; mas, se tudo succeder com exito, em menos de tres annos estará terminado o longo tunnel que passa por baixo d'aquelle desfiladeiro.

O tunnel do Simplon fura a base do gigante alpino, o Monte Leone. Abrem-se, de facto, dois tunneis correndo lado a lado, e a uma distancia de uns 16 metros. Presentemente tem sido furado um com sufficiente largura para o trafico normal; o outro tunnel é utilizado por uma via estreita pela qual se conduz o material para os trabalhos, e tambem serve para a ventilação.

Os trabalhos no Simplon tem agora proseguido ha cerca de tres annos, devendo os empreiteiros completar o

tunnel em cinco annos e meio pelo custo de 2.800:000 libras sterlingas.

A broca de Brandt foi aproveitada com maravilhosos resultados — um instrumento com tres pontas cortantes de aço, trabalhado por pressão hydraulica, o qual fornece um avanço de 1,^m20 approximadamente em quatro ou cinco horas.

Quando as brocas teem atacado a frente da rocha durante duas horas, tendo aberto talvez uma duzia de furos, suspende-se o trabalho e emprega-se a dynamite, que estilhaça grandes blocos de rochedo, e em seguida poderosos jactos d'agua illiminam os destroços.

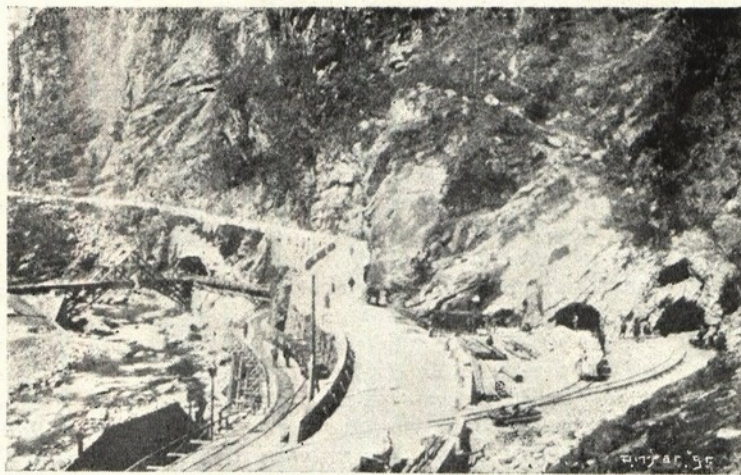
No decorrer d'um dia de trabalho cerca de quinhentas d'aquellas agudas pontas cortantes, ficam estragadas e teem de ser refeitas e novamente afiadas n'uma officina especial.

Na construcção d'um grande tunnel alpino, a temperatura elevada é talvez o maior perigo para o operario.

Quando se construiu o St. Gothard occorrem entre os operarios não menos de seiscentos fallecimentos, sendo principalmente devida esta pavorosa mortalidade ás mudanças de temperatura, soffridas pelos homens nas sahidas e entradas no tunnel. Tanto o engenheiro como o empreiteiro ali perderam a vida; porém no Simplon attende-se agora cuidadosamente á saude dos operarios. Saheem dos seus trabalhos do tunnel para uma grande construcção aquecida, onde mudam

os fatos da mina por outros seccos, e onde lhes são fornecidos banhos de douche, assim como por preço muito reduzido teem excellente comida e assistencia medica gratuita.

Desde outubro de 1901 o trabalho da extremidade italiana do Simplon atrazou-se consideravel-



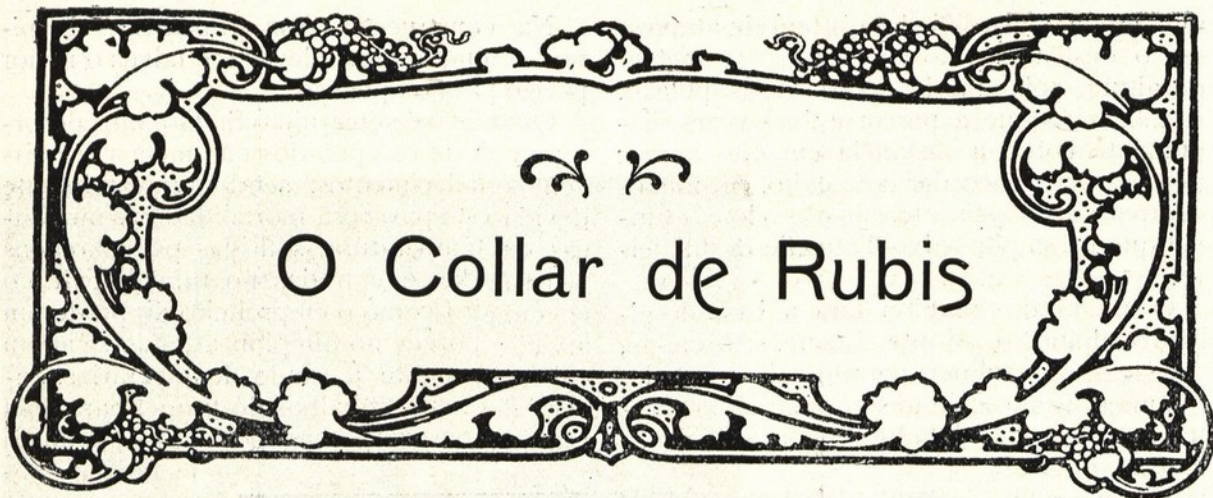
Entradas do tunnel em Isella; são tres á esquerda e duas á direita

mente pela inundação do tunnel por grandes volumes de agua d'uma nascente que ficára por descobrir. A agua brotou através d'um calcareo molle e a perfuração do tunnel teve de suspender-se emquanto os engenheiros procuravam o desvio da corrente importuna.

Antes de se completar o tunnel do Simplon, é provavel que se tenha já começado a perfuração do quinto dos grandes caminhos subterraneos dos Alpes — o já estudado tunnel do Splugen.

No decorrer do tempo de certo se construirão ainda outras linhas e tunneis. A linha de S. Gothard representou um pesado encargo para o commercio da França, causando-lhe uma diminuição annual que se avaliou em dois milhões de libras; e julga-se que a perfuração do Simplon dará egualmente para a França desastrosos resultados.





O Collar de Rubis

Synopse dos capitulos publicados. — Um financeiro londrino, Dudley Hatton, appellido «o rei do ouro», por conselho d'um seu amigo Foxall, e após a luta d'uma semana de crise bolsista, que acabou de o prostrar n'uma profunda neurasthenia, de que já enfermava, resolve ir consultar um medico especialista, o qual lhe prophetiza a loucura, se acaso teimar no trabalho violento dos seus multiplices negocios. Hatton é casado com uma filha de lord. e o preconceito aristocratico infelicita-lhe a vida domestica. Dudley volta á noute para sua casa vivamente preocupado com a sentença do medico, que reconhece, em consciencia, verdadeira pelos symptomas que o teem alarmado. Dudley espera por sua mulher, lady Hermione, e resolve ter com ella uma explicação. Lady Hermione recolhe tarde, depois de ter presidido a um bazar de caridade e de ter ido ceiar a Carlton, o hotel da moda. Encontra a pé o criado particular do marido que a espera, contra todo o costume. Dirige se ao gabinete de Dudley, onde tem uma viva discussão. Dudley perde quasi o conhecimento dos seus actos. Somente de madrugada recupera a consciencia. Vae deitar-se, passa defronte do quarto de sua mulher, vê luz e a porta entreaberta. Entra. Lady Hermione jaz no chão morta. Chama-se o medico que faz objecção a passar certidão d'obito. Descobre no cadaver vestigios de violencia. Dudley envia-lhe um cheque avultado. Tudo se aplaná. Dudley abandona Londres e os seus negocios. Foxall discute o caso com os seus amigos.

CAPITULO IX

Os escabrosos penhascos de Cornish eram alcantilados, quasi inaccessiveis; porém Beryl Garth trepou as veredas sinuosas com pés ageis de creança; e mal se achou no alto, procurou com a vista, em redor, o seu novo amigo, que a esperava, e correu para elle offegante ainda do esforço de subir as ingremes ladeiras.

Era na tarde d'um dia de fevereiro, e o crepusculo illuminava o horizonte, com enfraquecido esplendor, n'um largo arco dourado, ultima despedida do dia. No despojado promontorio, recortava-se apenas, em negro, com as irregularidades da construcção, o velho e solitario castello, erguido sobre o mar, e onde habitava Beryl. Algumas barcas de pesca fluctuavam ociosamente, mais ao largo, mas sem que se lhes enxergasse tripulantes, nem denunciasses a existencia de pescadores. Ouvia-se apenas, n'aquella hora silenciosa, a musica balanceada da costa, aquelle eterno murmurio do mar que bate as arribas ou rola sobre a arêa.

Beryl encontrou Dudley Hatton justamen-

te onde esperava que elle estivesse, sentado sobre um tosco banco de pedra donde se podia vêr, por entre a dentadura das rochas, a casa d'ella, e para leste as aldêas distantes, além de Black Head. Vestia como habitualmente, o seu casaco preto, e calções de montar a cavallo, e um d'esses chapéos macios de feltro que a guerra do sul d'Africa legou á moda do mundo. Beryl não sabia quem era Dudley; encontrara-o por acaso, fizera conhecimento com elle, fallara-lhe com a confiança dos seus poucos annos, e ás vezes pensava que elle talvez fosse um militar de Plymouth em goso de licença e reconforto de saude; ora um militar para ella tomava sempre o aspecto d'um heroe.

A pequena atravessou rapida o declive recoberto de plantas maritimas, que os separava, approximou-se do seu novo conhecido e suppondo que, se elle tinha uma attitude triste, era porque ella chegava tarde, explicou-lhe solicita o motivo da demora.

— Estou certa que cheguei tarde. Quando vinha descendo á pressa a encosta, disse comigo, — elle ha-de julgar que me esqueci e vae-se embora. — Porém não julgou isso, e

não se foi embora, pelo que estou muito contente.

Beryl tinha quinze annos; mas passara toda a sua vida n'esta costa deserta de Cornish, e educara-se como pudera; era o mixto mais extraordinario de mulher e de creança que se podesse encontrar. Se por momentos fallava nos cuidados do governo da casa, como se tudo dependesse d'aquella pequenina cabeça intelligente, em outros, entre-tinha-se a contar, olhando vagamente, as historias das fadas que povoavam o circuito apertado e cheio deervas más, da silenciosa bahia. A sua simplicidade não era menos attrahente do que a sua infantil curiosidade. Descobriria Dudley quando este estava, apenas ha uma semana, n'esta solidão propositadamente procurada; e elle, que desejava isolar-se dos homens, tornou-se, sem saber como, o companheiro da sua linda confidente.

— Conte-me, Beryl, conte-me o que succedeu? — perguntava elle, observando-lhe os olhos brilhantes e o rubor da carreira, que lhe dava novo colorido ao seu rosto saudavel.

— Meu pae está doente, — disse fallando, como sempre arrebatadamente; — não muito doente, sabe, mas muito zangado com a ausencia do seu amigo que partiu para Bodmin e disse que não estaria de volta senão na quinta feira. Mas eu sei que não é verdade, porque Dave Evans estava em casa agora, e quando Dave Evans vem, o pae sempre fica melhor. Hão de estar a pé toda a noute e acordarem-me—como fazem muitas vezes. Eu mal posso vêr os botes debaixo da minha janella, e cismo, e cismo, porque estão ali aquelles barcos? Mas o senhor. nunca poderia gostar de Dave Evans—continuava no mesmo folêgo; — tem as mãos grandes e vermelhas como caranguejos. E quando elle me

diz—Parece-me muito bem esta manhã, menina!—Eu quereria puxar-lhe as orelhas por ter feito tanto barulho durante a noute. E elle não gosta do sr. Hatton; diz que é um



É porventura ser velho com trinta ou quarenta annos, Beryl?

mysterioso. Como se alguém não podesse viver onde lhe agrada, sem pedir licença a toda a gente.

A Dudley interessava esta apreciação pouco lisongeira de Dave Evans. Elle previra que a vida que levava entre aquella gente desconhecida n'uma aldêa de pescadores, havia de lhes preoccupar os espiritos. Cortez e amavel para todos, vivia comtudo absolutamente só. A casita que o abrigava era a mais humilde do seu genero. O fiel Courvoisier, installado n'uma hospedaria de St. Vestall, não se subornava com a cerveja e a ci-

dra, e sabia evitar a tagarellice da aldêa. Não se lhe podia arrancar uma palavra. Os pescadores tinham de se limitar ás suas proprias supposições e phantasias; e emquanto uns diziam que Dudley era um advogado de Londres, desejando comprar terras, outros meneavam as cabeças profundamente sybillinos. Ah! o que poderiam dizer, se tivessem vontade de fallar! Mas como não queriam, mantinham-se em discreto silencio. E todavia St. Vestall não carecia de um mysterio. O castello do promontorio, onde vivia o pae de Beryl, era já bastante alimento para appetite curioso. Nas conversas de todos os dias faziam-se perguntas sobre o castello e seus moradores. Nunca havia resposta clara para taes perguntas.

— Tenho pena de dar tão pouco prazer ao sr. Evans, — disse Dudley quando Beryl acabou; — talvez elle tenha alguma casa para alugar e quizesse que eu a tomasse. Preciso eu proprio ver o velho. Esta pobre gente não tem mais nada que fazer senão fallar d'algumem. Emfim, como isso não me molesta, nem a si, Beryl, deixemol-os fallar como lhes agradar.

Beryl apressou-se a corrigir:

— Não, lá que elles trabalham, é certo, — disse ella. — Algumas vezes é durante o dia, outras não. Ouço-os toda a noute, debaixo da minha janella; e andam para um lado e para o outro como sombras. Depois os barcos vão-se embora e fica tudo em socego, e se estou com medo não o digo a ninguem. Na realidade é tolice, mas não posso evitar. Mas se o pae está afflicto...

— Nunca a Beryl me disse cousa alguma a este respeito.

— Eu não posso dizer-lhe tudo e demais não se havia de importar. Nada tem com isso. O pae está atormentado por muitas cousas, mas não diz nada, excepto quando o almoço não está prompto. Eu sei que elle está apouquentado, justamente porque nada me diz. É ali, apontava para o castello, tudo é solitario. Sabe, desejava que o sr. Hatton fosse meu pae! — concluiu Beryl com uma vehemencia infantil onde transparecia a historia completa de uma vida erma de affectos e de luz.

Não houvera na sua vida nenhum acontecimento tão memoravel como esta vinda d'um estranho a Black Head. O seu casual encontro com elle nos solitarios rochedos, a suavidade das suas maneiras distinctas, a sua amizade excediam em surpresa as fabulas dos contos de fadas. O sonho não podia durar, dizia Beryl.

— Sim, — continuou ella, dirigindo o olhar para o mar chammejante. — Eu quizera que

fosse meu pae. Nunca iria então para Londres; e assim irá com certeza. Toda a gente que vem aqui é só para se ir embora. E' para uma mudança, e faz-lhes bem. Só eu não comsigo ter uma mudança. Quando se fôr embora hei de pensar todo o dia e olharei para a bahia a ver se volta outra vez; e a bahia me dirá no marulhar das aguas, — Nunca mais, nunca mais! — Quando fôr velha, trinta ou quarenta annos, parece-me que ainda estarei olhando para esta mesma bahia escura.

— E' ser porventura velho com trinta ou quarenta annos, Beryl?

— Oh! são muitos annos! Por certo que não tem trinta nem quarenta. Eu diria, — deixe-me vêr, — sim, diria que tem vinte e cinco.

Dudley sorriu-se.

— Tenho trinta e sete, Beryl, — pense bem — trinta e sete! E com effeito sinto-me velho. Estou justamente como se tivesse toda a vida para trás de mim e nenhuma para diante. E a Beryl tem toda a sua vida para diante. Um dia irá para Londres, e pensará depois n'estes dias, e talvez com saudades, com muitas saudades d'elles.

— Eu gostava de ir a Londres, porque o senhor estaria lá, e poderiamos ver muita cousa — atalhou promptamente Beryl. — Quando vierem os livros que me prometteu ha de ler-m'os, sim? Londres deve ser melhor do que Wycemark, não é verdade? Meu pae nunca lê, e não me deixa ler. Por isso muitas vezes sonho durante o dia inteiro, se o governo da casa me não prende todo o tempo. Outras vezes deito-me sobre os rochedos e olho para o mar. Não podia fazer isto em Londres, porque lá não ha nem rochedos, nem mar. A minha criada, que se foi embora, costumava dizer que em Londres havia sómente policias.

A tagarellice infantil da pequena, no seu desejo de ver Londres, acordava na memoria de Dudley as impressões da grande cidade, que elle viera para ali apagar, a rude e violenta luta da vida, o esplendor e a luz, o seu bom e mau aspecto.

— Em Londres, — disse elle, como expressando alto os seus pensamentos, — em Londres, pequena Beryl, estão todas as riquezas do mundo. Em Londres os homens lutam, caminham, afadigam-se todo o dia em busca do ouro, e tem as mãos magoadas e os olhos vendados. Não veem o sol, a grande luz que tudo purifica e tudo reverdece.

Beryl abria os olhos abysmada sem comprehender.

— Oh! mas então são tolos — disse ella, depois de ter pensado um momento.

Aquella era a sua ingenua philosophia de simples.

— E os livros? Quando chegam?

— Em breve, Beryl, em breve — disse vivamente, e o velho correio ha-de fazer-lhe a surpresa uma manhã d'estas. E vem outra cousa. Que me diz, Beryl, a um bicycle?

— Não! — disse ella com os olhos brilhantes de contentamento infantil — o senhor nunca pensou n'isso, nunca?

— Deve cá estar talvez ámanhã; pelo menos assim o espero. Hei-de ensinar-lhe a andar n'elle, e poderemos então ir juntos a Falmouth vêr as lojas. Deve divertil-a, Beryl. Seu pae não se importará. E' preciso falar-lhe a este respeito.

A pequena ficou séria subitamente, e depois accrescentou com voz magoada:

— Oh! o pae não se importará de certo. Ninguem se importa commigo... ninguem absolutamente!

Dudley pegou-lhe nas mãos commovido. Aquella creança era para elle um encanto supremo. Levantaram-se e começaram a descer o sinuoso caminho entre penhascos. Tinha-se posto o sol. Aparecia uma leve neblina sobre as terras. Resfriava fortemente o ar ambiente.

— Diga-me Beryl, — perguntou como se um impulso interior d'um grande amor extinto o impellisse a fallar, — realmente desejará que eu fosse seu pae?

— Oh, sim, sim! — respondeu a pequena alegremente.

Dudley, com fervor, inclinou-se, e beijou-lhe a testa.

Separaram-se na encruzilhada mais abaixo, depois de lhe prometter que no dia seguinte viria tambem ao alto das ribas. O velho e arruinado castello recortava-se no seu contorno sombrio, negro, contra o céu poente; parecia talhado nos rochedos do promontorio, pesado, aspero, inhospito, como as proprias fragas da costa cortada a prumo sobre o mar, fechando quasi a pequena angra.



Dudley recolheu-se á sua humilde casa solitaria. Se alguém lhe tivesse dito seis mezes antes que estes dias de fevereiro o haviam de encontrar só e esquecido, exilado por sua propria vontade, longe do tumulto da vida, no silencio mysterioso de uma aldêa de Cornish, elle teria duvidado do são juizo de quem lh'o affirmasse. E todavia o estranho caso succedera. Fugiu dos homens, viajou ao acaso e para afastar dos olhos a visão dolorosa que o perseguia, mas enganára-se, sempre; a noute trazia-lhe de novo a visão sinistra.

A noute começara a fechar-se, enquanto andava; levantara-se vento, frio, irritante dos nervos, a neblina ia-se cerrando cada vez mais. Comtudo Dudley não se julgava só. Ninguem o podia vêr ali, nem accusal-o, nem tão pouco consolal-o; a voz do accusador seria apenas a sua propria. Apesar de tudo, ia andando com a figura de sua mulher morta ao lado, e todavia não sabia como ella tinha morrido. Cruciante duvida!

Um candieiro ardia na saleta da casita, e quando Dudley se aproximou descobriu pela baixa gelosia branca a sombra de Courvoisier. Nada podia mudar a fidelidade d'aquelle criado. Cidade ou solidão, palacio ou cabana, nada importava a Courvoisier. Seguia seu amo como um cão; nada pedia, de nada se queixava. Contrariava-o ter de se alojar na hospedaria pela falta de quarto em casa para ficar, porém, nunca fallara em tal. De noute e de dia estava sempre prompto ao serviço. Se não fosse elle, talvez seu amo não tivesse vivido com melhor comida do que o pão e o leite que os lavradores lhe mandavam. Dudley surprehendeu Courvoisier n'aquella noute, arranjando as cartas e os papeis sobre a mesa que estava defronte de uma janella aberta. De tempos a tempos o criado pegava n'um sobrescripto, collocava-o muito perto do candieiro contra a luz e examinava-o com um minucioso interesse. Outro qualquer que não fosse Dudley suspeitaria logo d'uma acção tão estranha, porém Dudley pensava ao contrario: «Elle não me deseja vêr incommodado com importunos correspondentes», dizia. Para Dudley, Courvoisier era indubitavelmente um thesouro.

N'aquella propria casa haviam sobejas provas da providencia e das attenções do insubstituivel criado. Habitação pobre d'um pobre lugarejo como aquelle era, Courvoisier soubera fazer maravilhas para a tornar quasi principesca. Fôra elle quem mandara vir de Londres os linhos brancos e os raros vidros lapidados; quem dera ordens aos estofadores de Plymouth para a mobilia e para o conforto luxuoso, quem determinara os quadros que deviam decorar as paredes velhas do velho pardieiro. Seu amo poderia ser errante, solitario, vagabundo, porém, Courvoisier pretendia pôr-lhe debaixo dos pés tapetes macios que lhe aveludassem a caminhada.

Seriam cinco horas approximadamente, quando se despediu de Beryl, e um quarto de hora depois, talvez, quando abria a porta da casa esperou um momento, no limiar, investigando attento, se brilhava alguma luz no escuro castello do promontorio. Comquanto não tivesse motivo real, conhecido, uma an-

cidade desusada pela pequena Beryl o affligia.

A acreditar-se nos dizeres da aldêa à situação de Rhoderick Garth era em extremo precaria. Dudley perguntava a si proprio o que succederia se a miseria irrompesse pelo portão do velho castello. Que seria da pequena Beryl? Viria ter com elle, com certeza — não havia ninguem mais a quem ella podesse pedir protecção, e n'estas possibilidades phantasticas ia entretendo o pensamento triste.



Entrou em casa e encontrou Courvoisier muito occupado com as chicaras de chá. Um fogo vivo ardia debaixo da grelha onde uma chaleira assobiava alegremente no principio da fervura. Havia luzes por toda a parte; comprehendendo o horror inteiro de seu amo á escuridão, Courvoisier intelligentemente prevenira-se contra ella. Sobre a mesa defronte da janella pousava uma camada bem ordenada de jornaes e de cartas, até mesmo de telegrammas de Londres. James Macalister, o seu braço direito na direcção da grande casa de Hatton & Hatton, tinha sido o unico a ter noticias d'elle desde a morte de sua mulher. Esse sabia bem da sua resolução de se isolar e raramente o incomodava. Homem intelligente e activo fizera tudo quanto pudera n'aquellas circumstancias adversas para sustentar o nome da casa. Conseguiu-o, defendendo a enorme fortuna accumulada, porém comprehendia que o cerebro dirigente cessara de pensar; que o genio creador já não impulsionava o seu trabalho, e o honrado gerente afizera-se já a idea de que melhor era ir liquidando tudo, conservando apenas o fructo dos annos volvidos. Pelo seu lado, Dudley tomara aquella resolução suprema. O que lhe podia agora dar o dinheiro? Poderia acaso illuminar-lhe as sombras do seu espirito e mostrar-lhe a verdade occulta? Poderia livral-o do tormento e da duvida? Elle trocava toda a sua fortuna pelo dia da propria absolvição a qual só lhe podia vir do conhecimento verdadeiro da morte de Hermione.

— Um telegramma de Cambridge, do sr. Romer, notou-lhe o criado quando entrou. Como vinha com resposta paga, mandei dizer «Escrevo». Pensei que quereria isto, senhor.

Deitando para um canto o seu chapéo de feltro, Dudley puxou uma cadeira para perto do fogo e encheu elle proprio uma chicara de chá.

— O rapaz quer dinheiro, supponho — commentou. Difficilmente se incomodaria a escrever-me, se não fosse isso.

Courvoisier deu corda a um candieiro e, como homem recto, que affectava ser, tentou fazer justiça ao procedimento do sobrinho de Dudley.

— Ha muitas mais cartas d'elle lá em cima — disse serenamente — mandadas de Park Lane para onde eram dirigidas.

A physionomia de Dudley perdeu a expressão de dureza. Esquecera-se, durante estes mezes de exilio, d'aquelle bello e risonho rapaz; porém recordava-se agora d'elle, da sua attrahente jovialidade, do seu bom senso, do seu pensar varonil, da sua bella presença de estudante de Cambridge.

— Hei de escrever amanhã — disse com voz bondosa; — lembra-me Courvoisier. Ha mais alguma cousa de interesse?

Miss Mary avisa que lhe manda algum dôce feito em casa. Está em Chrislehurst com as suas amigas, senhor.

— Póde ficar por lá! — disse Dudley, aticando o lume impacientemente, e em seguida perguntou:

— O sr. Macalister escreveu hoje?

— Aqui está um telegramma, senhor.

Dudley pegou no papel amarello e leu duas vezes o conteúdo antes que o podesse decifrar. Dizia respeito ao Great Southern Railway, cujos destinos o haviam interessado tão largamente. O que succederia agora ao Great Southern? Macalister dizia que as acções tinham descido dois pontos n'aquelle dia. Dudley arremessou desesperadamente para dentro do fogão o telegramma.

— Ainda hão-de descer muitas vezes dois — pensou elle. — E' só isso? Courvoisier. E na aldêa, nada de novo?

Estendendo uma toalha branca sobre a mesa de jantar, Courvoisier mostrou com um gesto de desdem a aldêa de S. Vestall.

— Aqui não tem havido nada de novo desde o principio do mundo. Tenho pobres companheiros na hospedaria, asseguro-lhe, senhor; simples tagarellices e ordinarias até mais não ser!

Dudley aconchegava uma almofada atrás das costas, ao mesmo tempo que se sorria da noção de vulgaridade do seu criado.

— Estava pensando em Rhoderick Garth — suggestionou, interrogando-o; cada vez mais mysterioso, não é assim?

— Oh, sim, é d'elle que se falla, senhor. O sr. Garth com certeza é aqui uma pessoa muito celebre. Havia de ouvir quanto se falla d'elle lá em baixo, no *Blue Dragon*; e não admira tambem, visto a maneira como elle lhes desenferruja as linguas.

— O que queres significar com isso, Courvoisier?

O criado arrumava sobre o aparador

improvisado os talheres de prata, e reflectia no que deveria responder.

— Bem, senhor, é ultra-delicado fallar n'este assumpto. Uns obteem o seu *brandy* barato demais e outros poderiam tel-o mais caro. Eu por mim apenas sei que é bom *brandy*, um regular *fine champagne* — e não demasiadamente caro, quando se sabe onde obtel-o!

— E tu és conhecedor, hein, Courvoisier?

— Sim, senhor, realmente conheço um copo de bom *brandy*, quando o provo, e desculpe-me a liberdade, mas comprei uma garrafa para seu uso particular.

Dudley ha muito tempo não ouvira cousa tão divertida.

— O que! — exclamou — queres fazer de mim um contrabandista?

— De forma alguma, senhor: está comprado e pago, pôsso assegurar-lhe. E ainda ha mais algum para se obter de onde este veiu. O fisco é muito severo com esta pobre gente pescadora, senhor.

— Mas o sr. Garth não é um pobre pescador; é um magistrado, sabes.

— E' verdade, senhor; e o irmão d'elle, que morreu no mez passado, era official do fisco aqui. Eu nada affirmo, nem suspeito. O povo é que faz os seus commentarios.

— Então na aldêa, acaso, realmente suggerem que Garth é contrabandista?

— Oh, não! Não é isso, senhor. A aldêa recebe o que póde e agradece. Mas o senhor vê, o velho castello é um lugar escuro. Os rochedos estão cheios de adegas, segundo contam, e o finado sr. Garth era muito amante de vinho do Porto, como a predilecção do irmão vivo parece ser a de *brandy* velho. Se um pobre pescador chegava aqui da França, com uma garrafa ou duas, ou talvez um pequeno barril, é natural que fosse procurar o fiscal do districto? Tenho ouvido dizer que o sr. Garth tem feito excellente negocio em *brandy* n'estes ultimos cinco annos.

— Sendo o irmão d'elle official do fisco, e elle magistrado! E' uma felicidade vivermos n'um paiz livre, Courvoisier!

Courvoisier abanou a cabeça.

— Não tão livre, peço perdão senhor, como se lhe afigura. O novo official é da sociedade de Temperança, dizem-me, e nada delicado. Todos nós temos as nossas afflicções e supponho que o sr. Garth tem as suas. Dizem lá em baixo, na aldêa, que ha mandado de captura contra elle. Espero que não



...seu amo podia ser observado...

seja verdade, senhor, realmente desejo que não seja. Não ha *brandy* assim em parte alguma n'estas immediações, segundo dizem os melhores entendidos.

— E o vendedor em caminho para a prisão? E' isso que queres significar Courvoisier?

— Em verdade, senhor, espero que não. O

sr. Garth é um cavalleiro e teria muita pena que a infelicidade o surpreendesse. E a menina, Beryl — por cousa alguma desejaria que tal succedesse!

Dudley ficou silencioso com a lembrança da pequena Beryl. — Sim disse consigo — são sempre as creanças que pagam, n'estes casos. De resto deu pequena importancia á historia. Era bem possivel que, pensou elle, muitos pequenos barris de *brandy* viessem para terra sem pagar direitos n'aquella costa solitaria; mas que um magistrado e lord de feudo se utilisasse da sua casa para uma fraude systematica, parecia-lhe invenção digna de S. Vestall. Rhoderich Garth devia ser bastante intelligente para saber esquivar-se á lei. A pequena Beryl continuaria a viver no sombrio castello apumado sobre o mar, e elle, Dudley — quem sabe onde?



Dudley fez rigorosa *toilette* para jantar e ás nove Courvoisier retirou-se para a hospedaria. Mesmo ali, na deserta Cornish, os velhos habitos de civilização eram ainda respeitadas.

A sua riqueza fornecia-lhe diariamente os confortos da existencia. Ali, n'aquella noute, sobre a mesa estavam castiças de prata, vidros de Veneza raros, vinho de historicas vindimas e charutos que nem todos logram fumar. Elle aceitava estas cousas como materia corrente, sem reflectir no zelo previdente de Courvoisier, que lh'as proporcionava.

Todavia Courvoisier tinha ainda outras occupações de que Dudley não suspeitava. Tão depressa sahiu de casa n'aquella noute, bateu com violencia propositada a porta do jardim e cauteloso voltou para trás para espreitar através da dobra que fizera expressamente na cortina da janella. Por muito tempo se conservou ali, em pé na profunda escuridão da noute. Todo o acto, todo o movimento feito por seu amo podia ser observado. Quanto daria elle para saber em que estava pensando o homem silencioso! No entanto Dudley permanecia impenetravel. Nunca tinha a minima expansão com elle. Uma hora, pelo menos, nem sequer se moveu da cadeira, nem olhou uma unica vez para a janella. Quando, finalmente, se levantou e começou de apagar as luzes uma a uma, lia-se-lhe no rosto uma amargura intima e, Courvoisier retirou-se, murmurando:

— Está ainda sonhando. Bem, deixemol-o sonhar! Vale uma fortuna para mim!

Dudley, em verdade, estava sonhando, e o seu criado, talvez fosse o unico homem no mundo que lesse aquelles sonhos acertada-

(Continua)

mente. Ali, no silencio da noute, cortado apenas pelas rajadas dolorosas do vento, homens e cidades bem distantes, pensava que ninguem o observava, e vivia outra vez na mente a grande tragedia da sua vida. Nada podia apagar aquella visão, nenhuma força a podia destruir. Lutava pela verdade que perdera; mas a verdade fugia-lhe sempre. intangivel, na fluidez da duvida. E as visões andavam em volta d'elle sempre. Ellas reproduziam-lhe o passado, obrigavam-n'o a revivel-o, abafavam os seus gritos d'alma, punham-lhe mão de ferro sobre o coração, transportavam-n'o outra vez para a noute do dia em que Oliver Chaplain o avisara de que estava imminente o fim da sua ambição — tudo tentado, tudo perdido na cubiça do ouro. Todas as minudencias da noute terrivel comprimiam o seu cerebro allucinado. Recordava-se como jantára no *club*, como voltara a casa e quizera fallar com Hermione — o amor que o animava, a *sympathia* que implorava. Os momentos d'aquella scena occorriam-lhe um a um; mas o fim?! O final impenetravel? Via apenas Hermione estendida morta no chão, defronte d'elle. Uma vez mais se ajoelhava e beijava aquelles labios que nunca mais lhe haviam de responder. Uma vez mais gritou apaixonadamente — Hermione porque não me fallas? — Recordava-se como os criados tinham vindo ao quarto, e ouvira vozes a segregar... Porque teria ella morrido assim, inesperadamente? A suffocação da angina do coração? Mas a pisadura do hombro? Teria elle contribuido para a morte? Quem sabe, teria sido um assassino?

Dudley tremia convulso; inclinou-se sobre o fogo, que crepitava, unico ponto luminoso do quarto. A figura de sua mulher morta estava de pé ao lado d'elle bem distincta; diligenciou fallar-lhe, mas os labios não puderam articular palavra. Tocou-lhe na mão, fria como o marmore. Porém os olhos, que em vida nada lhe diziam, não o arguiam agora que estava morta. Parecia-lhe que olhavam para elle com amor, como elle a conhecera em annos esquecidos. Quanto desejaria attrahir a si aquella figura, incoercivel e apertal-a bem junto, contra o peito, que Hermione lhe podesse dizer: «Tu não és culpado;» mas continuava immovel sob a fascinação, sem poder sacudir o torpor invencivel.

Quando afinal, n'um supremo esforço chamou a si a razão e se ergueu de repente, a visão desvanecera-se suavemente, na sombra do quarto como viera. E o fogo tinha ardido a ficar em cinzas; a noute era longa ainda, e o vento do mar, em rajadas intermitentes, roçava com azas de ave sinistra, os vidros da janella.

Adaptado do inglez, segundo MAX PEMBERTON

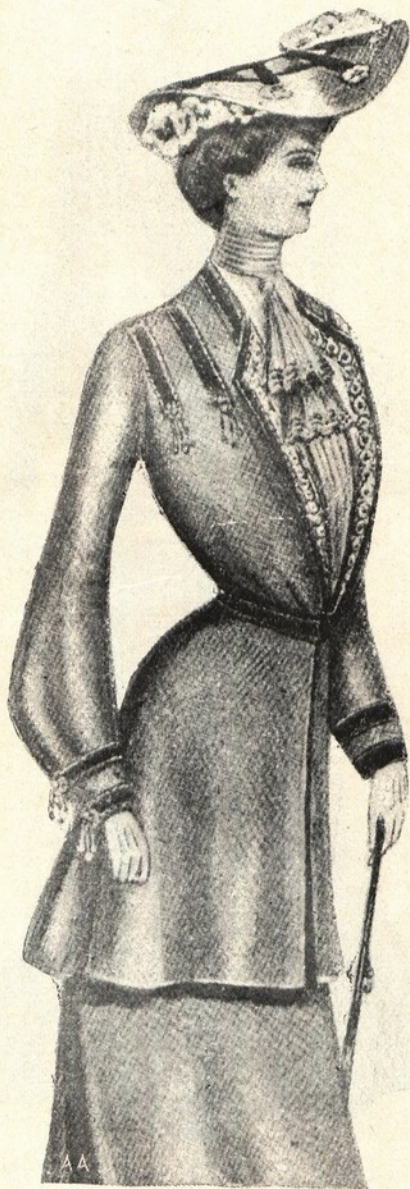
MODAS

COM a mudança de estação voltam a ocupar as *vitruines*, as prateleiras e os armarios das grandes casas de modas e novidades as fazendas de inverno, pannos de acabamento *acheviotado* e *casimiras*, as sedas fortes, os velludos e as pelles. Apesar da extrema variedade das modas, é sempre limitado o campo dos seus caprichos; de longos annos que se attingiu nos tecidos, restrictos á lã, á seda, ao algodão e ao linho, a mais variada e inexcedivel complexidade de desenhos e de combinações, de sorte que a moda é propriamente o predomínio temporario e ephemero d'um d'aquelles desenhos ou d'uma d'aquellas combinações que vão sendo percorridas em estações successivas e voltam por seu turno a ser novamente adoptadas. Tudo no mundo obedece a esta lei geral de oscillação *rythmica*, de repetição *synchronica*, como o fluxo e o refluxo do mar.

Para as fazendas de inverno, a tecelagem produziu este anno os mesmos tecidos conhecidos, em liso, em mescla, e em riscado. A moda opta por estes ultimos e procura n'elles as variedades mais simples, o xadrez branco e preto ou branco e azul, o riscado phantasiado de cruzetas multicores, miudas e pouco salientes á vista, para confeccionar os vestuarios genero *tailleur*, que é aquelle que mais predomina n'esta estação, em *toilettes* de rua, logicamen-

te escolhido, o que nem sempre succede em modas, tanto mais que parece afirmar-se, ainda que não muito generalizado, o uso das saias curtas, moderadamente é claro, redondas em baixo, mantidas em elegante rodado pelo emprego de saias de baixo fortes com largos folhos de seda. Era para louvar a generalização dos vestidos de comprimento moderado, sem cauda e sem tocar no chão; seria uma conquista da hygiene, ainda que conseguida por motivo bem diverso, pois a razão principal que tem determinado o córte curto dos mais recentes modelos é a adopção de *toilettes* apropriadas ao automovel, meio de conducção bem differente do commodo e luxuoso recosto das *commodas victorias* e dos *coupés* agasalhados.

Assim pois, se os tecidos fabricados em riscas parecem obter agora a preferencia em contraposição aos tecidos lisos ou mesclados com pintas, que ultimamente se usaram, as côres claras tambem foram substituidas pelos tons escuros, caracterizando a moda o tom *castor*, embora os cinzentos de numerosas cambiantes tenham obtido nos grandes centros uma intensa procura. Porém, como a variedade de coloração de



tecidos é bastante ampla nos mostruarios modernos, o gosto de cada elegante pôde ser satisfeito com facilidade, e tanto mais que na escolha do tom do vestuario vae uma grande

demonstração do saber ser bella, o supremo artificio feminino.

Passando dos *draps* ás sedas, convém notar que as fortes sedas lavradas recebem um acolhimento muito favoravel, prestando-se á confecção dos corpos e dos casacos que substituem os *boleros* e as *blouses*, podendo melhor ajustar-se ao corte e á simplicidade dos enfeites, visto que os galões estão abandonados, as ornamentações de passamaneria menos utilizadas, e todo o requinte de ornato luxuoso se resume actualmente no emprego de botões, como na composição de *toilettes* com velludos e guarnições de pelles. Os modelos que acompanham este artigo dão uma indicação geral dos cortes mais usados.



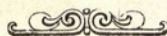
Mostra a nossa primeira illustração um vestido com saia lisa, forrada, e um casaco com abas. O casaco é ajustado nas costas, apertado na cintura, levemente apanhado na frente, o reverso da frente aberto sufficientemente, para mostrar a guarnição de seda branca lavrada e matizada. Se o tempo estiver todavia frio, estas frentes podem ser acolchetadas ou abotoadas com alamares de seda. O enfeite consiste em tiras lisas de velludo preto, cortadas em angulo nas extremidades e acabadas com ornatos ou borlas de seda e botões. As abas que fecham completamente na frente, ajuntam-se tambem nas costas n'uma prega em reverso, forrada de seda.

Esta segunda illustração apresenta um elegante modelo que pode ser confeccionado em velludo com enfeites de seda e medalhões de renda italiana, ou em fazenda de inverno com as tiras de enfeite em velludo e os mesmos medalhões. Empregando-se flannels, é melhor conservar os enfeites da mesma fazenda, sobretudo se o desenho fôr em riscas.

Uma blusa-camisa que apresenta um aspecto muito distincto com os seus enfeites de renda irlandeza, botões e tiras debruadas da propria fazenda, ou de seda, se a blusa é de velludo; as costas com costura e as frentes ajustadas, sendo abotoada de baixo da prega larga no centro da frente. Dispõem-se pregas nas costas, onde os apanhados na cintura as fazem rematar para o centro como na frente. Uma banda estreita e uma gola direita fecham no pescoço e o peitilho em Pompadour é ornamental, mas não é essencial. As mangas largas completam-se com punhos largos. O cinto é de couro.

Esta forma de blusa-camisa confecciona-se tambem em *peau de soie*, setim Liberty, *voile*, algumas fazendas d'algodão. As novas flannels de riscados e de cruzetas de que fallamos são extremamente proprias para este desenho. A saia que tem sete gommos completa o modelo com o mesmo enfeite de longas tiras, arrematadas

peios medalhões de renda e pelas borlas, e tapando as costuras das nesgas da saia. As pregas que terminam a saia produzem bonito effeito.



VARIEDADES

MEMENTO ENCYCLOPEDICO

Acontecimentos politicos e sociaes

JULHO. 10 — *Estados Unidos* — Uma nota official communica aos jornaes a noticia que a esquadra americana estacionará na Europa e a que sahiu de Lisboa vae cruzar provavelmente no Mediterraneo até dezembro e depois irá ás Antilhas. — *França* — N'um banquete em Marselha, o sr. Combes, presidente do actual gabinete, declara que o governo triumphára de todas as contrariedades, justificando a maneira porque fez cumprir e applicar a lei relativa ás congregações religiosas e especialmente a forma por que sabe repellar os pedidos de auctorização para clausura nos estabelecimentos de ensino. Accrescenta mais, que acceitára o poder com a condição expressa de que subsistirá a união do governo com a maioria. — *Inglaterra*. — O sr. Arthur Balfour, primeiro ministro, fallando em Londres dos disturbios na Macedonia, declara que o dever da Europa é secundar a Russia e a Austria no intuito de restabelecer o socego, e que a Inglaterra já representou á Turquia para que reprima os excessos revolucionarios.

12 *Hespanha* — Continuum em Barcelona as desordens entre a força publica e grevista. Um grupo d'estes tenta libertar um operario preso, a policia vê-se obrigada a dar-lhe uma valente carga. — *Turquia* — Rebenta uma insurreição no *Vilayet*, de Andrinopla.

13 *Austria* — Chega a Marienbád o rei Eduardo da Gran-Bretanha. — *Russia* — E' publicado em S. Petersburgo um «ukase» ordenando a formação do novo governo do Amour no districto de Ku-An-Tun, e nomeando governador do extremo-oriente o almirante Alexeieff.

14 *America do Sul* — Descobre-se em Santo Domingos um trama contra o presidente da republica, effectuando-se numerosas prisões. — *Hespanha* — Tem-se aggravado em Barcelona a greve dos pedreiros, receando-se que a elles se aggreguem operarios de outras industrias.

15 *Portugal* — Sua Magestade a rainha D.

Maria Pia parte para Lagos acompanhada pelas pessoas de sua comitiva, afim de assistir ás manobras das esquadras inglezas. — *Bulgaria* — Aggrava-se cada vez mais a insurreição na Macedonia. Em Boris e Saratof, proclama-se já a independencia, nomeando-se um governo provisorio. Os turcos agitam-se e fazem reuniões nas mesquitas. Affirma-se que os turcos estão resolvidos a assassinar o consul da Austria em Salonica. — *Servia* — Continuum as prisões em Belgrado dos implicados na conspiração contra o rei Pedro da Servia, que recebe diariamente cartas anonymas ameaçadoras. O sr. Avakoumovitch reconstitue o gabinete. — *Russia* — O *Mensageiro Official* annuncia que irá ás aguas turcas uma divisão da esquadra do Mar Negro.

17 *Portugal* — Em Lagos larga a esquadra ingleza para a costa, sendo previamente dividida em duas, uma que se dirige para leste e outra para oeste a ganhar a mesma distancia. O thema do exercicio é a defesa da bahia de Lagos e por isso logo que alcancem as distancias marcadas começa o exercicio, dando-se o combâte nas alturas da Piedade. Os torpedeiros entram n'este exercicio, regressando depois as esquadras ao seu ancoradouro. — *Hespanha* — A ordem dada pelo governador da Corunha prohibindo os reclusos de Parrida de tomarem parte nos comicios está de accordo com o procedimento francez prohibindo o «meeting» organizado em Lerroux. — *França* — Realiza-se em Paris a abertura dos conselhos geraes. Na maior parte d'elles são reeleitas as antigas mesas. O sr. Combes é reeleito presidente por unanimidade. Os srs. Jonnart e Méline e os ministros Vallé, Maruéjols e Trouillet são tambem reeleitos presidentes. O sr. Cavaignac não é reeleito. — *Columbia* — O senado columbiano regeita o tratado relativo ao canal inter-oceanico de Panamá.

17 *Turquia* — Tendo 3 batalhões turcos atacado uns 1000 insurrectos perto de Monastir, são repellidos depois de 6 horas de combâte em que perdem 200 homens.

19 *Hespanha* — A viagem do rei Alfonso

xiii estender-se-ha a Estella, Logrono, Huesca, Jaca, Zaragoza, Soria, e Valladolid regressando a Madrid em 17 de setembro.

20 China — Dá-se um levantamento geral das provincias chinezas. — **Turquia**. — O embaixador da Russia na Turquia, apresenta á Sublime Porta, um *ultimatum*, pedindo que a gendarmeria turca fique subordinada aos officiaes europeus; que os consules estrangeiros tenham attribuições na administração turca da Macedonia; e que se dê a liberdade a muitos prisioneiros bulgaros. — **Grecia** — Os consules communicam de Rouchew, que a egreja e a escola gregas são violadas lançando-se fogo a 322 casas de subditos gregos havendo muitos mortos. O governo pede a intervenção das potencias.

21 Turquia — Affirma-se que a Russia, Austria e Italia chegam a um accordo relativamente á occupação da Macedonia. Que esse accordo cifra-se no seguinte: que a Russia occupará os Dardanellos e a região contigua. A Italia a Albania, e a Austria a Salonica até á fronteira. Que esta occupação será provisoria enquanto a Turquia não implantar as reformas que promette. — **Japão** — De Tokio dizem que se agrava o conflicto russo-japonez, procedendo a primeira d'estas potencias de accordo com as potencias europeas.

22 Hespanha — O conselho de ministros approva as modificações do tratado commercial entre a Hespanha e Noruega.

23 Turquia — Em consequencia da satisfação dada pela Sublime Porta á Russia, a esquadra russa retira-se das aguas turcas.

24 Hespanha — Em Elche a greve dos alpercateiros degenera em luta entre os socialistas e não socialistas. A autoridade intervem afim de evitar a alteração da ordem publica. Os socialistas asturianos colligam-se com os republicanos afim de lutar nas futuras eleições. O conselho de guerra em Carthagená condemna á morte o condestavel que matou um commandante de artilharia. — **Portugal** — Levantam ferro de Lagos os restantes navios da esquadra ingleza do Mediterraneo, seguindo para Gibraltar.

25 Hespanha — O rei Affonso assigna decretos relativos a 40 obras publicas. **Turquia**. — Eumer Rustedipacha é exonerado de commandante em chefe das tropas turcas na Macedonia e substituido pelo marechal Ibrahim pacha.

27 Portugal — A esquadra ingleza do almirante Wilson entra no Tejo, fundeando no habitual ancoradouro dos navios inglezes, em duas extensas linhas, desde a Rocha do Conde de Obidos até quasi defronte do Bom Successo. Vem agradecer em nome do governo inglez a recepção que o rei de Portugal e o seu governo fez ás esquadras e as facilidades que concedeu aproveitando os portos portuguezes para realização das manobras. — **França** — São expulsos do seu convento em Sables d'Olonne os frades redemptoristas.

28 Marrocos — Os rebeldes batem as tropas marroquinas proximo de Tazza, inflingindo-lhe grandes perdas — **Turquia** — A situação do

«vilayet» de Andrinopla continua a preoccupar vivamente a Sublime Porta. O numero de insurrectos é calculado em seis mil.

29 — Portugal — Levantam ferro em direcção á barra do Tejo em Lisboa os navios da esquadra ingleza. Nas duas margens muitos milhares de pessoas assistem á partida dos vinte e dois colossos maritimos — **Hespanha** — Telegrammas recebidos das estações de transito dizem que a viagem do rei Affonso tem sido entusiastica de vivas acclamações. **Turquia** — Um destacamento de tropas turcas ao passar por diante do consulado austriaco em Uskub dá uma descarga de fusilaria sobre o edificio não ferindo ninguem — **Italia** — O Papa Pio x recebe com o ceremonial solemne do estylo o embaixador de Portugal junto do Vaticano, que lhe entrega as suas credenciaes.

30 — Russia — Um «ukase» imperial nomeia Witte presidente do conselho de ministros; Pleske, director do Banco do Imperio, succede a Witte na pasta da fazenda.

31 — Hespanha — O governo concerta com o Banco Hypothecario uma operação de cinco milhões de pesetas para as despezas a fazer com o pagamento aos repatriados — Estão em greve os praticantes de pharmacia — **Austria** — No jantar de gala dado hoje no Hofburg ao rei Eduardo da Gran Bretanha o imperador Francisco José celebra as relações intimas que existem entre os dois soberanos e os dois povos; diz ter a firme esperanza de que taes relações continuem sempre; e termina exclamando: «Viva o rei Eduardo!» O rei Eduardo nomeia o imperador Francisco José «field-marchal» dos exercitos inglezes.

SETEMBRO. — **1 — Turquia** — A situação continua sendo critica. Proseguem a mobilização das tropas, e as requisições de cavallos para transportes militares. — Dizem informações officiaes turcas que nos recentes combates de Smolovo, Neveska e Kliseuva são mortos mil e quinhentos bulgaros.

2 — Estados-Unidos — É preso em casa do presidente Roosevelt um individuo armado de revolver, parecendo um doido furioso que exige ter uma entrevista com o presidente da republica.

4 — Austria — De Vienna annuncia-se que as juntas revolucionarias macedonicas escreveram ao principe Fernando intimando-o a regressar a Sofia para se pôr á testa do movimento revolucionario ou a abdicar, e que o governo austriaco parece pensar n'uma mobilização militar. — **Italia** — Os carregadores do porto de Nice que se acham em greve, decidem n'uma reunião telegraphar a todos os portos do litoral de Genova, incluindo Marselha, para annunciar a greve e pedir a «boycottage» para os carregamentos destinados a Nice. — **Servia** — São presos em Nisch varios officiaes militares que n'uma proclamação redigida em tom sedicioso reclamam o castigo dos officiaes do exercito servio que tomaram parte na conspiração contra o rei Alexandre — **Inglaterra** — Regressa a Londres, da sua viagem á Austria, o rei Eduardo VII.

5 Hollanda — Lebaudy vae a Haya para so-

licitar uma decisão do tribunal de arbitragem com respeito á legitimidade da fundação do seu imperio do Sahara.

6 Franca — São supprimidos os honorarios ao bispo de Marselha, em consequencia da sua recente circular, atacando os poderes publicos. — **Turquia** — Os soldados bulgaros atacam a fronteira do «vilayet» de Andrinopla, mas são repellidos pelas tropas turcas. A situação permanece ameaçadora, continuando os grandes preparativos militares.

7 Hespanha — Os operarios do caminho de ferro do Meio Dia declaram-se em gréve, pelo facto da companhia não querer readmitir nm operario. Os grevistas em numero de 6.000 reúnem-se no theatro Barbieri. A junta directora da Sociedade Operaria é detida. — **Austria** — Realiza-se a abertura da conferencia da União inter-parlamentar na sala das sessões do «Reichsrat». O sr Plener, presidente, dá as boas vindas aos delegados estrangeiros e consigna o progresso da idéa da arbitragem internacional nos differentes paizes.

9 Inglaterra — O rei Eduardo VII nomeia o rei de Portugal almirante da marinha ingleza.

10 Turquia — As autoridades militares aprisionam nas proximidades de Kircheva 119 revoltosos que são mandados para Monastir afim de serem julgados.

11 Franca — Quatro navios de guerra francezes sob o commando do almirante Jauréguiberry recebem ordem de estar promptos a partir para o Levante afim de proteger os seus nacionaes que residem na Macedonia.

13 Franca — O sr. Combes, presidente do conselho de ministros, assiste em Treguier á inauguração da estatua de Renan, visita a casa d'aquelle publicista e preside a um banquete de 2000 talheres. Durante o banquete os catholicos percorrem as ruas em columna compacta, armados com bengallas, gritando e asobiando. Chegados defronte da sala do banquete os manifestantes lançam-se sobre os republicanos, empurrando-os violentamente, sendo dispersados pelos gendarmes. — **Allemanha** — Abre se em Dresde o congresso socialista, sendo grande a affluencia de delegados. E' eleito presidente do congresso o sr. Singer.

15 Turquia — São assignados em Constantinopla os actos relativos á unificação da divida ottomana, e trocadas as competentes notas entre a Sublime Porta e o residente da administração da divida. — **Grecia** — Reina viva agitação em Athenas - a proposito das eleições municipaes, havendo ruidosas manifestações seguidas de rixas sangrentas.



Acontecimentos mundanos, scientificos e artisticos

AGOSTO 10 — **Portugal** — Inaugura-se a exposição hippica na Real Tapada d'Ajuda em Lisboa. A instalação é magnifica, sendo esplendidos alguns exemplares apresentados pelos creadores. Suas Magestades, el-rei D. Car-

los e a rainha D. Amelia, assistem ao desfile do gado. — Faz se a primeira experiencia de velocidade á nova canhoneira «Patria», navegando desde a sua amarração em frente do Arsenal, até Cascaes e cabo Espichel. O novo barco mostra possuir boas condições de estabilidade. Com as machinas a $\frac{3}{4}$ de potencia deita em media 15 milhas.

12 Hespanha — O conselho de ministros em Madrid delibera contribuir para o levantamento de uma estatua ao grande poeta Verdagner. — **Africa-Oriental** — Descobre-se um novo jazigo de carvão desde o rio Crocodillo até á fronteira da Swazilandia e encostado á nossa fronteira. A exploração d'esta mina e das minas de carvão da Swazilandia logo que esteja construido o novo caminho de ferro, agora em estudo, transformará o porto de Lourenço Marques n'um porto de abastecimento de carvão, o que muito concorrerá para o seu progredimento. **Africa-Occidental** — Está em construcção uma linha telegraphica, de S. Thomé aos Angolares. Mede 27 kilometros aproximadamente.

15 Portugal — Realiza-se em Lisboa, no Jardim Zoologico a terceira ascensão no seu globo de mil metros cubicos mr. Carton, acompanhado do sr. Manuel José dos Santos, alferes de infantaria 16. — Realiza se em Leixões no Porto a «Regata-Leixões», perante numerozo concurso de povo e reinando a maior animação e entusiasmo.

17 Portugal — Abre em Guimarães a escola movel agricola Maria Christina fundada pelo «Commercio do Porto».

22 Franca — Os réus Thereza e Frederico Humbert são condemnados a 5 annos de reclusão e 100 francos de multa, Emilia Daurignac a 2 annos de prisão e Romain a 3 annos.

23 Franca — Parte do Havre o vapor «Le Français» que leva a expedição Charcot ao pólo sul.

24 Portugal — Inauguram se os trabalhos do caminho de ferro da Regoa a Chaves. Juntam-se para cima de 20.000 pessoas. E' um espectáculo magestoso. a passagem da ponte metallica que conduz ao local dos trabalhos.

25 Hespanha — Procedente de Lourdes chega a San Sebastian uma peregrinação de cerca de trezentos portuguezes, entre elles, alguns sacerdotes. — A rainha-mãe e a infanta Maria Thereza partem em direcção á Austria. — **Estados Unidos** — Na corrida da «America cup» o Reliance, americano, bateu o «Shamrock», inglez por 84 segundos. — **Italia** — Realizam-se em Roma os funeraes de Menotti Garibaldi com grande imponencia. No prestito incorporam-se Zanardelli e muitos ministros, officiaes militares, senadores, deputados, diversas associações com os seus estandartes e musicas. Os commerciantes fecham os estabelecimentos em signal de luto.

28 Hespanha — Inaugura se o concurso agricola em Placencia.

30 Russia — O hiate imperial «Alexandra» couraçado da esquadra Siava, é lançado ao mar na presença do tzar e da familia impe-

rial. — *Portugal* — Realiza-se a inauguração festiva da Escola de cegos do Porto, da qual é fundador o sr. Branco Rodrigues, distincto e incansavel professor d'esta especialidade.

SETEMBRO 2 — *Bruxellas* — Abre-se o congresso universal de hygiene e demographia, sob a presidencia do principe Alberto, estando presentes 500 delegados. São pronunciados varios discursos, entre os quaes se nota o do dr. Silva Carvalho, delegado de Portugal.

6 *Portugal* — Abre em Lisboa a exposiçao de horticultura, pomologia e alfaias agricolas. — *Allemanha* — Realizam-se as festas do Jubileu em Heidelberg pela numerosa população dos estudantes, professores, representantes de fóra e militares.

7 *Portugal* — Realizam-se em Lisboa, no Jardim Zoologico as corridas de bicycletes, tandens e motocycletes promovidas pelo «Touring Club de Portugal» sob o regulamento da «União Velocipedica Portugueza».

14 *Portugal* — Effectuam-se em Lisboa na bateria Rainha Maria Pia e fo te Duque de Bragança experiencias com os poderosos holo-photos para serviço d'aquellas obras de fortificação para defesa do Porto. — *Africa Oriental* — São creadas na Beira cinco estações de incendios, para no caso de fogo na povoação ou em navios surtos no porto, os soccorros serem prestados rapidamente. — *Portugal* — Chega a Lisboa o dr. Vasile Georgesco, o celebre «globe trotter», que anda percorrendo a Europa a pé, afim de ganhar uma aposta feita em Bucharest.

15 *Portugal* — Sua Magestade el-rei D. Carlos e o sr. infante D. Affonso chegam a Vianna para assistirem ás manobras militares. — *Brazil* — E' inaugurado no Rio de Janeiro um sumptuoso edificio, que occupa uma superficie de 546 metros, tendo 18 de frente destinado á sede do Centro do commercio de café do Rio de Janeiro

Accidentes

Agosto 10 — *Portugal* — Dá-se em Lisboa n'uma estancia de madeiras um pavoroso incendio indo communicar-se a uma fila de casas abarracadas pertencentes ao hospital do Destêrro, correndo este grande risco de ser destruido pelo fogo. Houve dois desmoronamentos de que resultou ficarem feridos alguns bombeiros, e os prejuizos foram importantissimos. — *Italia* — Sente-se em Napoles, Catania e em quasi toda a Sicilia oriental, abalos de terra. Ha grande panico e alguns estragos. — *França* — Rebenta em Paris um horroroso incendio na linha do Metropolitano, ao bairro de Menilmontant. Ha numerosas victimas, que na sua maior parte são operarios. No necrotério são depositados 84 cadaveres. Dão-se scenas deveras lancinantes de varias pessoas ao reconhecer entre aquelles despojos mortaes, paes, maridos, parentes, etc.

12 *Estados-Unidos* — Um cyclone devasta a cidade de Port Antonio, destruindo predios

de casas e egrejas, e fazendo numerosas victimas. Um cyclone devasta tambem as pequenas Antilhas, cahindo sobre a ilha de Cuba, destruindo os telhados de muitas casas. Em Santiago estão sem abrigo 4.000 pessoas.

13 *America do Sul* — Dão-se em Buenos Ayres violentos tremores de terra. Em Mendoza cahe a torre de S. Francisco e ficam numerosas casas destruidas.

16 *Turquia* — Entre Selenikovo e Kopril, na linha ferrea de Nekub a Salonica rebenta uma bomba explosiva á passagem d'um comboio militar, matando um soldado e ferindo muitos outros. — *Allemanha* — No decurso das manobras em Helgoland um barco torpedeiro abalroou com o couraçado «Kaiser Frederik III», matando um marinheiro. O torpedeiro soffreu taes avarias que foi logo retirado do serviço.

18 *Hespanha* — E' descoberto um roubo de 50.000 pesetas nas officinas do caminho de ferro central, em Aragão O director está detido para averiguações. — *Russia* — O tombadilho superior d'um navio que levava peregrinos de Helsnigfors, desaba com o peso d'elles, sendo os passageiros precipitados ao mar, ou sobre os passageiros do convés inferior, ficando mortos 30 e feridos muitos outros.

20 *Hespanha* — Numa fabrica de electricidade em Valladolid, dá-se uma explosão, devida á alta pressão das caldeiras. Ha apenas um ferido ficando a cidade ás escuras.

24 *Hungria* — Dá-se em Buda-Pest um grande incendio nos armazens Goldberg, e o fogo atea se nos predios vizinhos, reinando grande angustia, não tendo os empregados do estabelecimento tempo de fugir, perecendo muitos. — *Allemanha* — Manifesta-se em Gorze 19 casos de typho, mas até agora não ha nenhum obito.

26 *Italia* — O Vesuvio reabre a cratera situada a 1100 metros de altura que desde 1895 estava fechada. Uma enorme torrente de lava percorre primeiramente uma extensão de 400 metros e continuando depois a sua marcha na razão de 200 metros por hora.

28 *Turquia* — E' arremessada uma bomba de dynamite sobre um comboio em Constantinopla, momentos depois de parar na estação; atinge o wagon onde estão installados o restaurante e cozinha, que faz em estilhaços bem como os tres wagons contiguos. Ficam cinco pessoas gravemente feridas entre ellas duas mulheres turcas. No numero dos mortos conta-se o cozinheiro e um rapazito seu ajudante. São presos como suppostos autores do attentado tres empregados do caminho de ferro e um individuo estranho. — *Hespanha* — A fabrica de rendas de Olol é destruida por um terrivel incendio. O edificio é totalmente arruinado, e ficam sem trabalho 200 operarios. — *Italia* — Dá-se em Udine uma violenta colisão entre um comboio de tropas e outro de mercadorias, entre as estações de Passian Schiavonesco e Codroipo, havendo muitos homens mortos.

SETEMBRO 1 — *Hespanha* — Dá-se um incendio na fabrica a vapor Tarrasense em Madrid

O edificio fica destruido, e muitos operarios estão sem trabalho.

5 Argelia — Para as bandas de Elmougar é atacado um comboio por uma quadrilha de salteadores, que roubam 1.026 camelos. No decurso do ataque ficam mortos das forças francezas 1 capitão, 1 tenente e varios officiaes inferiores e soldados e feridos muitos outros.

6 França — Dizem de Chamberg que a aldêa de Cabise foi completamente incendiada, sendo apenas salvas tres mulheres gravemente feridas.

7 Hespanha — Suicida se em Madrid a filha do celebre politico hespanhol Rio de las Rosas.

8 Hespanha — Desencadeia-se sobre a cidade de Jaen uma terrivel tempestade, cahindo muitos raios, destruindo um d'elles o altar-mór da egreja de Santa Maria.

9 Servia — Mais de 1.000 pessoas atacam em Belgrado os redactores do jornal «*Vesgerni Novosti*» que tem defendido a causa dos officiaes conspiradores em Nisch, quebrando á pedrada todos os vidros das janellas.

Os redactores do jornal fazem fogo sobre os assaltantes, ferindo muitos d'elles.

11 França — Uma violentissima tempestade causa estragos em Dieppe, Cherbourg e Fécamp, faz naufragar algumas embarcações e põe outras em grande risco. — *Port Arthur* — Dão-se 18 obitos de peste em Muchuang e 1 caso em Yokohama.

12 Inglaterra — Uma enorme tempestade n'este paiz causa perdas consideraveis. Alguns barcos de véla estão encalhados, achando-se o mar coberto de destroços. — *Allemanha* — Uma violentissima tempestade causa estragos consideraveis. Munich, Nurenberg e outras cidades estão devastadas. — *França* — Dão-se casos de peste bubonica em Marselha.

13 Hollanda — O expresso de Amsterdam a Berlim descarrila na «gare» de Bameved, resultando ficarem feridas gravemente 3 pessoas e umas 15 ligeiramente.

14 Portugal — Sente-se em Lisboa e em muitos pontos do paiz um violento tremor de terra, mas de curtissima duração, causando grande susto.

NECROLOGIA

AGOSTO 10 — JULIO DA SILVA CARVALHO, no Funchal, 82 annos, o decano dos professores de instrucção primaria, ensinando desde os 24 annos, tendo portanto leccionado 58.

14 — GENERAL JOAQUIM THEOTONIO CORNELIO DA SILVA, general de divisão reformado, em Lisboa, 76 annos. Exerceu importantes commissões de serviço publico.

14 — CONDESSA DE GERAZ DE LIMA, em Calhariz de Bemfica, Lisboa, dotada de excellentes dotes de coração.

19 — GENERAL DE DIVISÃO JULIO CARLOS DE ABREU E SOUSA, em Belem, Lisboa, 64 annos de idade. O illustre finado era par do reino e foi por vezes deputado por Amares e por outros circulos. Foi militar distincto, cidadão honesto e chefe de familia exemplar.

22 — ROBERT ARTHUR TALBOT GASCOIGNE CECIL, 3.º marquez de Salisbury, em Londres, 73 annos. Par d'Inglaterra, chancellor da Universidade de Oxford, presidente do conselho, tendo então uma situação preponderante nos destinos do seu paiz; salientando-se pelo seu talento oratorio nas discussões mais importantes, conquistando uma influencia immensa e geral, affirmou os seus dotes de grande homem de Estado, tanto no governo do seu paiz, como na interferencia de politica internacional. Foi jornalista vigoroso, e chimico distincto.

29 — CONEGO ALVES MATHEUS, em Santa Comba Dão, Portugal, formado em theologia, foi deputado ás côrtes em diversas legislatu-

ras e finalmente elevado ao pariato. O dr. Alves Matheus foi tambem um orador sagrado de grande e merecida reputação.

29 — CONDE DE TABOEIRA, DR. JOÃO VALENTE, em Dresde, abastado proprietario no Douro e no districto de Aveiro, tendo sido em tempo deputado ás côrtes, e antigo vice-presidente da direcção da Real Associação de Agricultura.

SETEMBRO 1 — MARQUEZ DAS MINAS, D. ALEXANDRE MARIA DA SILVEIRA LORENA, em Loanda, pertencente a uma das mais antigas familias da nobreza do reino, digno par do reino, que ha annos dirigia a administração do caminho de ferro de Loanda a Ambaca.

1 — GENERAL CARLOS AUGUSTO FONTES PEREIRA de MELLO, em Lisboa, sobrinho do illustre estadista Antonio Fontes Pereira de Mello.

5 — GENERAL DE DIVISÃO JOÃO EDUARDO AUGUSTO VIEIRA, em Parede, arredores de Lisboa, 62 annos. um dos officiaes mais illustres e prestimosos do nosso exercito.

9 — JOÃO BAPTISTA BORGES, em Lisboa, 53 annos, jornalista, tendo sido socio fundador e redactor effectivo do *Diario de Noticias* onde prestou cooperação valiosissima e dedicação sem limites.

9 — CONDE DE MAGALHÃES, em Cascaes, 83 annos, um dos vultos mais salientes da sociedade portugueza, par do reino, e antigo ministro da fazenda

14 — REVERTE, o celebre toureiro, em Madrid, 30 annos.

THEATROS

AGOSTO 14 — DEVAGARINHO, revista em 3 actos e 10 quadros, producção do sr. Penha

Coutinho, com musica do maestro sr. Luiz Filgueiras (Theatro D. Amelia).

PHOTOGRAPHIA PRATICA

Dada a vulgarização sempre crescente da arte photographica entre amadores, que d'elle fazem agradável entretenimento, daremos com a regularidade possível n'esta secção, noticia de processos, formulas, machinas ou inventos, que possam ser praticamente utilizaveis.

Revelador concentrado hydrogminone-métol-iconogène

Agua fervida	200 c. c.
Métol	4 »
Sulfito de soda crystallizado	50 gr.
Hydrogminone	5 »
Iconogène	3 »
Carbonato de soda	50 »
» de potassa	25 »

Emprega-se: tomando uma parte da solução de reserva por 4 partes de agua.

Revelador com hydrogminone em duas soluções

A — Agua fervida	500 c. c.
Sulfito de soda crystallizado	100 gr.
Hydrogminone	10 »
B — Agua	500 c. c.
Carbonato de soda	100 gr.

Preparam-se os banhos definitivos, deitando 10 c. c. da solução B em A e inversamente 10 c. c. de A em B.

Revelador de kinocyamine em solução unica

Dissolve-se em primeiro lugar em um litro de agua fria fervida:

Sulfito de soda crystallizado	50 gr.
Carbonato de potassa	140 »
Soda caustica	1 »
Junte-se depois de completa dissolução:	
Kinocyamine	10 gr.

Este banho é accentuadamente vermelho e conserva-se muito bem em frascos cheios hermeticamente fechados.

Revelador de acido pyrogallico

A — Agua fervida	500 c. c.
Sulfito de soda crystallizado	140 gr.
Brometo d'ammonia	2 »
Acido citrico	2 »

Dissolver a quente e filtrar sobre:

Acido pyrogallico	50 gr.
B — Agua fervida	500 c. c.
Carbonato de potassa	250 gr.
Sulfito de soda crystallizado	100 »

Estas duas soluções conservam-se durante bastantes mezes sem alteração sensivel.

Emprega-se: Deitando n'um copo 100 c. c. de agua e juntando-lhe 5 c. c. da solução A, em seguida 2 a 10 c. c. da solução B, segundo o que fôr necessario augmentar de actividade do banho para dar os detalhes nas partes menos impressionadas. O accelerator B junta-se á proporção que fôr necessario e em pequenas doses, havendo cuidado em activar o cliché da tina ou deitar o banho no copo para o addicionamento do alcali.

Para tirar as nodoas de acido pyrogallico dos tecidos

Empregue-se a seguinte solução:

Agua	100 c. c.
Bichromato de potassa	5 gr.
Acido sulfurico	10 »

Lavando em seguida o tecido com agua acidulada (vinagre, summo de limão) com sabão e em seguida em agua pura.

Verniz de benjoim

Uma solução de benjoim a 1 10 no alcool póde servir de verniz negativo; mas na maior parte das vezes junta-se-lhe outras resinas que tornam a camada mais solida e menos pegajosa sob a influencia do calor.

O verniz seguinte, sobre o qual se póde retocar a lapis é um exemplo de quanto são uteis estes preparados:

Benjoim concentrado	5 gr.
Sandaraque	10 »
Alcool a 90°.	100 »
Oleo de ricino	2 gotas

Dissolve-se em banho-maria por sua ordem; filtra-se e deixa-se descançar durante bastantes dias afim de decantar a parte clara para frasco definitivo.

PACIENCIAS

Esperança (*Jogo de 32 cartas*)

Escolhe-se em primeiro lugar um naipe qualquer, *ouros*, por exemplo. Forma-se em seguida uma linha horizontal de 3 cartas e se n'ellas se encontrar uma ou mais de ouros põem-se de parte. Forma-se depois uma segunda linha de outras 3 cartas retirando sempre as de ouros, havendo-as, e juntam-se ás primeiras e assim successivamente formando até cinco linhas de 3 cartas ou quinze no total.

As vagas não se preenchem. Feita a operação para as primeiras 15 cartas, levantam-se e juntam-se ás que ficaram em mão, baralham-se e repete-se a mesma operação duas vezes mais.

Se depois de se terem passado as cartas tres vezes não ficar alguma de ouros na mão, considera-se a paciencia feita, isto é, ficando de fóra todas as oito cartas de ouros do jogo.

CONHECIMENTOS UTEIS

Papel odorifero—Para perfumar as casas ha o conhecido e vulgarizado *papel d'Armenia*; este e outro qualquer papel semelhante fabrica-se facilmente e por preço extremamente modico. Compra-se papel branco sem colla e molha-se n'uma solução saturada de nitrato de potassa. Deixa-se em seguida seccar e depois molha-se de novo na tintura odorifera cuja composição é a seguinte:—Benjoim, 100 gr.; essencia de rosas, 4 gr.; myrrha, 12 gr.; iris de Florença, 250 gr. e alcool, 300 gr. Esta tintura deve estar em maceração cerca d'um mez para depois ser empregada em molhar o papel.

outra, contendo 2,5 gr. de acido tartrico dissolvido em 1 litro d'agua e finalmente juntam-se-lhe 20 c.c. d'uma solução de anil, diluida em dois litros d'agua. Depois de deixar actuar o liquido durante alguns segundos, esfregue-se com panno e enxugue-se bem,



Conservação de cachos d'uvas—Limpar primeiramente os cachos de toda a uva que esteja maculada ou avariada, depois collocal-os sobre uma camada de serradura de cortiça e recobril-os da mesma para formar outra camada, e assim successivamente até encher o caixote que se fecha e se guarda em lugar que não seja humido.



Para tirar a ferrugem.—Nos objectos de ferro ou de aço, usa-se do seguinte processo que dá bons resultados. Começa-se por lhes tirar todo o vestigio de gordura com um panno bem secco, e depois esfrega-se o ponto atacado com uma escova embebida na solução que se prepara como segue: Dissolvem-se 100 gr. de chloreto de estanho n'um litro d'agua; deita-se em seguida esta solução n'uma

Para limpar marmores.—Empreguem-se 60 gr. de chloreto de cal n'um litro d'agua; lavem-se os marmores com esponja molhada n'esta solução e depois com agua pura. Para polir completamente passem-se os marmores com cera e agua-raz, esfregando-se com um pedaço de tapete.

PROBLEMAS

DAMAS

Está-se realizando em Londres um torneio n'este jogo, para decidir, quem ha de ficar o campeão no anno proximo. N'este certamente tomam parte os melhores jogadores da Ingla-

terra e da America que encarniçadamente disputam as honras do vencedor.

A seguir damos um jogo, segundo a formula portugueza, que deve interessar os amadores.

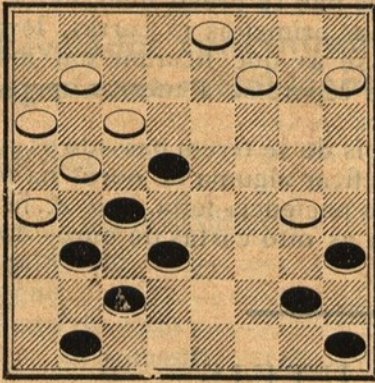
10-15	19-15	12-16	23-16	6-10	25-22	5-14	31-24	3-12
24-19	11-18	19-12	8-11	29-25	20-24	30-25	20-27	19-15
15-24	22-15	10-19	25-22	4-8	22-18	16-20	23-19	10-19
28-19	7-10	27-23	11-20	26-23	11-16	25-22	27-31	17-3
9-14	23-19	2-7	22-17	8-11	18-9	24-27	12-8	Emp.

PROBLEMA V

Formula Portugueza

Por LIGIA

Branças em 2, 5, 6, 8, 11, 12, 16, 17, 20.



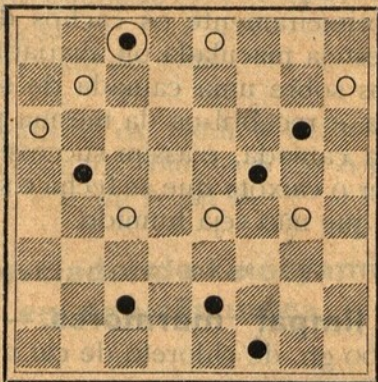
Pretas em 15, 19, 21, 23, 24, 25, 27, 29, 32.
Jogam as pretas e ganham.

PROBLEMA VI

Formula Portugueza

Por GEORGE KELLET — Parada de Gonta

Branças em 2, 5, 8, 12, 17, 18, 19



Pretas em 9, 14, 16, 26, 27, 30. Dama em 3.
Jogam as pretas e ganham.

Resolução do problema III (No num. anterior)

Por EDUARDO DOS SANTOS

Branças em 1, 2, 5, 9, 13, 15. Dama em 17.
Pretas em 11, 24, 26, 31.

Jogam as pretas e empatam :

31-27	31-7	3-21	13-17	15-1
17-31	19-3	9-14	1-15	17-22
24-19	1-6	21-1	2-6	Emp.

Resolução do problema IV

Por E. JOHN

Branças em 1, 3, 6, 8, 10, 12, 18.
Pretas em 16, 19, 21, 22, 25, 27, 31.

Jogam as brancas e ganham.

10-15	12-19	19-23	8-11	6-29
19-10	22-15	27-18	15-8	ganh. brancas

Correspondencia

Resoluções recebidas. — Dos srs. Pinto Bastos, Luiz d'Araujo, Monteverde (Braga), Jardim (Coimbra), Lidger (Lisboa), dr. Cortez (Vizeu), V. J. Harding, Cruz (Lisboa), Lopes (Braga), Correia (Parada), John (Lisboa).

Crux. — Devido a falta de espaço não publicamos o jogo que nos mandou: irá no nosso proximo numero.

F. M. P. — Aceitamos o repto. Com uma condição que quem perder dará 2:000 réis para os pobres. Como não podemos lá ir, jogaremos pelo correio: sendo nossa a sahida, por este correio segue o nosso primeiro laço, ao qual deve responder pela volta do mesmo. Logo que o jogo se termine será publicado.

Advertencias. — Não esquecer que o taboleiro é numerado de 1 a 32, que a diagonal de pedras ao centro fica á mão direita do jogador, que a numeração principia da direita para a esquerda, que as brancas estão na parte superior e as pretas na inferior. (Veja-se o n.º 20.)

Os jogos, problemas, resoluções, etc., devem ser dirigidos ao nosso collaborador J S., de forma que nos cheguem até 15 de cada mez para poder dar-lhe publicidade ou resposta.

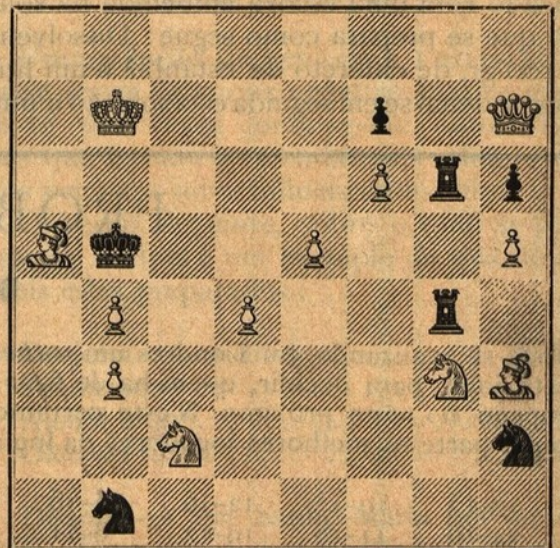
J S.

Resolução do problema de xadrez do numero anterior

- | BRANCOS | PRETOS |
|----------------------------|----------------|
| 1. C 2 R | 1. Ra 2 C R ou |
| 2. C toma Ra. xeque e mate | Ra 3 B R |
| | 1. Ra 1 C R ou |
| 2. C 6 B R xeque e mate | Ra 1 B R |
| | 1. Ra toma C |
| 2. P toma Ra faz B e mate | |
| | 1. P 6 T R |
| 2. T toma P e mate | |
| | 1. P 6 B R |
| 2. C 3 C R xeque e mate | |
| | 1. P 5 R |
| 2. C toma P 4 B R e mate | |

XADREZ

PRETOS (7 peças)



BRANCOS (12 peças)

Os brancos jogam e dão mate em dois lances